

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**TRAUMAS, SEDUÇÃO, SONHOS E FANTASIA: O ARCAICO E A DISPOSIÇÃO À NEUROSE EM
SIGMUND FREUD**

Vinícius Fratta Fritz

São Carlos

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**TRAUMAS, SEDUÇÃO, SONHOS E FANTASIA: O ARCAICO E A DISPOSIÇÃO À NEUROSE EM
SIGMUND FREUD**

Vinícius Fratta Fritz

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do
Departamento de Filosofia e Metodologia
das Ciências da Universidade Federal de São
Carlos, para obtenção do título de Mestre em
Filosofia.**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

São Carlos

2022

V. F., FRITZ

Traumas, sedução, sonhos e fantasia: o arcaico e a disposição à neurose em Sigmund Freud / FRITZ V. F. -- 2022.
121f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria

Banca Examinadora: Janaína Namba, Léa Silveira

Bibliografia

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Freud. I. V. F., FRITZ. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Este trabalho contou com financiamento da CAPES

*À minha família,
amigas e
amigos, irmãs
e
irmãos.*

À memória de Luiz Roberto Monzani

AGRADECIMENTOS

Especialmente à minha mãe, Marli Aparecida Fratta; ao meu irmão Gabriel Fratta Fritz; ao meu tio, Amauri Fratta; a Paulo Roberto Folegatti Rodrigues; e à minha companheira Júlia Scavanachi Lourenço. Aos amigos e amigas: Rafael Fernando da Silva, Steffanie Matias Coutinho, Gabriel Romero Ricardo, Mariane Ferreira do Prado, Carolina Oliveira Firmino, Matheus Henrique Ramos, Gustavo Campassi Salgado, Beatriz Tumbert Vasconcellos, João Mauricio Pedroso Gimenes, Andrea Verillo Campello, Paulo Roberto Carrano por sempre me ouvirem ora pacientemente, ora calorosamente sobre Filosofia, Psicanálise e Freud, e por partilharem a vida comigo.

A Pedro Reis Lima, amigo e tutor nos difíceis caminhos da língua alemã, e a todos os responsáveis pela existência e funcionamento da Escola Zwei, por toda a compreensão e acolhimento sempre ofertados.

À banca examinadora, pelos fundamentais apontamentos.

À Luiz Roberto Monzani, em sua memória e em respeito à sua obra, referência máxima na leitura de Freud.

E sobretudo à Ana Carolina Soliva Soria, orientadora da presente investigação.

SUMÁRIO: No texto *“A fantasia freudiana”*, Luiz Roberto Monzani nos conduz por uma investigação onde o lugar da controversa ‘fantasia’/hipótese filogenética - contida no texto encontrado por Ilse Grubrich-Simitis na década de 1950, intitulado *“Übersicht der Übertragungsneurosen”*, ou *“Neuroses de transferência: uma síntese”* - é demonstrado através do exame de alguns textos pontuais da obra de Sigmund Freud. Se se toma a afirmação do comentador de que desde seus primeiros escritos até o fim de sua obra Freud mantém uma certa equação etiológica cuja essência permanece mais ou menos a mesma, sem negar a influência de fatores externos e internos, parece crucial considerar os escritos de 1890 a 1900, de modo a reconstruir as nuances do pensamento do psicanalista a fim de avaliar de que modo a referida hipótese tem relação direta com o trabalho científico inicial de Freud, uma vez que intenta objetivamente responder a problemas teóricos implicados na criação mesma da psicanálise, no contexto específico da passagem da teoria da sedução à teoria da fantasia, o que se dá na última década do século XIX. O presente estudo é uma demonstração da maneira como a circunscrição da psicanálise em torno de seus objetos próprios cria também a condição teórica para que a hipótese filogenética seja concebida posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Filosofia; Fantasia; Sedução; Filogênese.

ABSTRACT: In the text *“A fantasia freudiana”*, Luiz Roberto Monzani leads us through an investigation in which the place of the controversial 'fantasy'/phylogenetic hypothesis - contained in the text found by Ilse Grubrich-Simitis in the 1950s, entitled "Übersicht der Übertragungsneurosen", or *“Transference neurosis: a synthesis”* - is demonstrated through the examination of some specific texts from the work of Sigmund Freud. If one takes the commentator's statement that from his first writings to the end of his work, Freud maintains a certain etiological equation whose essence remains more or less the same, without denying the influence of external and internal factors, it seems crucial to consider the writings of 1890 to 1900, in order to reconstruct the nuances of the psychoanalyst's thought in order to assess how this hypothesis is directly related to Freud's initial scientific work, since it objectively attempts to respond to theoretical problems involved in the very creation of psychoanalysis, in the specific context of transition from the seduction theory to the fantasy theory, which took place in the last decade of the 19th century. The present study is a demonstration of the way in which the circumscription of psychoanalysis around its own objects also creates the theoretical condition for the phylogenetic hypothesis to be conceived later.

KEYWORDS: Freud; Philosophy; Fantasy; Seduction; Phylogenesis.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: O TEXTO PÓSTUMO E OS ESCRITOS INICIAIS	8
CAPÍTULO II: RUMO À DEFESA E ÀS PSICONEUROSES.....	31
CAPÍTULO III: A TEORIA DA SEDUÇÃO	49
CAPÍTULO IV: OS SONHOS E A FANTASIA	75
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108

INTRODUÇÃO

No ano de 1983, Ilse Grubrich-Simitis levava a cabo os "preparativos para a publicação da correspondência entre Sigmund Freud e seu discípulo e colaborador húngaro Sándor Ferenczi" (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 8), em Londres, situação na qual descobriu, em meio à troca epistolar dos dois psicanalistas, o que deveria ser o décimo segundo artigo da série metapsicológica, intitulado originalmente "*Übersicht der Übertragungsneurosen*", popularizado entre o público brasileiro como "*Neuroses de transferência: uma síntese*" (EKSTERMAN, 1987). Neste artigo encontra-se o que se convencionou chamar "hipótese filogenética"¹, na qual foi feito "um paralelo entre duas séries, que são a sequência cronológica conforme a qual as neuroses surgem na vida individual [...] e uma sequência filogenética que instalaria aquelas fixações constitutivas das disposições" (SILVEIRA, 2017, p. 182) ao adoecimento neurótico. Desde então, a compreensão e a pesquisa sobre o modo como o pensamento de Sigmund Freud é modulado e se solidifica foram irreversivelmente afetadas. O presente estudo tem por intuito mostrar que a referida hipótese tem relação direta com o trabalho científico inicial de Freud, uma vez que intenta objetivamente responder a problemas teóricos implicados na criação mesma da psicanálise, no contexto específico da passagem da teoria da sedução à teoria da fantasia, o que se dá na última década do século XIX. Tentaremos demonstrar de que modo a circunscrição da psicanálise em torno de seus objetos próprios cria também a condição teórica para que a hipótese filogenética seja concebida posteriormente.

É sabido que Sigmund Freud realizou, entre os anos de 1890 e 1900, avanços práticos e teóricos notáveis no que diz respeito à histeria e às neuroses em geral. Neste contexto, de inicial edificação de um saber bastante singular, acompanhamos a compreensão de Freud quanto ao problema da disposição ao adoecimento neurótico oscilar, ora valorizando o fator causal endógeno, ora o exógeno, o que significa que a discussão etiológica feita à época pelo autor precisava levar em conta tais circunscrições, apesar da incerteza sobre qual modalidade de determinação (externa ou interna, acidental ou constitucional) deveria figurar como causa específica no que diz respeito à

¹ Existe uma ligeira diferenciação terminológica no modo como tal conceito é concebido no campo da filosofia da psicanálise brasileira, e.g.: "história filogenética" (CORRÊA, 2013, p. 2), "hipótese filogenética" (SILVEIRA, 2017, p. 180), e "fantasia filogenética" (MONZANI, 1991, p. 75), só para ficarmos com alguns exemplos. Apesar de Freud, antes de avançar à exposição da hipótese, pedir ao leitor que "seja tolerante, permitindo que a crítica ceda lugar à fantasia na apresentação de coisas incertas" (FREUD, 1987, p. 72), optou-se aqui por *hipótese filogenética*, uma vez que o termo 'hipótese' parece dar mais margem aos propósitos do presente estudo.

irrupção das doenças anímicas. Vale dizer, é no entorno dessa variação que as compreensões etiológicas preambulares de Freud se dão, até que essa "infecunda oposição entre fatores externos e internos, entre destino e constituição" (FREUD, 1912/2016, p. 79) seja finalmente abandonada.

Na ocasião da oscilação supracitada surge a teoria da sedução, em que o adoecimento neurótico era entendido de acordo com a seguinte ordenação: em primeiro lugar uma vivência traumática ocorria, ainda em tenra infância, como condição predisponente ao adoecimento psíquico, o qual só poderia advir quando da irrupção da sexualidade na puberdade, situação a partir da qual a impressão causada pela vivência primária seria então reativada de forma atrasada [*nachträglich*], dando lugar por fim ao quadro patológico. Tal arranjo conceitual foi como que o amalgamento decorrente das reflexões publicizadas nos textos contidos nos primeiros volumes das *Obras Completas*² de Freud, momento no qual a dimensão acidental/exógena é gradativamente levada em maior conta do que a constitutiva/endógena, sempre com vistas ao campo da investigação etiológica sobre as psiconeuroses. Para entender com mais acuidade o caminho que conduz ao suposto amalgamento, o exame dos escritos de 1888 a 1895 são de indubitável necessidade, já que é basilarmente em 1896, em "*A herança e a etiologia das neuroses*", "*Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*" e "*A etiologia da histeria*" que a teoria da sedução é finalmente apresentada. Desta forma, compreender como o par constituição-acidente - enquanto avatar do problema da disposição - aparece nestes momentos "pré-psicanalíticos" distintos nos permitirá examinar em que medida a teoria da sedução apresenta uma resolução aos problemas teóricos dos escritos freudianos iniciais da década de 1890. Isto feito, perscrutar-se-á então a "virada teórica"³ da sedução à fantasia, "movimento complexo em que, a bem dizer, nada foi abandonado, mas sim redefinido, repensado, retificado" (MONZANI, 1989, p. 54), no qual "o fator da disposição hereditária recupera um âmbito de poder" (FREUD, 1897/2016, p. 48), já que com o advento da predominância da fantasia, enquanto produto inconsciente e elemento destacado no surgimento de uma neurose, é implicado o retorno ao modelo etiológico endógeno, mas não sem levar em conta os avanços clínicos e teóricos alcançados pela psicanálise. Esta "virada"

² Mais a frente serão feitos os necessários esclarecimentos sobre o uso da bibliografia referente às obras escritas por Freud.

³ Tendo por base o capítulo "Sedução e Fantasia", da imprescindível obra de Luiz Roberto Monzani, "*Freud: O Movimento de um pensamento*", sabe-se que não se trata de um mero abandono da sedução pela fantasia (MONZANI, 2014, p. 31-55). Para além disso, o que se quer demarcar é simplesmente que existe aí algo semelhante a uma diversificação de um arranjo conceitual a outro, de modo que nada é estritamente abandonado. Tal diversificação é central, metodologicamente, para o caminho investigativo aqui considerado.

é operada principalmente entre os anos de 1897 e 1900: em 1897, através do "*Manuscrito L*", do "*Manuscrito M*", do "*Manuscrito N*" e da famosa "*Carta 69*" de 21 de setembro; em 1898 e 1899, com "*A sexualidade na etiologia das neuroses*", "*Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento*" e "*Sobre as lembranças encobridoras*"; e, por fim, em 1900, na "*Interpretação dos sonhos*".

Por esta via tentar-se-á demonstrar de que modo da primeira metade de 1890 à teoria da sedução, e desta à fantasia, o movimento teórico freudiano, especificamente em torno do problema da disposição à neurose, cria interrogações que ainda no ano de 1915 ecoam como condição para que a hipótese filogenética fosse considerada. Com sua inserção no *corpus* da metapsicologia, não só a crucial questão externo *versus* interno recebe uma curiosa solução, como também a necessidade de voltar sempre mais atrás em busca da cena patológica primária levará Freud a formulações bastante distintas, tais como a menção ao advento da era glacial em sua dimensão impactante da dinâmica libidinal e, portanto, predisponente às diferentes modalidades de neurose já em um momento primevo da história da espécie.

Se é verdade que "[...] desde seus primeiros escritos até o fim de sua obra, Freud mantém uma certa equação etiológica cuja essência permanecerá a mesma e na qual jamais negará a influência dos fatores constitucionais nem dos fatores externos" (MONZANI, 1991, p. 79), temos boas razões para olhar com mais atenção aos textos onde a psicanálise torna-se inteligível⁴, pois, se em ocasiões ulteriores de seu trabalho Sigmund Freud alcança algum equilíbrio teórico para as determinações interna e externa, em suas elaborações iniciais as coisas se davam de forma bem mais nuançada. Ainda assim, por que se deveria dar especial atenção ao elemento "disposição"? Essa escolha parece plausível uma vez que, além da menção à "hipótese filogenética" ser feita estritamente nesta chave do rascunho de 1915 (FREUD, 1976, p. 71-80) a disposição é, dos fatores mencionados por Freud no escrito como agentes do desencadeamento neurótico - "recalcamento"⁵,

⁴ É tema de farta discussão o estabelecimento do momento em que a psicanálise teria "nascido", e não pretendemos aqui abordar o problema com profundidade. Apenas a título de nota, lembramos que, por exemplo, Lacan vê nos "*Estudos sobre a histeria*" a "descoberta da técnica analítica" (LACAN, 1986, p. 17), e "com a *Interpretação dos sonhos*, efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido" (LACAN, 1986, P. 10); Monzani por sua vez comenta que o "abandono" da teoria da sedução é "comumente apontado pelos estudiosos de Freud como uma das condições para o estabelecimento da psicanálise enquanto disciplina autônoma" (MONZANI, 1989, p. 32); e o próprio Freud veria na renúncia à ajuda da hipnose o início propriamente dito da disciplina que criou (FREUD, 1991, p. 268). Parece-nos então justo dizer que todo o período de 1895 a 1900 pode ser considerado o momento em que a psicanálise "veio a ser", e é com base nesse recorte cronológico e textual que parte fundamental da nossa pesquisa desenrolará.

⁵ Aqui, preferimos a tradução de Luiz Roberto Monzani da passagem em questão, encontrada no artigo "*A fantasia freudiana*" (MONZANI, 1991, p. 77), à dada pelo tradutor do rascunho para o português brasileiro, Abram Eksterman (EKSTERMAN, 1987, p. 65). O motivo para tanto é o termo original em alemão, *Verdrängung* (FREUD, 1987, p. 14), em torno do qual existe um conhecido debate entre o público brasileiro leitor de Freud. Só para ficarmos com dois exemplos de uma bibliografia vasta sobre a questão, tomemos primeiramente as palavras de Bruno Bettelheim, encontradas em

contra investimento, formação substitutiva, formação de sintoma, função sexual, regressão e disposição à neurose" (MONZANI, 1991, p. 77) - o ensejo teórico comum, o "palco" onde Freud experimenta e expõe as oscilações, os recuos e os avanços de sua compreensão no tocante ao adoecimento psíquico, desde suas primeiras formulações sobre o problema. Todos os demais elementos referidos como agentes desencadeadores decorrem de como a teoria psicanalítica se encaixa e avança, com o passar dos anos, quanto às suas questões, de modo que a disposição é a constante que nos permite pensar a vinculação entre momentos tão distintos da obra psicanalítica freudiana.

Para tanto, a exposição do trabalho dar-se-á do seguinte modo: no primeiro capítulo, tomaremos o artigo póstumo "*Neuroses de transferência: uma síntese*" para entender a maneira como Freud coaduna exogenia e endogenia numa compreensão etiológica consistente, em referência aos quadros neuróticos à época vislumbrados. Em seguida retorna-se à década de 1890 para examinarmos, primeiramente, como tais problemas se apresentam na obra inicial do autor, com especial atenção à passagem de uma filiação à hereditariedade de Charcot a uma etiologia mais calcada no trauma, no acidente externo, o que se dá com os textos de 1892 e 1893. No segundo capítulo são analisados os textos de 1894 e 1895, em que o problema da predisposição ao adoecimento é combinado à certeza do vetor externo na irrupção psicopatológica. O conceito de defesa [*Abwehr*] é erigido à posição central nas explicações do psicanalista, e a predisposição torna-

seu "*Freud e a alma humana*": "Nas notas de Strachey sobre traduções, no Prefácio Geral da *Standard Edition*, ele não discute *Verdrängung*, um termo que é muito frequentemente traduzido como 'repressão'. Freud introduziu esse conceito no ensaio "*Die Verdrängung*" (1915), onde declarou que 'consiste essencialmente em repelir e manter à distância do consciente' - um enunciado que sugere como *Verdrängung* deveria ter sido traduzido. A importante diferença entre *Verdrängung* e 'repressão' é que a palavra alemã implica um irrefreável impulso interior. *Verdrängung* deriva do vocábulo *Drang*, o qual é explicado no *Duden* pelo exemplo de 'ceder a um forte motivo interior'. Portanto, *Verdrängung* é um deslocamento ou desalojamento causado por um processo interno. A palavra alemã não fornece indicação nenhuma sobre a direção em que ocorre tal desalojamento ou rechaço. Foram provavelmente essas as razões pelas quais Freud preferiu *Verdrängung* ao equivalente alemão exato de 'repressão', *Unterdrückung* [...], o que indica que algo foi empurrado para baixo de alguma outra coisa e não comporta uma conotação de referência a processos internos [...]. A tradução de *Verdrängung* como 'repressão' faz o que acontece parecer mais físico, dirigido contra algo fora da própria pessoa, o que não era a intenção de Freud." (BETTELHEIM, 1982, p. 109-110). Com Luiz Hanns em seu "*Dicionário comentado do alemão de Freud*", vemos que "a tradução de *verdrängen* por 'reprimir' leva a uma perda das conotações A, B e C." (HANNIS, 1996, p. 359), quais sejam: "A - suprime algo muito incômodo; B - deslocado permanece junto ao sujeito e exerce pressão perene pelo retorno; C - desloca do foco da consciência." (HANNIS, 1996, p. 359), e segue: "O termo no alemão coloquial implica 'empurrar de lado' (livrar-se de) um incômodo, o qual permanece próximo ao sujeito, pressionando pela volta. O foco do termo 'reprimir' em português é sobre o esmagamento ou supressão de uma manifestação ameaçadora. O termo germânico enfatiza o afastamento de um incômodo." (HANNIS, 1996, p. 359). Apesar de Freud não diferenciar enfaticamente *Verdrängung* e *Unterdrückung* (HANNIS, 1996, p. 365), entendendo *Unterdrückung* como "literalmente: *unter* = para baixo, *drückung* = aperto" (HANNIS, 1996, p. 365), há bons motivos para considerar 'repressão' uma escolha que nos distancia do sentido próprio que Freud parece querer comunicar com a palavra, desde "1893 nos 'Esboços para a Comunicação Preliminar'" (HANNIS, 1886, p. 363) e depois com o conceito, em 1915. Isso posto, optaremos por *recalcar* e *recalcamento* para *verdrängen* e *Verdrängung*, e cotejaremos a *Gesammelte Werke* para imprimir maior precisão terminológica ao presente trabalho.

se consequência do acontecimento traumática somado às possibilidades próprias dos indivíduos de responder a tais fatos; no terceiro capítulo é feita uma análise da teoria da sedução como último momento do desenvolvimento das certezas sobre o trauma, em que uma profunda crise teórica abala o trabalho do autor e o obriga a escolher pelo outro pólo então vislumbrado, ou seja, a endogenia; no quarto capítulo analisamos de que modo o retorno a uma endogenia não se dá de forma simples, onde Freud simplesmente retornaria ao hereditarismo de 1888: a sexualidade e a fantasia emergem como novos marcos conceituais fortíssimos e de presença ainda nas “*Conferências*”, de 1915, texto em que ecoam tanto os problemas aqui enfatizados de 1890 quanto os do artigo póstumo, o que demonstra o caráter fundamental de toda essa discussão para compreender de forma mais verossímil e profunda as nuances do pensamento do criador da psicanálise.

Devemos ainda uma justificação sobre a necessidade ou ainda a razoabilidade por esforçarmo-nos em construir tal argumentação. Começemos primeiro por referenciar o texto de Luiz Roberto Monzani, “*A fantasia freudiana*”, onde se indaga o interlocutor sobre o décimo segundo artigo metapsicológico, descoberto em 1983:

[...] qual a situação desse texto [...], frequentemente taxado de chocante, delirante ou meio alucinado pelos próprios leitores e estudiosos de Freud e que foi rotulado por ele mesmo de 'fantasia'? Qual a situação, repito, desse texto no conjunto da obra de Freud? Essa ideia de estabelecer um paralelo, ou melhor, uma relação entre os diferentes tipos de neurose [...] e o desenvolvimento da raça humana desde seus primórdios é alguma coisa que escapa, que está fora daquilo que grosseiramente poderíamos denominar a 'doutrina' ou a teoria freudiana, ou não? (MONZANI, 1991, pp. 75-76).

Em seu artigo, Monzani faz uma belíssima e necessária passagem por outros escritos freudianos, para concluir que “como se vê, esse texto do manuscrito inédito não é uma aberração, nem uma exceção. Apenas especifica, determina e explica melhor as ideias de Freud nesse terreno” (MONZANI, 1991, p. 96), qual seja, o da aquisição da predisposição à neurose. E arremata: “independente da veracidade dessas teses e premissas, podemos indagar a razão que o levou a assumi-las. Tudo indica que se trata de uma exigência interna do desenvolvimento de uma problemática que o vinha atormentando havia muito tempo.” (MONZANI, 1991, p. 96). Já na resenha “*O peso do gelo*”, de Léa Silveira, encontramos a ideia de que não é comum ver pesquisas sobre teoria freudiana, mesmo as empreendidas no âmbito da filosofia, “enfrentarem a tão espinhosa hipótese filogenética exposta sistematicamente neste que seria o décimo segundo artigo

metapsicológico, mas presente de um modo mais ou menos fragmentado ao longo de toda a obra" (SILVEIRA, 2017, p. 180). Ambas as citações, do artigo e da resenha, são pontos de sustentação fulcrais aos interesses investigativos aqui delineados. Alinhados a Monzani, "nosso intuito não é, claro, resolver questões. Se conseguirmos colocá-las de modo mais claro [...]"(MONZANI, 1991, p. 76), já nos daremos por satisfeitos.

Deste modo, o presente estudo tem por intuito contribuir com o campo investigativo próprio à teoria freudiana e à filosofia da psicanálise que versa sobre a hipótese filogenética, no sentido específico de afirmar seu evidente e legítimo pertencimento ao saber constituído por Freud. Com a tese *"História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva"*, Fernanda Silveira Corrêa aborda de forma magistral a obra do autor, à luz da referida hipótese, demonstrando sua profundidade em vista de outros conceitos e discussões muito próprias ao desenvolvimento do discurso psicanalítico; já em *"Ontogênese e filogênese em Freud: uma visão de conjunto"*, Marcelo Galletti Ferretti empreende uma investigação precisa, que leva adiante as consequências de uma hipótese tal qual a filogenética no pensamento freudiano, de modo a examinar a influência de outras epistemologias na fundamentação desta, como o darwinismo e a biologia. Só para ficar com alguns exemplos recentes de pesquisas nesse campo, espera-se que o presente estudo tenha condições de demonstrar, através do exame do nascimento da psicanálise - especificamente da passagem da teoria da sedução à fantasia - mais um indicativo de que a reflexão sobre uma hipótese que leva em conta fatores externos e internos para pensar a predisposição ao adoecimento neurótico tem seus primeiros contornos e condição de inteligibilidade já no começo da obra do criador da psicanálise⁶.

Para realização de tal proposta investigativa, operaremos através dos "pressupostos metodológicos" encontrados no artigo *"O que é a filosofia da psicanálise?"*, de Luiz Roberto Monzani. São esses: pensar a psicanálise de Freud como uma "rede discursiva, tratá-la assim, como um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado" (MONZANI, 2008, p. 14); e partir da "ideia de que cada disciplina produz um determinado saber que tem seu contorno e sua especificidade própria. Enfim, desse ponto de vista, abandona-se o ideal unitário de ciência, pelo menos provisoriamente, e seu correlato: o de que só existe um tipo de

⁶ Poderíamos ainda mencionar os artigos: *"Esquema filogenético e campo transcendental: sobre as concepções de fantasia em Freud e Lacan"*, de Léa Silveira, e *"Por uma história sem finalidade: de Kant e Freud a Darwin e o Darwinismo"*, de Francisco Verardi Bocca e Daniel Omar Perez como exemplos sólidos do modo como este campo tem rendido muitos frutos à teoria freudiana e à filosofia da psicanálise em contexto brasileiro. (in: Luiz Roberto Monzani; Ana Carolina Soliva Soria (Orgs.). *Freud: Filosofia e Psicanálise*. São Carlos: EDUFSCar, 2019.)

verdade" (MONZANI, 2008, p.15). Com Laplanche e Pontalis, é também desejado "[...] avançar numa tentativa pessoal a fim de desenhar, entre as noções redescobertas, uma configuração mais explícita, mais coerente, mais estimulante." (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 9).

Por fim, cabe frisar o prevalente interesse em construir um estudo atento à incorrência em anacronismos, evidentemente com vistas a evitá-los, já que os termos e conceitos em Freud são laboriosamente forjados, pensados e revistos em épocas distintas, e por isso têm seus significados ou conotações variados ao passo que a obra se desenvolve. Em vista disso entendemos como necessária a leitura cuidadosa dos trabalhos do autor, com atenção ao modo como são conceitualmente arranjas as explicações. Intentar-se-á, assim, tomar esses nortes metodológicos como elementos cruciais à nossa investigação filosófica, e para tanto serão cotejadas as traduções em espanhol, da editora Amorrortu, de José L. Etcheverry; em português, das editoras Autêntica e LP&M (a serem indicados os volumes), de André Carone do texto "*Sobre lembranças encobridoras*" e de alguns excertos de Osmyr Faria Gabbi Jr. do "*Projeto de uma psicologia científica*"; com o original em alemão (e em alguns poucos casos em francês, do modo como Freud originalmente os redigiu) publicado nas *Gesammelte Werke*. Como feito anteriormente na nota de número 5, serão justificadas em notas de rodapé opções de tradução.

CAPÍTULO I: O TEXTO PÓSTUMO E OS ESCRITOS INICIAIS DE FREUD

"A alma é afetada (uma afecção que lhe é própria), através das palavras, pelos sucessos e insucessos que concernem a outras coisas e outros seres animados."

Górgias de Leontino⁷

"Quanto a saber quem assina a encenação, para decidir o psicanalista não deveria mais confiar unicamente nos recursos de sua ciência, nem mesmo nos do mito. Cumpra que se faça também filósofo."

Laplanche & Pontalis⁸

1. A possibilidade de uma hipótese filogenética

Nesse primeiro capítulo, tentar-se-á demonstrar, primeiramente e através da exposição da hipótese contida no rascunho encontrado postumamente, o "*Neuroses de transferência: uma síntese*", de 1915, que nesse momento metapsicológico da psicanálise de Freud, fator externo/acidental e fator interno/constitucional encontram-se, senão em perfeito equilíbrio teórico, de certo em estado bem menos turbulento do que nos primórdios de seus escritos. Para tanto será feito, na segunda metade do capítulo, um exame do estado da obra do criador da psicanálise até o ano de 1893, de modo a circunscrever as condições iniciais para a investigação aqui proposta. Este primeiro recorte permitirá o vislumbre das escolhas teóricas de Freud no início da década de 1890 em relação à causação endógena e exógena, onde a crítica à etiologia pensada por Charcot já configura um momento destacado sobre a temática, determinante ao desenrolar subsequente do pensamento do psicanalista. Nossa atenção focalizará sempre o problema da disposição no interior da etiologia das neuroses pensada por Freud.

1.1 O Rascunho de 1915

Entre os anos de 1915 e 1917, por dois períodos consecutivos dos cursos de inverno da Universidade de Viena, Sigmund Freud (1856-1939) proferiu uma série de palestras em formato de

⁷ In: Revista **ETHICA**, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, pp. 201-212, 2009.

⁸ In: **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Trad: Álvaro Cabral: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 85.

cursos - as conhecidas "*Conferências introdutórias à Psicanálise*" (STRACHEY, 1991, p. 5), onde explicitou em detalhes alguns problemas e soluções teóricas que sua ciência, a psicanálise, encontrara no percurso das duas décadas de vida que à época possuía. À medida que o autor comunica as dificuldades e os avanços deste nascente saber, partilha também com o interlocutor pontos obscuros e inquietantes que enfrenta através de suas formulações, os quais dificilmente passam sem causar impressão ao leitor. Tomemos como exemplo o trecho:

Com isto, os senhores podem concluir que, mediante um estudo mais profundo do trabalho do sonho, poderíamos alcançar valiosos esclarecimentos sobre os primórdios, não muito bem conhecidos, do nosso desenvolvimento intelectual. Espero que assim seja, apesar de que esse estudo ainda não tenha sido realizado até hoje. A pré-história à qual o trabalho do sonho nos remete é dupla: em primeiro lugar, à pré-história do indivíduo, à infância; e, por outro lado, à medida que cada indivíduo repete também, em sua infância, de alguma maneira, o desenvolvimento de toda a espécie humana, à história filogenética.⁹ (FREUD, 1915/1991, p. 182).

Tal afirmação, tão curiosa quanto provocadora, é feita em um momento histórico bastante especial no que concerne ao desenvolvimento da psicanálise, pois sua feitura se dá ante o ensejo da metapsicologia freudiana (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 92). Esta, polissêmica e basilar para o edifício teórico que Freud intentava sustentar, tinha por norte esclarecer e aprofundar as hipóteses teóricas da psicanálise (GARCIA-ROZA, 2008, p. 10), o que significava, nas palavras do autor, propor uma exposição "na qual consigamos descrever um processo psíquico em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas." (FREUD, 1915/2010, p. 89). Este é o recorte, portanto, em que a psicanálise tornar-se-ia madura¹⁰, visto que suas raízes conceituais alcançariam maior profundidade explicativa. No entanto, cabe lembrar que o excerto retirado das "*Conferências*" e a metapsicologia partilham mais do que somente o mesmo pano de fundo cronológico. Atentemo-nos a um escrito em particular.

⁹ "De ahí pueden ustedes inferir que mediante un estudio más profundo del trabajo del sueño podrían conseguirse valiosas aclaraciones sobre los comienzos, no bien conocidos, de nuestro desarrollo intelectual. Espero que así sea, pero ese estudio no ha sido emprendido hasta hoy. La prehistoria a que el trabajo del sueño nos reconduce es doble: en primer lugar, la prehistoria individual, la infancia; y por otra parte, en la medida en que cada individuo repite abreviadamente en su infancia, de alguna manera, el desarrollo todo de la especie humana, también esta otra prehistoria, la filogenética." (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v.15. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1991, p. 182)

¹⁰ Aqui é feita referência ao título do terceiro capítulo do mestrado de Renato Mezan, "*A trama dos conceitos*", nomeado "A maturidade de uma teoria", que versa de forma ampla sobre esta fase do trabalho de Freud. (MEZAN, 2013, p. 151-245). Questões concernentes a problemas metapsicológicos serão referidas somente em contextos específicos e quando couberem à presente investigação.

Como é sabido atualmente, a metapsicologia de Freud constituir-se-ia de doze artigos no total (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 88), dos quais apenas cinco foram preservados e incluídos na *Standard Edition*¹¹. Logo, temos hoje cinco artigos metapsicológicos publicados nas *Obras Completas* e um encontrado postumamente, na década de 80, o "*Neuroses de transferência: uma síntese*". Mas o que diz este escrito, que permitiria pensá-lo conjuntamente com o trecho supracitado, retirado das "*Conferências*" ?

Em suma, o texto se ocupa da tentativa de estabelecimento, através de uma dedução histórico-filogenética¹², de:

Um paralelo entre duas séries, que são a sequência cronológica conforme a qual as neuroses surgem na vida individual [...] e uma sequência filogenética que instalaria aquelas fixações constitutivas das disposições e que, por sua vez, seria dividida em duas gerações de indivíduos: uma que teria vivido o advento da era glacial e outra posterior que teria se organizado psiquicamente por referência ao pai opressor da horda primitiva. (SILVEIRA, 2017, p. 182).

Tal paralelo é pensado diante do esforço de "reunir o conjunto dos fatores que desencadeiam ou podem desencadear a neurose" (MONZANI, 1991, p. 77), quais sejam: recalçamento, formação substitutiva, contra-investimento, formação de sintoma, função sexual, regressão e disposição à neurose (FREUD, 1915/1987, p. 14). No momento de discussão sobre o último elemento dos fatores nomeados (a disposição à neurose), diz Freud:

Onde se leva em consideração o elemento constitucional de fixação não se afasta o adquirido: retroage para um passado ainda mais remoto, já que se pode justamente afirmar que disposições herdadas são restos das aquisições dos antepassados. Com isso, chega-se ao problema da disposição filogenética atrás da individual, ou ontogenética, e não há contradição quando o indivíduo adiciona as suas disposições herdadas, baseadas em vivência anterior, às disposições recentes derivadas de vivências próprias. Por que haveria de se desvanecer justamente no indivíduo cuja neurose examinamos o processo que cria disposições baseadas em

¹¹ São: "*Pulsões e seus destinos*", "*O inconsciente*", "*Luto e melancolia*", "*O recalque/A repressão*" [a depender da tradução de *Verdrängung*], e "*Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*", todos escritos entre o fim de 1914 e o início do segundo semestre de 1915 (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 87-89).

¹² Não é objeto do presente trabalho discutir pormenorizadamente a natureza do método utilizado por Freud no rascunho, nem os motivos ou a condição epistemológica para tanto. Para nós, é suficiente saber que este escrito surge no contexto da metapsicologia, de modo que nossa atenção é direcionada às intenções explicitadas textualmente pelo autor e aos resultados por ele encontrados. Para uma contemplação mais profunda das questões mencionadas, cabe indicar a parte final do texto "*Metapsicologia e Metabiologia*" de Ilse Grubrich Simitis, nomeada "Contexto Histórico-Científico" (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, pp. 109-120).

vivências? Ou por que não haveria esse indivíduo, que cria disposições para seus descendentes, de adquiri-las para si próprio?¹³ (FREUD, 1915/1987, p. 71).

Como se vê, a disposição ao adoecimento neurótico não deve então ser pensada apenas segundo fatores ontogenéticos, mas, ao lado desses, como uma aquisição dos tempos passados, longínquos na história partilhada pela espécie, portanto, filogenética. Apesar da não indicação das condições exatas em que uma vivência significa necessariamente assimilação constitucional, o texto indica que: uma vez vivida a experiência do adoecimento por um indivíduo, o evento deve ser repetido inúmeras vezes, durante incontáveis gerações, por indivíduos distintos. Deste modo Freud recua os eventos filogenéticos marcantes para o início da humanidade, abarcando a espécie humana como um todo em sua explicação. Assim fica posta então a possibilidade de que a prole advinda destes “indivíduos primordiais” tenha também em suas conformidades psíquicas e constitutivas a disposição à patologia. Em "*O eu e o isso*", diz Freud:

Mas, não obstante, não se pode falar de uma herança direta no Eu. Aqui se abre o abismo entre o individual real e a concepção de espécie. Também não se pode tomar muito rigidamente a distinção entre o Eu e o Isso, nem esquecer que o Eu é uma parte do Isso particularmente diferenciada. As vivências do Eu parecem, em princípio, perder-se para a herança, mas quando se repetem com bastante frequência e intensidade em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros, de modo genético, convertem-se, por assim dizer, em vivências do Isso, cujas impressões são preservadas por herança. De maneira que o Isso hereditário aloja em si os restos de inúmeras existências-Eu, que talvez só trazem de novo à luz figuras mais antigas do Eu, produzindo-lhes uma ressurreição (FREUD, 1923/1967, p. 267).^{14 15}

¹³ É evidente que a citação traz problemas maiores no que tange ao estudo aprofundado das influências científicas e filosóficas em Freud, especialmente quanto à possibilidade de enunciação de uma ideia tal qual a figurada no excerto. Entretanto, a discussão sobre o lamarckismo em Freud nos levaria a rumos muito distintos dos aqui sugeridos, e parece satisfatório somente indicar que o artigo de Monzani aqui citado e comentado, "*A fantasia freudiana*", e o texto de Ilse Grubrich-Simitls, "*Metapsicologia e metabiologia*", versam sobre o tema de forma magistral.

¹⁴ "Von einer direkten Vererbung im Ich kann man aber doch nicht reden. Hier tut sich die Kluft auf zwischen dem realen Individuum und dem Begriff der Art. Auch darf man den Unterschied von Ich und Es nicht zu starr nehmen, nicht vergessen, daß das Ich ein besonders differenzierter Anteil des Es ist. Die Erlebnisse des Ichs scheinen zunächst für die Erbschaft verloren zu gehen, wenn sie sich aber häufig und stark genug bei vielen generationsweise aufeinanderfolgenden Individuen wiederholen, setzen sie sich sozusagen in Erlebnisse des Es um, deren Eindrücke durch Vererbung festgehalten werden. Somit beherbergt Ich das erbliche Es in sich die Reste ungezählt vieler Existenzen, und wenn das Ich sein Über-Ich aus dem Es schöpft, bringt es vielleicht nur ältere Ichgestaltungen wieder zum Vorschein, schafft ihnen eine Auferstehung." (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Dreizehnter Band**. Imago Pub. Co., London, 1967, p. 267)

¹⁵ A tradução em questão é de autoria de Ana Carolina Soliva Soria, e compõe sua dissertação de mestrado. (In: SORIA, A. C. S. **Do indivíduo à cultura: um estudo sobre Freud**. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2005, p. 48).

Em vista da citação, a repetição e a intensidade são os fatores que preponderam para que determinadas vivências tornem-se constitutivas. Ainda, não é na psique individual que o traço a ser transmitido se forma, mas no da espécie. No entanto, o texto é da década de 20 e deve servir somente como indicativo do que Freud viria a pensar sobre a questão posta.

De volta a 1915, entram também na fórmula etiológica referida as vivências atuais do indivíduo, herdeiro do que é precipitado filogeneticamente, e assim tem-se a fusão do que se viveu, no passado da espécie, enquanto material herdado, com as vivências do passado individual, elementos estes completamente acidentais. Ao que tudo indica, tem-se assim, ainda que aparentemente, uma boa saída quanto à combinação de fatores internos/constitutivos e externos/acidentais na explicação etiológica de Freud para o surgimento de uma doença neurótica, visto que o processo sinalizado se dá de forma retroativa - o que é vivido é tornado constituinte e é passado adiante, e o que é resgatado se combina com o que é vivido imediatamente - e ambos os fatores têm participação na determinação do fenômeno do adoecer, de modo que não é indicado textualmente se existe relação de preponderância de um fator quanto ao outro. No escrito encontramos uma definição metapsicológica da disposição: "a regressão retrocede até um ponto de fixação do desenvolvimento do eu¹⁶ ou da libido. Isso representa a disposição" (FREUD, 1915/1987, p. 70). Para que não seja imprecisa a apreciação da temática e do recorte cronológico, vale dizer que nas "*Conferências Introdutórias*" Freud fala em um jogo de ação recíproca entre os fatores filogenéticos e os ontogenéticos, de modo que o que a vida individual não oferece é sanado pela fantasia filogenética, que tem caráter constitucional. Desse modo, os eventos que não são dados na vida individual são buscados na filogenese, e o individual é interpretado à luz do passado remoto da espécie. Optou-se aqui pela abordagem inicial do texto encontrado por Ilse Grubrich pela discussão por ele levantada, a fim de demonstrarmos a presença das preocupações deste já nos textos fundadores da psicanálise, da década de 1890. Ante o intuito de realizar um "arco investigativo", no último capítulo da presente dissertação retorna-se a 1915, onde serão abordados com maior profundidade os capítulos das "*Conferências*" que concernem aos nossos interesses investigativos.

¹⁶ Como Freud não distingue entre "ego" e eu ou "ich", no original em alemão, devido ao fato de "ego" ter sido um "latinismo" do qual James Strachey lançou mão na feitura da *Standard Edition* dos escritos do psicanalista, aqui optaremos por manter "eu" como referência a "ich" e como substituto adequado dos casos onde aparece a palavra "ego". Como diz Bettelheim: "Nenhuma palavra possui conotações maiores e mais íntimas do que o pronome 'Eu'. É um dos vocábulos mais frequentemente usados em qualquer língua falada e, mais importante, é a mais pessoal das palavras. Traduzir *Ich* como 'ego' é transformá-la em jargão que deixa de transmitir o envolvimento pessoal que há quando dizemos 'eu' ou 'meu' [...]" (BETTELHEIM, 1982, p. 69).

Na 18ª das "*Conferências*" dedica-se algumas páginas à explicação do fenômeno da fixação [*Fixierung*]. Lá, encontramos que o doente está fixado a um fragmento determinado de seu passado (FREUD, 1916/1969, p. 282)¹⁷, e que esta conduta é um caractere universal da neurose (FREUD, 1916/1969, p. 283)¹⁸. "Em cada um de nossos pacientes, a análise permite distinguir que, dentro dos sintomas de sua doença e por consequência do que deles decorre, eles encontram-se atrasados em certo período de seu passado" (FREUD, 1916/1969, p. 283)¹⁹. Para tanto, o modelo utilizado é o da neurose traumática, o que facilita a explanação no sentido de que a fixação ocorra exatamente em relação ao momento do acidente traumático, o que é válido também para as outras formas de neuroses. As coisas se dariam "como se para os doentes a situação traumática não tivesse terminado, como se ela lhes enfrentasse ainda ao modo de uma tarefa atual incontornável" (FREUD, 1916/1969, p. 284)²⁰, e a neurose, por gerar necessariamente pontos de fixação (FREUD, 1916/1969, 285)²¹ decorrentes do trauma, geraria a possibilidade de que um estado de suspensão ocorra, em que a alma do traumatizado ficaria presa ao passado. Nestes casos, as cenas traumáticas são apartadas da consciência pela sua impossibilidade de reação via psiquismo, e a aparente amnésia daí resultante não passa de uma interrupção da conexão que possibilitaria a lembrança de ser evocada. Isto tudo decorre de uma modalidade específica de ação da resistência [*Widerstand*], um processo que nas "*Conferências*" Freud toma por recalçamento [*Verdrängung*] (FREUD, 1916/1969, p. 304)²².

Explicado o processo de formação destes pontos de fixação em vista do período de que tratamos, a regressão [*Regression*] seria então o "retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001 ,p. 440). No decorrer de sua obra, Freud assinala três sentidos distintos para a regressão: tópico, temporal e formal. O primeiro indica o caminho inverso do sentido normal do funcionamento psíquico, o que significa

¹⁷ " [...] als wären sie an ein bestimmtes Stück ihrer Vergangenheit fixiert [...]" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 292)

¹⁸ " [...] daß dieses Verhalten ein allgemeiner Charakter der Neurose [...] ist" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 293)

¹⁹ "Bei jedem unserer Kranken können wir durch die Analyse ersehen, daß er sich in seinen Krankheitssymptomen und durch die Folgerungen aus ihnen in eine gewisse Periode seiner Vergangenheit zurückversetzt hat." (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 293)

²⁰ "Es ist so, als ob diese Kranken mit der traumatischen Situation nicht fertig geworden wären, als ob diese noch als unbezwungene aktuelle Aufgabe vor ihnen stände" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 294)

²¹ "Jede Neurose enthält eine solche Fixierung [...]" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 295)

²² "Der pathogene Vorgang, der uns durch den Widerstand erwiesen wird, soll den Namen Verdrängung erhalten." (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Elfter Band**. Imago Pub. Co., London, 1969, p. 304)

que a regressão tópica se dá da consciência para o inconsciente. O segundo, de maior interessa à nossa investigação, indica o retorno a etapas ultrapassadas no desenvolvimento individual (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 440). Por fim, "no sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade [...]" (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 440). A fixação seria então o preparativo dos pontos para onde deve orientar-se a regressão.

É então, no momento de reconhecimento de "regressões a fases pelas quais toda a espécie humana teve que passar do começo ao fim dos tempos glaciais" (FREUD, 1915/1987, p. 74), através das "três disposições para a histeria de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva (FREUD, 1915/1987, p. 74), que o autor inicia o que seria 'a segunda parte do texto' (MONZANI, 1991, p. 75), onde, por fim, a "hipótese filogenética" é apresentada. Tal hipótese é o lugar no qual o paralelo mencionado entre série filogenética e série individual encontra-se, e onde o leitor deve permitir "que a crítica ceda lugar à fantasia na apresentação de coisas incertas, embora estimulantes" (FREUD, 1915/1987, p. 72). A série individual

aparece quando colocamos as psiconeuroses [...] numa ordem de acordo com o momento em que costumam se apresentar na vida individual. Nesse caso, temos como a mais precoce a neurose de angústia, a quase incondicional; segue-se-lhe a histeria de conversão (mais ou menos a partir do quarto ano); e ainda um pouco mais tarde, na pré-puberdade (9-10 anos), aparece, nas crianças, a neurose obsessiva. Não há neuroses narcísicas na infância. Destas, a demência precoce, em sua forma mais clássica, é uma doença da puberdade; a paranóia aproxima-se dos anos de maturidade como também a melancolia-mania [...]. Portanto, a sequência é a seguinte: Histeria de angústia - Histeria de conversão - Neurose obsessiva - Demência precoce - Paranóia - Melancolia-Mania. (FREUD, 1915/1987, p. 73).

Assim, as "fixações inerentes às disposições dessas enfermidades também parecem organizar-se numa sequência em que, no entanto, correm em sentido contrário, especialmente quando é considerada a disposição libidinosa. Em consequência, quanto mais tarde a neurose se apresentar tanto mais a libido regressará para uma fase mais precoce" (FREUD, 1915/1987, p. 73). Existiria, portanto, uma relação de proporção entre o momento em que a patologia irrompe e até onde regride a libido individual. Ademais a esta primeira série, existe ainda outra, filogenética, "que ocorre realmente em paralelo com a sequência cronológica das neuroses" (FREUD, 1915/1987, p.

74) e atravessa o surgimento da era glacial e a vivência da horda primeva²³. Resumidamente, diz Freud sobre ela:

[...] podemos dizer o seguinte: se as disposições para as três neuroses de transferência foram adquiridas na luta contra as necessidades dos tempos glaciais, então as fixações, nas quais se baseiam as neuroses narcisistas, originaram-se da opressão do pai, o qual, após o término da era glacial assume, continua, por assim dizer, tal papel contra a segunda geração. Da mesma forma como a primeira luta leva para a fase cultural patriarcal, a segunda leva à social. Ambas, contudo, produzem as fixações, as quais, em seu retorno, após milênios, transformam-se nas disposições dos dois grupos de neurose. Portanto, neste sentido, a neurose é também uma aquisição cultural. (FREUD, 1915/1987, p. 80).

Deste modo, cada conjunto de neuroses teria seu correlato predisponente, experienciado em momentos arcaicos, em dois tempos distintos, pelos quais o desenvolvimento da espécie passou. Isto dito, temos agora condições de perceber que aquela primeira citação das "*Conferências*", apesar de mencionar uma modalidade estrita e ainda não concretizada de trabalho, é bastante marcada pela preocupação quanto à presença de precipitados da filogênese na atividade anímica dos indivíduos, mesma consideração que atravessa todo o texto póstumo - "é legítimo supor que também as neuroses têm de prestar seu testemunho sobre a história do desenvolvimento da alma humana" (FREUD, 1915/1987, p. 72). É evidente, portanto, que esta problemática ocupava as reflexões de Freud, e exigia assim lugar em suas considerações científicas, pois do contrário não lhe seria concedido espaço na primeira grande comunicação pública sobre as descobertas e indagações psicanalíticas, nem lhe seria dado lugar em um rascunho pertencente ao conjunto de textos dedicados à proeminente tarefa de amarrar conceitualmente os pontos centrais de suas descobertas²⁴.

Há boas razões para guiarmo-nos pela indagação sobre o lugar da mencionada hipótese filogenética no saber construído pelo autor. O artigo "*A fantasia freudiana*", de Luiz Roberto Monzani, dedica-se a uma demonstração da presença de questões próprias à hipótese, através de um exame pontual de escritos do psicanalista, no decorrer de toda a obra deste, de modo a concluir que "o texto inédito de Freud não tem nada de chocante, de alucinante ou de alucinado: ele é apenas uma explicitação parcial e também a elucidação de alguns aspectos de um conjunto de teses

²³ Não sendo nosso intuito discutir em profundidade a questão, cabe ao menos indicar o capítulo IV de "*Totem e tabu*" - "O retorno infantil do totemismo - para vislumbre do mito em questão. (in.: FREUD, S. **Totem e tabu**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015, pp. 156-231)

²⁴ Mais adiante, ao fim do quarto capítulo, abordaremos com mais profundidade o modo como os dois escritos se relacionam em torno dos tempos onto e filogenéticos.

que Freud sustentava e continuou sustentando, com mais ardor, até o fim de sua obra" (MONZANI, 1991, p. 87). Na resenha "*O peso do gelo*", interpela Léa Silveira: "será que há algo nele que incomoda os leitores de Freud? Conteria ele elementos de um pensamento que não se quer reconhecer como freudiano?" (SILVEIRA, 2017, p. 180), problema com o qual Fernanda Silveira Corrêa se ocupou profundamente em sua tese, onde demonstrou, na conclusão do trabalho (CORRÊA, 2013, pp. 325-340), a possibilidade de uma compreensão bastante esclarecedora sobre o desenvolvimento conceitual e teórico de temas diversos da obra freudiana à luz da hipótese contida no artigo referido. Tomados então estes trabalhos como indicativo verossímil do pertencimento da hipótese filogenética ao pensamento freudiano, temos condições então de avançar um pouco mais, em direção à relação direta da feitura da hipótese filogenética com o início do trabalho científico de Freud. Indicativo disso é, por exemplo, o fato de que

[...] a experiência traumática real, exposta como a etiologia da histeria na primeira fase de Freud, aparece na teoria psicanalítica plenamente desenvolvida ao ser transportada para trás, aos tempos da horda primitiva, transferindo a dimensão ontogenética para a filogenética. Visto assim, as partes da teoria psicolamarckista da metapsicologia são como um elo entre as duas fases do desenvolvimento da doutrina de Freud (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 111).

À parte dos problemas da relação entre onto e filogenia e da presença de Lamarck em Freud, é para nós suficiente e crucial saber que existem portanto fortes indícios de uma retitude temática, algo como um campo comum de discussão entre a década de 1890 - em que são realizados os escritos iniciais de nosso autor, em direção à criação de sua ciência - e a metapsicologia²⁵. Explicitada a hipótese filogenética e sua especial relação com o problema da disposição, ocupar-nos-emos agora dos escritos de 1888, 1892 e 1893, onde já é evidente uma preocupação do criador da psicanálise com a importância da participação de fatores internos/constitutivos e externos/acidentais na irrupção neurótica.

1.2 - De 1888 a 1893²⁶ - primeiro panorama sobre a disposição

²⁵ Um forte demonstrativo desta relação e da viabilidade de investigações neste campo é o trabalho conjunto de Richard Theisen Simanke e Fátima Caropreso, "*Entre o corpo e a consciência: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana*", no qual os autores perscrutam com profundidade a relação entre alguns escritos da década de 1890 e a metapsicologia de Freud, o que indica as estritas conexões entre o conceber da psicanálise e o seu desenvolvimento.

²⁶ Aqui são considerados os textos do primeiro volume das *Obras Completas*, datados entre os anos de 1888 e 1893. Este recorte é feito principalmente por conta do panorama histórico em que esses escritos se inserem, uma vez que interessa entender de que modo os conceitos são forjados e trabalhados em seus contornos temáticos e cronológicos. Somente a "*Comunicação preliminar*" será analisada no próximo capítulo, junto dos "*Estudos sobre a histeria*", devido à sua proximidade temática. O trabalho sobre as afasias, "*Sobre a concepção das afasias*", de 1891, e outros trabalhos

Compreender as condições para a irrupção de uma histeria, e com o passar dos anos também de uma neurose obsessiva, de uma fobia, uma paranoia e uma neurastenia, foi claramente o objeto fundamental dos trabalhos realizados por Sigmund Freud por quase toda a década de 1890, reiteradamente com vistas à elaboração de um método terapêutico eficaz para cada quadro. Em suas tentativas de construção de um arranjo teórico etiológico adequado a cada condição psicopatológica, o problema da disposição ao adoecimento foi recorrentemente tratado com alta atenção, já que esta era uma preocupação que ocupava o ideário científico e filosófico da época. Nos termos dados nos escritos, fala-se em hereditariedade e em trauma, sendo o primeiro o predisponente constitutivo, e o segundo o acidental. Mas o que significava, nesse contexto específico, falar em hereditariedade? Tomemos uma valiosa nota do comentador sueco Ola Andersson, retirada de sua tese "*Estudos sobre a pré-história da psicanálise*":

[...] para Charcot e seus contemporâneos a questão da hereditariedade tem um sentido totalmente diferente do da teoria de Mendel. Durante o século XIX, houve muitos teóricos da hereditariedade. Particularmente notáveis foram as ideias sobre os aspectos mentais da hereditariedade. Ribot (1873) é um dos autores menos extravagantes sobre o assunto. Seus trabalhos permitem estudar, por meio de uma apresentação clara, os problemas suscitados pela investigação pré-mendeliana sobre 'a hereditariedade psicológica'. Em psiquiatria e em neurologia, no entanto, a influência de Ribot parece ter sido bem menor do que a de Morel (1860) e seus sucessores, em particular Magnan (1897). A teoria da degenerescência por eles enunciada e difundida, exerceu forte influência durante os dez anos anteriores e posteriores a 1900, cristalizando por muito tempo a ideia que se tinha das condições de surgimento da doença, tal como foram estudadas e tratadas em psiquiatria e neuropatologia. A doutrina da degenerescência contém muitos pontos obscuros e incoerências para nossa época [...]. Eles estão, em grande medida, ligados à questão da hereditariedade das características adquiridas. Para a maioria daqueles que, em seus escritos, participaram do debate, não existe demarcação nítida entre os conceitos da degenerescência e de hereditariedade. Por isso, nada os impede de considerar que características adquiridas, ou uma 'degenerescência' adquirida, possam tornar-se hereditárias²⁷. No entanto, por outro lado, a maioria deles parece acreditar que é impossível livrar-se dessa degenerescência depois de ela ter-se manifestado sob uma forma considerada hereditária. Portanto, era de extrema importância que os critérios de hereditariedade da época fossem extremamente vagos, permitindo diferentes interpretações segundo a orientação particular de cada pesquisador. (ANDERSSON, 2000, p. 82, n. 21).

que não versam diretamente sobre questões etiológicas também não serão aqui examinados, pois distanciaríamos nossa investigação de seu objeto.

²⁷ E é justamente desse tipo de proposta que a psicanálise deve ser afastada, como apontado nas observações feitas acima.

Freud era um pesquisador da neurologia, que fora fortemente afetado pela viagem à Paris, realizada entre outubro de 1885 a fevereiro de 1886, em que conheceu e vivenciou o trabalho do grande mestre Charcot. "Antes dessa viagem, Freud era, antes de mais nada, um neurologista e pesquisador experimental; a seguir, dedicou-se quase exclusivamente à pesquisa clínica, sobretudo em âmbito psicopatológico, e à atividade terapêutica" (ANDERSSON, 2000, p. 65). Em vista da referência aludida, é muito provável que o trabalho e o pensamento do psicanalista sejam atravessados em maior ou menor grau por tais postulados, quanto à hereditariedade e ao que é herdado, ainda que a psicanálise seja justamente afastada desse tipo de proposta genética para aquisição e transmissão de doenças anímicas. Outro ponto não menos importante diz respeito ao fato de que nosso autor, "como todos esses cientistas formados em ciências naturais no terço final do século XIX e no começo do século XX, e mais tarde ocupados com a pesquisa da alma, encontrava-se numa tradição científica estritamente evolucionista que, na virada do século, havia atingido também a psicologia" (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 112), de modo que "os conceitos explicativos lamarckistas e darwinistas não foram no começo considerados antagônicos" (GRUBRICH-SIMITIS, 1987, p. 113). Vale lembrar, no momento imediato do retorno da viagem à França, Freud encontrava-se sob forte influência teórica de Charcot, inclusive quanto às teses hereditárias: para o mestre da Salpêtrière, "a hereditariedade exercia sua influência de duas maneiras: em parte como herança específica de uma certa doença, e em parte como uma disposição mais difusa à patologia [...]" (ANDERSSON, 2000, p. 73).

Isso significa então que Freud, nos anos precedentes a 1890, aceitava as teses hereditárias de Charcot, o que somente com os textos de 1892 e 1893 será revisto com mais rigor. Junto do fator constitutivo: "o papel dos fatores traumáticos na etiologia da histeria e dos outros distúrbios nervosos era [...] o de atualizar a disposição hereditária [...]. Por isso, os fatores traumáticos eram *agents provocateurs* que faziam disparar a disposição à doença" (ANDERSSON, 2000, p. 73). Como se vê, a dimensão traumática somente ativava a disposição, e não levava à doença propriamente dita. Assim, "a histeria é ligada a um choque psíquico, e não a um dano orgânico produzido no sistema nervoso em conexão com a experiência traumática" (ANDERSSON, 2000, p. 70), o que tem correspondência direta com a neurose enquanto marco conceitual. Atentemo-nos novamente a outra importante nota da tese de Andersson, para vislumbre de um breve, porém esclarecedor histórico da referida noção:

A ideia de neurose surgiu em um contexto médico-filosófico bastante estranho não só ao pensamento de nossa época, mas também ao que foi considerado pela maioria dos historiadores da medicina como a principal corrente dessa disciplina

durante o século XIX, ou seja, a anatomia e a localização anatômica. Por isso, a neurose só foi abordada de modo sucinto nos manuais de história. O termo neurose deve-se a William Cullen (1712-1790), um dos inventores da patologia nervosa. Influenciado pela medicina do século XVIII, interessada no estudo da irritabilidade e da sensibilidade dos organismos, Cullen elaborou uma teoria segundo a qual o sistema nervoso seria a fonte e o regulador de todos os fenômenos da vida - tanto da saúde como da doença. Por isso, os distúrbios de seu funcionamento viriam a se tornar um princípio explicativo amplamente utilizado em medicina. De grande importância para o futuro desse conceito de neurose foi o fato de os distúrbios [...] não terem sido localizados em regiões definidas do sistema nervoso, mas terem sido considerados como desordens de seu funcionamento geral. Quando, no século XIX, a teoria médica de Cullen é substituída por outros esquemas de interpretação baseados na localização anatômica [...], a importância das neuroses no pensamento médico diminui [...]. Existiam, no entanto, muitas filosofias e tradições médicas alheias ou contrárias à ideia de localização anatômica [...]. O interesse despertado pelas neuroses, para as quais não se conseguiu estabelecer uma localização anatômica, parece ter sido bem menor do que aquele dedicado às doenças nervosas de origem orgânica, até que Charcot iniciasse suas investigações sobre o tema [...]. (ANDERSSON, 2000, pp. 79-80, n. 7).

É necessário recordar que Freud varia a nomenclatura neurótica da qual lança mão com o passar dos anos. No artigo póstumo de 1915 fala-se em neuroses de transferência e neuroses narcísicas; na década de 1890 falava-se em neuroses atuais e neuroses de defesa. Em ambos os casos, os principais quadros patológicos discutidos por Freud receberam o nome de neuroses, e é característica destas modalidades de adoecimento sua dimensão funcional, enquanto desordem ou doença das funções nervosas, "doença que supostamente afeta apenas os fenômenos dinâmicos, pois não se consegue associá-la ao estado estático ou anatômico de um órgão lesado. A distinção entre estado estático e estado dinâmico corresponde àquela que existe entre anatomia e fisiologia: estado dinâmico = estado estático posto em ação" (ANDERSSON, 2000, p. 80, n. 7). Isto dito, examinemos algumas passagens do artigo de 1888, "*Histeria*", onde Freud aceita abertamente as ideias etiológicas da doutrina hereditária de Charcot (ANDERSSON, 2000, p. 88), de maneira a pensar todas as outras causas etiológicas como secundárias (ANDERSSON, 2000, p. 88): "A etiologia do *status hystericus* deve ser buscada inteiramente na herança: os histéricos estão sempre dispostos pela herança às perturbações da atividade nervosa [...]. Todos os outros fatores ocupam um segundo plano frente à herança, e desempenham o papel de causas ocasionais [...]" (FREUD, 1888/1988, p. 55)²⁸, inclusive a sexualidade. Como se vê, o fator constitutivo é convocado para explicar a disposição à histeria.

²⁸ "La etiología del *status hystericus* ja de buscarse por entero en la herencia: los histéricos están siempre dispuestos por herencia a unas perturbaciones de la actividad nerviosa [...]. Todos los otros factores ocupan un segundo plano frente a la herencia, y desempeñan el papel de unas causas ocasionales [...]" (in.: FREUD, S. **Obras Completas**, v. I. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 55)

No entanto, as causas acidentais da histeria são importantes, uma vez que desencadeiam ataques histéricos²⁹, de histerias agudas. Como fatores que tendem ao desenvolvimento de uma predisposição histérica, cabe mencionar: educação efeminadora (histeria em filhos únicos), despertar prematuro da atividade intelectual em crianças, excitações frequentes e violentas (FREUD, 1888/1988, p. 55)³⁰.

Assim, os traumas agem de dois modos: "em primeiro lugar, um forte trauma corporal, acompanhado de horror e perda momentânea da consciência pode despertar uma predisposição histérica que permanecera até então inobservada; e, em segundo lugar, a parte afetada pelo trauma se converte em sede local de uma histeria" (FREUD, 1888/1988, p. 56)³¹. No texto, apesar de Freud indicar serem as anormalidades sexuais supervalorizadas em termos etiológicos, "é a primeira vez que surge em seus escritos a ideia de que as condições sexuais possam ter um papel significativo na etiologia das neuroses" (ANDERSSON, 2000, p. 89). Feitas as considerações precedentes, temos condição de afirmar que, num primeiro momento de seu trabalho científico, Freud tinha em alta conta a explicação "hereditarista" para o adoecimento neurótico, em que a dimensão constitutiva dos indivíduos era o que havia de específico nessa modalidade de adoecimento. Não é novidade que o elemento traumático já era considerado por Charcot (ANDERSSON, 2000, p. 71), e Freud segue o mestre francês também nesse sentido. No entanto, as primeiras menções à sexualidade apontam uma incipiente atenção do psicanalista para o tema, e sua posição concordante com Charcot pode ser entendida como contraponto da postura vindoura, encontrada nos textos de 1892 e 1893. Examinemos, pois, alguns escritos deste momento, onde "Freud, [...], apesar de não negar a importância da hereditariedade como fator predisponente, afirma que toda neurose tinha uma etiologia específica não-hereditária" (ANDERSSON, 2000, p. 36). Iniciemos pelos "*Extratos das notas*

²⁹ Não tendo sido possível cotejar o texto original, publicado no "*Dicionário médico de Villaret*" (ANDERSSON, 2000, p. 53), optou-se aqui por tomar como base as traduções: argentina de Etcheverry, onde encontramos "*estallidos histéricos*", como indicado na nota abaixo, e a britânica "*Standard edition*" de Strachey, por sua vez com "*hysterical outbreak*". Deste modo, traduzir a expressão por "ataque histérico" parece justificado, uma vez que é comum encontrarmos na bibliografia referente ao tema e no "idioma de chegada", o português brasileiro, tal opção de tradução, além desta não perder o sentido presente nas referidas versões.

³⁰ "Sin embargo, las causas accidentales de la histeria son importantes, puesto que desencadenan estallidos histéricos, de histerias agudas. Como factores aptos para propender al desarrollo de una predisposición histérica, cabe mencionar: educación afeminadora (histeria en hijos únicos), despertar prematuro de actividad intelectual en niños, excitaciones frecuentes y violentas." (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 55)

³¹ "en primer lugar, un fuerte trauma corporal, acompañado de terror y parálisis momentánea de la conciencia, despierta una predisposición histérica inadvertida hasta entonces; y, en segundo lugar, por convertirse la parte del cuerpo afectada por el trauma en sede de una histeria local" (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 56)

de Freud à sua tradução de Charcot, 'Leçons du mardi' ", de 1893, em que a oposição a Charcot é explicitada:

Charcot afirmara que a herança era a causa efetiva dos ataques histéricos, da vertigem e da agorafobia de um doente. Arrisco uma contradição neste ponto. A causa mais frequente da agorafobia, assim como da maioria das outras fobias, não reside na herança, mas sim em anormalidades da vida sexual. [...] estas neuropatias podem ser adquiridas com qualquer intensidade, ainda que, claro, para a mesma etiologia sejam mais intensas se o acometido tiver lastro hereditário. (FREUD, 1893/1988, p. 173)³².

Em referência ao início do escrito de Freud mencionado, diz Andersson,

Freud levanta objeções ao modo pelo qual Charcot parecia sobrevalorizar a disposição hereditária a respeito dos traumas ou de outros distúrbios, considerados somente como *agent provocateurs* e que transformam em distúrbio manifesto uma disposição até então oculta. É verdade que nesse contexto ele não estava se referindo à etiologia da histeria, mas fazendo uma crítica de caráter geral [...]. Freud evidentemente pretendia afirmar que a disposição hereditária tinha adquirido um caráter genérico, tornando-se inútil referir-se a ela como fator etiológico (ANDERSSON, 2000, p. 125).

A primeira passagem supracitada, de autoria do psicanalista, é evidentemente emblemática, pois assinala posições teóricas que nortearão não só a virada de seu pensamento em relação a Charcot, sua "maior independência" quanto ao mestre francês, mas também os rumos que suas pesquisas e certezas investigativas tomarão. Se considerarmos que o que há de singular na citação é primeiramente a crítica ao hereditarismo e depois o destaque do papel da sexualidade, façamos então uma breve apreciação sobre o modo como cada um desses temas é abordado nos escritos da época.

Na citação, a referência ao "lastro hereditário" explicita a não desconsideração total da hereditariedade, junto da indicação de que se pretende avançar em relação ao problema do adoecimento por outra via, que não exclusivamente genética. Somente a título de maior esclarecimento, as discordâncias com Charcot não se limitavam à questão da disposição, abarcando inicialmente uma crítica de Freud direcionada ao caráter anatomofisiológico da teoria sobre as

³² "Charcot había afirmado que la herencia era la *causa efectiva* de los ataques histéricos, del vértigo y de la agorafobia de un enfermo. Aventuro en este punto una contradicción. La causa más frecuente de la agorafobia, así como de la mayoría de las otras fobias, no reside en la herencia, sino en anormalidades de la vida sexual. [...] estas neuropatías pueden ser *adquiridas* con cualquier intensidad, aunque, desde luego, a igual etiología son más intensas si el afectado tiene lastre hereditario" (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. I. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 173)

histerias de seu mentor (ANDERSSON, 2000, p. 97), uma vez que nosso autor "conferia maior relevo à modalidade interpretativa fisiológica do que à anatômica" (ANDERSSON, 2000, p. 108)³³.

Assim, ao considerar a abordagem de outro elemento etiológico e explicativo como necessária, Freud direciona sua atenção para a dimensão acidental do adoecimento neurótico, de modo a constituir uma concepção nosográfica distinta, onde não seriam supervalorizados os caracteres hereditários. Tomemos o artigo "*Charcot*", de 1893, publicado pelo psicanalista quando da morte do mestre francês: "Tanto superestimou Charcot o papel causal da herança, que não deixou espaço algum para a aquisição de neuropatias" (FREUD, 1893/1952, p. 24)³⁴. E continua:

Charcot propôs para ela [histeria] uma fórmula simples: a hereditariedade conta como causa única; desse modo, a histeria é uma forma de degeneração, um membro da família neuropática [*famille névropathique*]; todos os outros fatores etiológicos desempenham o papel de causas ocasionais [*Gelegenheitsursachen*], de agente provocador [*agent provocateur*]"³⁵ (FREUD, 1893/1952, p. 33).

Tendo em vista as passagens mencionadas, a intenção de Freud quanto a perscrutar a dimensão adquirida da disposição à irrupção do adoecimento fica cada vez mais patente.

Desta maneira, o segundo ponto a ser considerado quanto à citação dos "*Extratos*" às "*Leçons du mardi*" diz respeito à sexualidade. Já em 1888, no texto "*Histeria*", dizia Freud: "No entanto, deve-se admitir que constelações funcionais relativas à vida sexual desempenham um grande papel na etiologia da histeria (assim como em todas as outras neuroses)" (FREUD, 1893/1988, p. 56)³⁶. Entre 1892 e 1893, num notável esforço teórico, nosso autor ocupou-se de, primeiramente, associar o traumático às vivências sexuais, de modo que estas sejam capazes de gerar traumas, como encontramos na parte B, nota III dos "*Esboços da 'Comunicação Preliminar'*",

³³ Tomar em maior profundidade as discordâncias entre os autores levaria nossa investigação para outros rumos, mas a título de nota vale indicar a quinta parte do terceiro capítulo da tese de Andersson, onde o comentador discute os pormenores da crítica feita pelo psicanalista. (in.: ANDERSSON, O. **Estudos sobre a pré-história da psicanálise**. Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda: São Paulo, 2000, pp. 97-100)

³⁴ "Charcot überschätzte die Heredität als Ursache so sehr, daß kein Raum für die Erwerbung von Neuropathien übrig blieb" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 33)

³⁵ "Charcot stellte eine einfache Formel für diese auf: als einzige Ursache hat die Heredität zu gelten, die Hysterie ist demnach eine Form der Entartung, ein Mitglied der *famille neuropathique*: alle anderen ätiologischen Momente spielen die Rolle von Gelegenheitsursachen, von *agents provocateurs*." (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 33)

³⁶ "No obstante, se debe admitir que unas constelaciones *funcionales* relativas a la vida sexual desempeñan un gran papel en la etiología de la histeria (así como de *todas* las otras neurosis) [...]. El trauma es una causa ocasional frecuente de afecciones históricas, en doble dirección: en primer lugar, un fuerte trauma corporal, acompañado de terror y parálisis momentánea de la conciencia, despierta una predisposición histérica inadvertida hasta entonces; y, en segundo lugar, por convertirse la parte del cuerpo afectada por el trauma en sede de una histeria local." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 56)

de 1892: “Em particular, a vida sexual se prestaria a constituir o conteúdo [dos traumas], pela forte oposição em que está para com o resto da pessoa e pelo caráter não reativo de suas representações” (FREUD, 1892/1988, p. 186)³⁷. Assim, a sexualidade teria íntima relação com a experiência traumática, devido à inconciliabilidade psíquica de seus conteúdos, tendo portanto o traumático, por sua vez, elementos de vivências de caráter sexual, não diretamente assimiláveis, indicativo de um modo particular de funcionamento psíquico frente a esse aspecto do viver individual. Este é também o contexto argumentativo em que Freud confere maior abrangência ao trauma enquanto fator de causação etiológica: “toda histeria que não seja hereditária é uma histeria traumática”³⁸ (FREUD, 1893/1988, p. 217), diz-nos o autor no “*Manuscrito B*”, de 1893, ao alargar o argumento então contemplador da causação histérica à condição neurastênica: “um desgaste sexual pode causar neurastenia por conta própria; sempre que não o fizer, terá predisposto o sistema nervoso de tal modo que uma afecção corporal, um afeto depressivo ou trabalho excessivo (influências tóxicas) não serão tolerados sem neurastenia” (FREUD, 1893/1988, p. 218)³⁹. Na parte II do referido manuscrito, intitulada ‘*As neuroses de angústia*’, diz Freud, no contexto da discussão sobre as neuroses mistas - formas patológicas que não são redutíveis a um ou outro quadro clínico estrito: “não sei, então, se existem de fato formas hereditárias sem causas sexuais”⁴⁰ (FREUD, 1893/1988, p. 222). Como se vê, o movimento do psicanalista em relação à causação exógena foi não somente de aprofundamento através da investigação teórica, mas também de generalização, no sentido de entender o efeito traumático da sexualidade como motivo específico para toda modalidade de predisposição ao adoecimento neurótico.

Ante o avanço descrito, evidenciaram-se como necessários à teoria novos arranjos, de modo a combinar as recentes descobertas em termos conceitualmente mais harmoniosos. Emergem disto então duas noções capitais: em primeiro lugar, o trauma forma recordações que causam o adoecimento, e conseqüentemente estas recordações só têm força etiológica à medida que seu conteúdo não seja de fácil assimilação psíquica.

³⁷ “En particular, la vida sexual se prestaría para *formar el contenido* [de tales traumas], por la fuerte oposición en que está con el resto de la persona y por el carácter no reaccionable de sus representaciones” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 186)

³⁸ “Toda histeria que no sea hereditaria es una histeria traumática” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 217)

³⁹ “Un desgaste sexual puede provocar neurastenia por sí solo; toda vez que solo no alcance, habrá predispuesto al sistema nervioso a punto tal que una afección corporal, un afecto depresivo o un trabajo excesivo (influidos tóxicos) no se tolerarán entonces sin neurastenia.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 218)

⁴⁰ “Yo no sé, entonces, si aquí existen efectivamente formas hereditarias sin causas sexuales” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 222)

O cerne do ataque histérico, seja qual for a forma em que se manifeste, é uma lembrança, o reviver alucinatório de uma cena significativa para a contração da doença. [...] o conteúdo da lembrança é, via de regra, o trauma psíquico capaz, por sua intensidade, de provocar o ataque histérico no doente, ou o evento que devido a sua ocorrência em um momento determinado tornou-se trauma.⁴¹ (FREUD, 1893/1988, p. 171).

O excerto, retirado do já mencionado "*Extratos*" às "*Leçons du mardi*", é muito enfático quanto ao enlace que Freud estabelece entre o trauma e a recordação, uma vez que indica ser esta a estrutura constituinte das doenças nervosas. Na parte C da "*Carta a Josef Breuer*", de 1892, intitulada "*Sobre a teoria do ataque histérico*", encontramos que "a lembrança [*Errinerung*] que forma o conteúdo do ataque histérico não é arbitrária, mas sim o retorno daquela vivência causadora do ataque histérico - o trauma psíquico" (FREUD, 1892/1855, p. 20)⁴². Fica evidente, portanto, que a lembrança é o resquício psíquico do trauma, sua reminiscência, e que a partir dela se desenrolaria o acontecimento patológico. Haveria aí então uma relação estrita de determinação, da lembrança em relação ao adoecer, e caberia a pergunta sobre o que teria de fato tal potência traumatizante, ou ainda, por que lembrar disto e não daquilo daria vazão para uma histeria ou outra neurose. Para tanto, Freud deve vislumbrar a natureza do traumático:

[...] vivências que de alguma forma são aptas, por sua natureza, a produzir o efeito de um trauma (terror, mortificação, decepção) [...]. A lembrança que forma o conteúdo do ataque histérico é uma lembrança inconsciente [*unbewusste Errinerung*] - em termos mais corretos: pertence ao segundo estado de consciência, que em toda histeria possui um grau de organização mais ou menos elevado [...]. Torna-se trauma psíquico qualquer impressão cujo processamento, devido ao pensamento associativo ou à reação motriz, cria dificuldades para o sistema nervoso (FREUD, 1988, p. 189-190)⁴³.

⁴¹ "El núcleo del ataque histérico, cualquiera que sea la forma en que se manifieste, es un *recuerdo*, la revivencia alucinatoria de una escena significativa para la contracción de la enfermedad. [...] el *contenido del recuerdo* es por regla general el *trauma* psíquico apto por su intensidad para provocar el estallido histérico en el enfermo, o bien el suceso que por su ocurrencia en un momento determinado se convirtió en trauma" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. I**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 171)

⁴² "Die Erinnerung, welche den Inhalt des hysterischen Anfalles bildet, ist keine beliebige, sondern ist die Wiederkehr jenes Erlebnisses, welches den hysterischen Ausbruch verursacht hat — des psychischen Traumas" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Siebzehnter Band**. Imago Pub. Co., London, 1955, p. 20)

⁴³ "Erlebnisse, welche gleichfalls ihrer Natur nach geeignet sind als Trauma zu wirken (Schreck, Kränkung, Enttäuschung) [...]. Die Erinnerung, welche den Inhalt des hysterischen Anfalles bildet, ist eine unbewusste, korrektergesprochen: sie gehört dem zweiten, bei jeder Hysterie mehr oder minder hoch organisierten Bewusstseinszustände an [...]. Zum psychischen Trauma wird jeder Eindruck, dessen Erledigung durch assoziative Denkarbeit oder motorische Reaktion dem Nervensystem Schwierigkeiten bereitet." (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Siebzehnter Band**. Imago Pub. Co., London, 1955, p. 10-11)

Destarte, percebe-se o caráter qualitativo da vivência traumática: ela deve ser assustadora, mortificante, terrível; deve ter, por isso, notável impacto afetivo, o que não passa pelo psiquismo sem deixar marcas. Daí a necessidade de evocar um segundo estado de consciência, onde permaneceriam ocultas da consciência comum essas lembranças chocantes, próprias ao momento traumático, no qual fora impossível associar ou reagir de forma adequada à dimensão quantitativa do trauma. Tudo isto é ainda reforçado por Freud no texto "*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos*", de 1893:

Suponham um indivíduo, até certo momento saudável, possivelmente livre de todo defeito hereditário, que é surpreendido por um trauma. Este trauma deve cumprir certas condições; deve ser grave, ou seja, de tal índole que a ele se ligue a *representação* de um perigo mortal, de uma ameaça à existência; [...] não deve vir acompanhado de um choque cerebral nem de uma lesão grave. Além disso, esse trauma deve ter uma relação particular com uma parte do corpo.⁴⁴ (FREUD, 1893/1992, p. 30. Grifo nosso.).

Salvaguardada a condição para que o quadro seja de fato neurótico, ou seja, que o dano causado não incida sob o tecido nervoso, e à parte da relação do choque com o corpo, que gera outras questões investigativas e interrogações quanto ao pensamento de Freud⁴⁵ - apesar de ser patente no texto que "na histeria traumática a verdadeira causa da doença não era a lesão física, mas o trauma psíquico" (ANDERSSON, 2000, p. 131) - aqui como nos "*Esboços à 'Comunicação Preliminar'*" anteriormente mencionados lança-se mão do termo *representação*, o qual servirá então de correlato psíquico da experiência traumática. Desse modo, e a partir desses textos, falar em trauma é também falar de uma representação que acompanha de forma correlata as vivências

⁴⁴ "Supongan un individuo hasta cierto momento sano, quizá libre de toda tara hereditaria, que es sorprendido por un trauma. Este trauma debe cumplir ciertas condiciones; tiene que ser grave, o sea, de tal índole que a él se conecte la representación de un peligro mortal, una amenaza para la existencia; [...] no debe ir acompañado de una conmoción cerebral ni de una lesión grave. Además, ese trauma debe tener una relación particular con una parte del cuerpo." (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 30)

⁴⁵ Como dito anteriormente, a ideia de um trauma incidir diretamente sobre o corpo está presente em Charcot, que via aí a dimensão material para a predisposição ao adoecimento histérico. Freud, por sua vez, acompanha Charcot em 1888, mas aqui como se vê apenas diz ser necessário que o trauma tenha relação com alguma parte do corpo, o que com os "*Estudos sobre a histeria*" fica mais claro se pensamos nas das zonas histerógenas (trataremos do texto no próximo capítulo). No entanto, à medida que Freud desenvolve suas pesquisas e certezas teóricas, o problema da incidência traumática sobre o corpo receberá novos contornos. No terceiro capítulo de seu "*O movimento de um pensamento*", intitulado "Nos confins do prazer", Luiz Roberto Monzani discute o problema no contexto do escrito "*Além do princípio do prazer*": "[...] enquanto no traumatismo externo o que é acentuado é o dano físico ou histológico, no caso do traumatismo psíquico o que interessa é a lesão no órgão da mente [...]. Com relação ao primeiro ponto, podemos ir um pouco mais longe: se a lesão física for de alta intensidade, isso fará com que o traumatismo psíquico não apareça, pois essa lesão provocaria uma hipercatexia narcisista do órgão prejudicado, fazendo com que a energia seja mobilizada noutro sentido" (MONZANI, 2014, p. 161). Isto posto, intenciona-se aqui somente indicar a complexidade do problema na obra de Freud, de modo que seria para nós inviável aprofundar a discussão sem perder de vista nossas investigativas.

de choque, já que à gravidade destas deve estar atrelada uma ideia psíquica de terror ou de ameaça à vida. Devido à publicação do artigo supracitado em periódico médico vienense da época, não tivemos condições de examinar o texto original, caso oposto do que ocorre com os "*Esboços*", em que claramente o termo utilizado por Freud em se tratando de representações é "*Vorstellungen*" (FREUD, 1955, p. 18)⁴⁶.

O substantivo *Vorstellung* não é termo de uso culto e vernacular, nem pertence ao jargão especializado da filosofia ou da psicologia. Trata-se de termo de uso coloquial, para designar a palavra "ideia" ou "concepção" (no sentido de "ideia visualizada"/"imagem"). *Vorstellung* tem sido habitualmente traduzido por "representação", "ideia", "apresentação" e ocasionalmente por "imagem", "concepção". (HANNIS, 1996, p.386).

Interessa-nos pouco vislumbrar a enorme abrangência e polissemia do termo na obra de Freud, o que é feito com maestria em outros trabalhos (HANNIS, 1996, pp. 391-396), e aqui o tomaremos somente da maneira como aparece nos textos que abordamos e em vista da definição supracitada, levando em conta ainda o fato de Freud e seu colaborador, Josef Breuer (1842-1925), "começarem a descrever os fenômenos histéricos em termos psicológicos" (ANDERSSON, 2000, p. 150), o que "*Vorstellung*" deflagra evidentemente. Apesar da persistência de traços da inclinação fisiológica no pensamento do psicanalista, "a partir de 1894 desaparecem todas as referências a processos fisiológicos concretos em suas tentativas de esclarecer a origem, a persistência e o término das psiconeuroses" (ANDERSSON, 2000, p. 150), de modo que "só ocasionalmente Freud procurará basear sua doutrina das neuroses na fisiologia" (ANDERSSON, 2000, p. 150), e, entre 1892 e 1893, esta "guinada psicológica" é sem dúvida um passo significativo para tanto. Com isto, a não conciliação da ideia ou da representação traumática era baseada na concepção de que "o sistema nervoso estava empenhado em manter uma espécie de equilíbrio energético" (ANDERSSON, 2000, p. 151), o que faz sentido se lembrarmos que a representação, enquanto conteúdo ideativo, é passível também de ligação energética. Junto deste adentramento cada vez mais explícito em terreno psicológico, o artigo mencionado demarca ainda que "a forma de histeria que surgia concomitantemente às experiências traumáticas podia ser considerada como o protótipo de todas as outras formas de histeria: também nestas, os sintomas eram o resultado de experiências

⁴⁶ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Siebzehnter Band.** Imago Pub. Co., London, 1955, p. 18

traumáticas" (ANDERSSON, 2000, p. 130), reafirmando a inclinação e a preferência de Freud pela via explicativa exógena e pela generalização desta no contexto examinado.

Atentemo-nos finalmente ao artigo "*Um caso de cura por hipnose*", de 1893, para finalizar este primeiro bloco investigativo. O excerto em questão demarca de forma notória o lugar basilar que a noção de representação começa a ocupar no que tange à teorização sobre a dinâmica psíquica da condição específica do adoecimento neurótico.

Há representações às quais um afeto de expectativa está ligado [*Erwartungsaffekt verbunden ist*]; elas são de duas classes: representações de que farei isso ou aquilo, os chamados desígnios [*Vorsätze*], e representações de que isso ou aquilo acontecerá comigo, as expectativas [*Erwartungen*] em sentido estrito. O efeito aí vinculado depende de dois fatores: primeiro, do significado que possua para mim o resultado [da ligação], e em segundo lugar, do grau de incerteza referente à expectativa. A incerteza subjetiva - a expectativa contrária [*Gegenwartung*] - é por sua vez figurada por uma soma de representações que definiremos como representações penosas contrastantes [*peinliche Kontrastvorstellungen*]. No caso do desígnio, estas representações contrastantes dizem: 'Não conseguirei realizar meu desígnio porque isso e aquilo são em demasia difíceis para mim, não sou apto para tanto; além disso, sei que em uma situação semelhante tais e quais pessoas fracassaram'. O outro caso, o da expectativa, é mais claro e objetivo; a expectativa oposta consiste na ponderação de todas as outras possibilidades que me podem suceder, com exceção da que desejo [...]; [...] nas neuroses, as representações contrastantes com o desígnio recebem grande atenção [por parte do paciente], possivelmente porque seu conteúdo se adequa à tonalidade do humor da neurose [*Stimmungsfärbung der Neurose*], ou talvez porque sobre o terreno da neurose são geradas representações contrastantes que de outro modo seriam interceptadas.⁴⁷

⁴⁸ (FREUD, 1893/1988, p. 155).

É notável que o fenômeno patológico seja aqui apreciado em sua face propriamente psicológica. As representações, formativas "daquilo que se representa" e que formam o conteúdo

⁴⁷ "existen representaciones a las que se conecta un efecto de expectativa; ellas son de dos clases: representaciones de que yo haré esto o estotro, los llamados *designios*, y representaciones de que esto o estotro acontecerá conmigo, las expectativas en sentido estricto. El efecto ahí anudado depende de dos factores: en primer lugar, del significado que posea para mí el desenlace, y en segundo lugar, del grado de incertidumbre que aqueja a su expectativa. La incertidumbre subjetiva, la expectativa contraria, es a su vez figurada por una suma de representaciones que definiremos como *representaciones penosas contrastantes*. Para el caso del designio, estas representaciones contrastantes dicen así: 'No conseguiré realizar mi designio porque esto o estotro es demasiado difícil para mí, yo soy inepto para eso; además, sé que en una situación semejante tales y cuales personas han fracasado'. El otro caso, el de la expectativa, es claro sin más; la expectativa contraria consiste en la ponderación de todas las otras posibilidades que me pueden suceder, salvo una, la que yo deseo [...]; [...] en las neurosis las representaciones contrastantes con el designio reciben gran atención [por parte del paciente] quizá porque su contenido se adecua a la tonalidad del talante de la neurosis, o quizá porque sobre el terreno de la neurosis se generan unas representaciones contrastantes que de otro modo serían interceptadas" (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. I. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1988, p. 155)

⁴⁸ Todos os termos do texto original encontram-se em: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band.** Imago Pub. Co., London, 1952, p. 8.

concreto de um ato de pensamento (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 448), estão sempre atreladas a montantes de afeto. Esses afetos, além de terem dimensão energética, têm também caráter qualitativo, emocional. Torna-se assim impossível desconsiderar a relevância do fato de que as representações, se possuírem caráter contrastante ou penoso, podem levar indivíduos ao adoecimento, à medida que geram conflitos intrapsíquicos.

Se já sabemos que o trauma é central para a causação etiológica da histeria e das demais neuroses, além de ser necessariamente atravessado pela sexualidade; que o acidente traumático gera lembranças de caráter penoso que constituem a forma nuclear do adoecimento subsequente; e que a dimensão representacional dos fatos, psiquicamente falando, é sempre atrelada a um afeto que tem qualidade e quantidade, resta ainda uma pergunta: por que e de que modo se dá a manutenção do efeito traumático? Tomemos um excerto do já mencionado "*Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*" para sanar a questão.

Se um ser humano experimenta uma impressão psíquica, em seu sistema nervoso se acrescenta algo que no momento chamaremos de soma de excitação. O acréscimo da soma de excitação ocorre por vias sensoriais, e sua diminuição por vias motrizes. [...] desta reação depende quanto restará da impressão psíquica inicial [...]. Para levíssimos acréscimos de excitação talvez bastem alterações do próprio corpo: chorar, insultar, enraivecer etc. E quanto mais intenso o trauma psíquico, tanto maior deve ser a reação adequada. Mas a ação adequada é sempre a ação. [...]: o primeiro que em vez de lançar uma flecha ao inimigo lhe lançou um insulto foi o fundador da civilização; desse modo, a palavra é o substituto da ação, e em certas circunstâncias (confissão) o único substituto. [...] se a reação a um trauma psíquico é totalmente interceptada, a memória conserva deste o afeto que teve em sua origem. Se um ofendido não pode devolver a afronta, nem dando por sua vez uma bofetada nem por meio de um insulto, cria-se a possibilidade de que a lembrança desse acontecimento volte a invocar-lhe o mesmo afeto que esteve presente no início. [...] e uma vez que o ser humano não pode aliviar-se do aumento de estímulo mediante abreação, está dada a possibilidade de que o evento em questão se converta em um trauma psíquico. O mecanismo psíquico sadio tem por certo outros meios para processar o afeto de um trauma psíquico, por mais que lhe sejam dados a reação motriz e a reação mediante palavras: o processamento associativo, a tramitação por meio de representações contrastantes. (FREUD, 1992, p. 37-38)⁴⁹

⁴⁹ "Si un ser humano experimenta una impresión psíquica, en su sistema nervioso se acrecienta algo que por el momento llamaremos la <suma de excitación>. El acrecentamiento de la suma de excitación acontece por vías sensoriales, su empequeñecimiento por vías motrices. [...] de esta reacción depende cuánto restará de la impresión psíquica inicial [...]. Para levísimos acrecentamientos de excitación quizá basten unas alteraciones del cuerpo propio: llorar, insultar, rabiar, etc. Y mientras más intenso el trauma psíquico, tanto más grande la reacción adecuada. Pero la acción adecuada es siempre la acción. [...]: el primero que en vez de arrojar una flecha al enemigo le lanzó un insulto fue el fundador de la civilización; de ese modo, la palabra es el sustituto de la acción, y en ciertas circunstancias (confesión) el único sustituto. [...] si la reacción a un trauma psíquico está totalmente interceptada, el recuerdo de él conserva el afecto que en su origen tuvo. Si un ofendido no puede devolver la afronta, ni dando a su vez una bofetada ni por medio de un insulto, se crea la posibilidad de que el recuerdo de ese suceso vuelva a convocarle el mismo afecto que estuvo presente al comienzo. [...] y toda vez que el ser humano no puede aligerarse del aumento de estímulo

Isto dito, fica evidente então que a disposição ao adoecimento neurótico é, em 1893, um fenômeno multifacetado para Freud, resultado de uma série de ocorrências dadas em condições muito específicas. Em primeiro lugar, o indivíduo deve sofrer um trauma psíquico, não físico, um acidente propriamente dito. Este acidente deve causar horror, susto, ou impressões que gerem dificuldade assimilativa ao sistema nervoso. Idealmente, essa intrusão energético-afetiva deve ser processada, “reacionada” via motricidade, palavra/verbalização ou associação psíquica, o que é dificultado na condição do trauma justamente pelas características que o tornam um acontecimento de tal natureza. Ademais a isto, o campo das vivências de cunho sexual tem privilegiada relação com o traumatismo. Diante destas considerações e da exposição então feita, façamos uma breve retomada de questões tratadas até aqui passíveis de assinalamento sobre o problema da disposição:

a) Em 1915, com o artigo póstumo "*Neuroses de transferência: uma síntese*", Freud combina as dimensões exógena e endógena numa fórmula etiológica para os quadros neuróticos à época vislumbrados. Para tanto, o autor intenta, num exercício dedutivo e narrativo sobre a filogênese, indicar os momentos de aquisição das predisposições ao adoecimento neurótico no passado longínquo. O que um dia foi aquisição, em tempos primevos, hoje é constitutivo, e a atualidade das disposições à neurose é um tipo de precipitado do desenrolar histórico. Resolver esta questão é consequência da criação mesma da psicanálise, e um exame dos textos da década de 1890 deve nos auxiliar a enxergar as coisas de tal maneira;

b) Em 1888, ainda sob o frescor das impressões da viagem à Paris, em que Freud conhece o trabalho do grande mestre Charcot, é patente nos escassos escritos do psicanalista a influência do francês em suas rudimentares perspectivas etiológicas, e é destacada a concordância quanto à tese hereditária, o que muda drasticamente com o passar dos anos imediatos ao início da década de 1890;

c) Entre 1892 e 1893, Freud abrange sua perspectiva sobre a modalidade exógena de causação do adoecimento neurótico, favorecendo investidas teóricas que dizem respeito ao trauma e à sua dimensão estritamente psíquica. É interessante notar que o trauma, a sexualidade e a entrada no terreno da perscrutação psicológica dos fenômenos psicopatológicos se dá de forma conjunta em Freud, e que suas discordâncias de Charcot demarcam uma primeira oscilação em relação à questão

mediante <abreacción> está dada la posibilidad de que el suceso en cuestión se convierta en un trauma psíquico. El mecanismo psíquico sano tiene por cierto otros medios para tramitar el afecto de un trauma psíquico, por más que le sean delegadas la reacción motriz y la reacción mediante palabras: el procesamiento asociativo, la tramitación por medio de representaciones contrastantes." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III. Trad.:** José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires,1992, p. 37-38)

da disposição à doença anímica. Entre 1888 e 1893, Freud varia sua preferência pelo hereditarismo à predileção pelo traumatismo.

CAPÍTULO II: RUMO À DEFESA E ÀS PSICONEUROSES

"A loucura, assim, se aloja no ponto mais perto e no ponto mais distante do homem: aqui mesmo onde ele habita, mas também lá onde ele se perde, nessa estranha pátria em que sua residência é igualmente aquilo que o abole, a plenitude realizada de sua verdade e o incessante trabalho de seu não-ser"

Michel Foucault⁵⁰

No capítulo anterior demonstramos que um problema teórico específico - a disposição ao adoecimento neurótico - ocupava as reflexões de Sigmund Freud ainda no ano de 1915, período em que publica seus escritos metapsicológicos, os quais deveriam permitir às raízes de sua nascente ciência, a psicanálise, alcançar maiores profundidades. Como indicado através do exame dos textos do começo da década de 1890, essa questão o acompanhara desde os primórdios de seus trabalhos científicos sobre as neuroses. Em 1894, Freud publica "*As neuropsicoses de defesa*", onde alça a atividade defensiva do psiquismo à condição indispensável para a irrupção psicopatológica; no ano seguinte⁵¹, em parceria com o famoso médico vienense Josef Breuer (1842 - 1925), os "*Estudos sobre a histeria*" vêm a público. No entorno destes textos, tentaremos demonstrar o desenvolvimento da noção de trauma em sua dimensão psíquica, enquanto prevalente opção pela causação exógena, o início da apresentação de elementos explicativos que já acenam para a vindoura teoria da sedução, como a vivência sexual prematura, traumática e invasiva, na qualidade de causa específica para adoecimentos específicos, e o papel que a predisposição ao adoecimento passa a ter no contexto da defesa.

1. - As neuropsicoses⁵² e a "Defesa"

⁵⁰ In: **História da Loucura na Era Clássica**. Trad.: José Teixeira Coelho Netto. Editora Perspectiva: São Paulo, 1978, p. 412.

⁵¹ Não será considerado integral nem profundamente o "*Projeto de uma psicologia científica*" em nosso trabalho, pois o texto em questão imbricaria questões que demandam voltas muito grandes quanto à assimilação de seu conteúdo à redação sobre os demais textos do período, o que certamente traria problemas que nos distanciaríamos de nossos intuítos investigativos maiores.

⁵² Em uma extensa nota sobre o termo, em referência a uma breve pesquisa empreendida por si próprio, Ola Andersson, no sentido de rastrear o uso de neuropsicose e psiconeurose à época em que Freud lança mão destes, conclui que suas "pesquisas mostram claramente que os termos 'psiconeurose' e 'neuropsicose' não podiam ser muito correntemente

Em janeiro de 1894, Freud termina a redação do texto "*As neuropsicoses de defesa*", ou "*Die Abwehr-neuropsychosen*". Vale destacar o título original justamente para que não se perca de vista o termo *Abwehr*:

[...] apesar de corretamente traduzido por 'defesa', *Abwehr* possui conotações diferentes do termo português. Os significados dicionarizados de *abwehren* [forma verbal] são: 1) fazer retroceder, repelir; 2) rejeitar; 3) afastar; 4) impedir. Conotativamente fica implícito que os inimigos foram apenas afastados e não destruídos, poderão retornar, daí o termo evocar certo estado de prontidão reativa. Freud utiliza a palavra *Abwehr* num contexto de equilíbrio dinâmico entre forças psíquicas e ressalta a ideia de que a função primordial de *Abwehr* é manter determinadas ameaças afastadas da consciência. (HANNIS, 1996, p. 121).

Destarte, evidencia-se a intenção de Freud quanto a reunir as distintas condições neuróticas sob o jugo da ação defensiva, agrupando-as portanto. O termo *defesa*, inauguralmente utilizado aqui, bem como *conversão*, *refúgio na psicose*, e um esboço do significado do papel da sexualidade e de questões sobre a natureza do inconsciente (STRACHEY, 1991, p. 44)⁵³ também se encontram no texto, o que mostra sua importância para o desenrolar posterior da obra do autor. No entanto, são as questões referentes à disposição que nos interessam, problema que acompanha a exposição de cada modalidade distinta do ato da defesa, os quais são três no escrito em questão: conversão, substituição/transposição e projeção, correlatos respectivamente de histeria, neurose obsessiva e psicose. Tomaremos aqui essa concepção das neuroses de defesa como desenvolvimento das ideias dos anos 1892 e 1893, no sentido tanto de pensar o trauma como um conflito com dimensões psíquicas (ANDERSSON, 2000, p. 272), quanto, precisamente por conta disso, o mecanismo de defesa ser ampliado até a possibilidade de reagir especificamente e de acordo com as predisposições individuais a acontecimentos externos potencialmente adoecedores. "A novidade [do texto] consiste na descrição, em termos de uma atividade de defesa do eu⁵⁴, do processo por meio do qual uma pessoa que quisesse esquecer a experiência desprazerosa intencionalmente a 'removesse do seu pensamento consciente'." (ANDERSSON, 2000, p. 174). Podemos tomar o termo

utilizados na Alemanha e na França nos anos 1880 e início de 1890. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, o termo psicose parece ter sido mais utilizado" (ANDERSSON, 2000, pp. 213-214, n. 129).

⁵³ "El término 'defensa', en sí, es inauguralmente utilizado aquí, lo mismo que 'conversión' y 'refugio en la psicosis'. Comienza a esbozarse el significativo papel de la sexualidade; se roza la cuestión de la naturaleza de lo inconsciente [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 44.)

⁵⁴

eu como sinônimo de "pessoa" ou "consciência", da mesma forma como faziam muitos psicólogos e psiquiatras à época (ANDERSSON, 2000, p. 176). Examinemos pois o escrito.

Na última página deste, encontramos que

[...] nas funções psíquicas é possível distinguir algo (quantidade de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade - embora não tenhamos meio algum para medi-la; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se difunde pelas impressões mnêmicas das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. (FREUD, 1894/1991, p. 61)^{55 56}.

Apesar de somente no penúltimo parágrafo Freud nos aclarar sobre isto, é quanto ao que se faz defensivamente do afeto que cada modalidade específica de adoecimento se desenrola, seja convertendo-o para o corpo, transpondo-o a outros pensamentos ou projetando-o para fora da psique. O modelo para tanto é o de pacientes em condição de histeria de defesa, casos que podem provisoriamente ser apresentados como adquiridos, já que nestes não cabe falar de uma tara hereditária [*hereditärer Belastung*] (FREUD, 1894/1952, p. 61)⁵⁷. O que ocorre é que, para o indivíduo,

apresentou-se a seu eu uma vivência, uma representação, uma sensação que despertou um afeto tão penoso que a pessoa decidiu esquecê-la, não confiando em poder solucionar com seu eu, mediante um trabalho de pensamento, a contradição que essa representação inconciliável lhe opunha. (FREUD, 1894/1991, p. 49)⁵⁸.

⁵⁵ "[...] en las funciones psíquicas cabe distinguir algo (monto de afecto, suma de excitación) que tiene todas las propiedades de una cantidad - aunque no poseamos medio alguno para medirla -; algo que es susceptible de aumento, disminución, desplazamiento y descarga, y se difunde por las huellas mnémicas de las representaciones como lo haría una carga eléctrica por la superficie de los cuerpos" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 61.)

⁵⁶ Apenas a título de nota, Lacan faz um interessante comentário sobre a questão: "Se lermos os trabalhos publicados sob o título *O nascimento da psicanálise* e o primeiro manuscrito reencontrado, onde figura a teoria do aparelho psíquico, perceberemos que ele [Freud] está na via da elaboração teórica do seu tempo sobre o funcionamento mecânico do aparelho nervoso - todo o mundo, aliás, o reconheceu. Há de se espantar, ainda menos com o fato de que ali se misturem metáforas elétricas." (LACAN, J. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Trad.: Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 40).

⁵⁷ "Ich kann meine Fälle von Abwehrhysterie auch vorläufig als „akquirierte“ Hysterie aufführen, weil bei ihnen weder von schwerer hereditärer Belastung [...]" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 61)

⁵⁸ "que se presentó a su yo una vivencia, una representación, una sensación que despertó un afecto tan penoso que la persona decidió olvidarla, no confiando en poder solucionar con su yo, mediante un trabajo de pensamiento, la

Isto acarreta uma incompatibilidade na vida representacional (FREUD, 1894/1952, p. 61)⁵⁹ do futuro doente, devido justamente à dimensão não conciliável do que foi apresentado, a que o psiquismo reage, conseqüentemente, por conta da intenção explícita de ignorar e esquecer, indicativo da verossimilhança da definição dada por Hanns à *Abwehr*, em que algo é simplesmente afastado, repellido, e não completamente destruído. Este ato da defesa, por si só, não constitui o adoecimento propriamente dito, mas a condição para tanto, uma vez que, nos pacientes observados por Freud, "esse esquecimento não foi alcançado, mas levou a diversas reações patológicas, que provocaram uma histeria, uma representação obsessiva ou uma psicose alucinatória" (FREUD, 1894/1991, p. 50)⁶⁰. Para alguns casos em que mulheres adoecem, diz o autor, "tais representações inconciliáveis nascem muitas vezes sob o solo do vivenciar e do sentir sexual" (FREUD, 1894/1991, p. 49)⁶¹, o que em 1896 será reduzido e limitado à tese da passividade feminina no adoecimento histérico.

Se não cabe falar em tara hereditária para o quadro da histeria de defesa - como já dito, modelo explicativo para pensar os demais adoecimentos anímicos abordados no escrito de 1894 - algo deve combinar-se ao acontecimento externo, à explicação exógena na escolha da neurose. É aqui que Freud torna ao ponto da predisposição: em todos as três possibilidades nosográficas assinaladas, ocorre uma divisão da consciência [*Bewußtseinsspaltung*]⁶² (FREUD, 1894/1952, p. 62), e aí "há de se ver a expressão de uma predisposição patológica, que, entretanto, não é necessariamente idêntica a uma degeneração pessoal ou hereditária" (FREUD, 1894/1991, p. 50)⁶³. Assim, uma nova conformação predisponente é trazida para a etiologia das neuroses, a qual, por seu turno, não é hereditária e se mostra quando o psiquismo é desafiado por um conteúdo de difícil

contradicción que esa representación inconciliable le oponía" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 49)

⁵⁹ "[...] ein Fall von Unverträglichkeit in ihrem Vorstellungsleben [...]" (In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 61)

⁶⁰ "[...] en los pacientes por mí analizados ese olvido no se logró, sino que llevó a diversas reacciones patológicas que provocaron una histeria, o una representación obsesiva, o una psicosis alucinatoria." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 50)

⁶¹ "[...] tales representaciones inconciliables nacen las más de las veces sobre el suelo del vivenciar y el sentir sexuales [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 49)

⁶² In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 62.

⁶³ "[...] ha de verse la expresión de una división patológica, que, empero, no necesariamente es idéntica a una degeneración personal o hereditaria." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 50.)

assimilação. Na condição de as coisas assim se darem, é da seguinte maneira que nosso autor as descreve:

A tarefa [*Aufgabe*] que o eu defensor [*abwehrende Ich*] se impõe - tratar como *non arrivée* (não ocorrida) a representação inconciliável - é diretamente inassimilável [*unverträgliche*] para ele; uma vez que o rastro mnêmica [*Gedächtnisspur*] ou o afeto aderido à representação estão aí, já não se pode mais eliminá-los [*auszutilgen*]. Por isso equivale a uma solução aproximada desta tarefa conseguir converter esta representação intensa numa fraca, arrancar-lhe o afeto, a soma de excitação que sobre ela gravita. Então, essa representação fraca deixará totalmente de colocar exigências ao trabalho associativo; porém, a soma de excitação divorciada dela tem de ser aplicada em outro emprego [*Verwendung*]. (FREUD, 1894/1991, p. 50)^{64 65}.

Como se vê, exterminar uma representação e seu afeto análogo não parece algo possível à ação defensiva do eu; resta somente exaurir o que há de quantidade nesta combinação, e é aqui que as predisposições individuais distinguirão a sintomatologia vindoura em cada caso. "Na histeria, a neutralização da representação inconciliável ocorre através da transposição de sua soma excitatória ao corpóreo" (FREUD, 1894/1952, p. 63)⁶⁶, processo que Freud nomeia como conversão [*Konversion*]. Uma aptidão para a conversão seria então peça chave da predisposição histórica (FREUD, 1894/1991, p. 52)⁶⁷. No caso da neurose obsessiva, falta esta capacidade conversiva quando a consciência é dividida, e o afeto deve então permanecer em domínio psíquico (FREUD, 1894/1952, p. 65)⁶⁸, de modo que temos, de um lado, a representação, apartada de toda associação consciente, e do outro o afeto, livre, passível de adesão a outras representações não inconciliáveis,

⁶⁴ "La tarefa que el yo defensor se impone, tratar como *non arrivé* (no acontecida) la representación inconciliable, es directamente insoluble para él; una vez que la huella mnémica y el afecto adherido a la representación están ahí, ya no se los puede extirpar. Por eso equivale a una solución aproximada de esta tarea lograr convertir esta representación intensa en una débil, arrancarle el afecto, la suma de excitación que sobre ella gravita. Entonces esa representación débil dejará de plantear totalmente exigencias al trabajo asociativo; empero, la suma de excitación divorciada de ella tiene que ser aplicada a otro empleo" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 50.)

⁶⁵ Os termos originais encontram-se em: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 63.

⁶⁶ "Bei der Hysterie erfolgt die Unschädlichmachung der unverträglichen Vorstellung dadurch, daß deren Erregungs summe ins Körperliche umgesetzt wird." (in.: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 63.)

⁶⁷ "la aptitud para la conversión [...] como una pieza importante de la predisposición histórica [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 52.)

⁶⁸ "[...] dann muß dieser Affekt auf psychischem Gebiet verbleiben." (in.: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 65.)

que em virtude desse "enlace falso" [*falsche Verknüpfung*]⁶⁹ tornam-se representações obsessivas (FREUD, 1894/1991, p. 53)⁷⁰. Novamente Freud faz referência à vida sexual como fonte do afeto penoso de onde provém a possibilidade para formação das sintomatologia neurótico-obsessiva (FREUD, 1894, 1991, p. 53)⁷¹. Com a transposição [*transponieren*] ou o deslocamento [*dislozieren*]⁷² do afeto a uma representação não tão problemática à agência defensiva, "a representação obsessiva figura como um substituto ou um sucedâneo da representação inconciliável, separando-a da consciência." (FREUD, 1894/1952, p. 67)⁷³. Isto feito, o afeto não sofre qualquer tipo de diminuição, mas à lembrança torna-se inexecutável, pelo simples ato volitivo do doente, resgatar a representação distanciada, compreensão esta que figurará como o cerne da etiologia das neuroses pensada por Freud, à época e até 1896, em que o problema de não se recordar da vivência traumática é tido como a grande questão a ser vencida pela análise.

Apesar de à defesa ser impraticável extirpar completamente uma representação da consciência, e da viabilidade ou de converter o afeto ao corpo ou de transpô-lo a representações não nocivas, o quadro psicótico apresenta uma predisposição singular, em que o eu rejeita [*verwerfen*] a representação inconciliável junto de seu afeto (FREUD, 1894/1952, p. 72)⁷⁴, numa tentativa de arremessá-los conjuntamente à realidade externa, por meio da projeção [*Projektion*], como se nunca tivessem feito parte do trâmite psíquico, o que evidentemente não acontece sem que uma confusão alucinatória seja por consequência instaurada.

Com isto, cabe dizer que em "*As neuropsicoses*" existe a implicação da noção de que o *eu* ou o próprio indivíduo conseguia, pelo menos em parte, atingir a meta de livrar-se de ideias insuportáveis. "Na histeria esta torna-se uma 'ideia fraca' quando sua 'soma de excitação' é 'convertida' em inervação somática [...]. Na 'transposição', que é proposta como base da formação

⁶⁹ In: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 66.

⁷⁰ "La representación ahora debilitada queda segregada de toda asociación dentro de la conciencia, pero su afecto, liberado, se adhiere a otras representaciones, en sí no inconciliables, que en virtud de este "enlace falso" devienen representaciones obsesivas." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 53.)

⁷¹ "En todos los casos por mí analizados era la vida sexual la que había proporcionado un afecto penoso de la misma índole [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 53.)

⁷² Os dois verbos encontram-se em: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 68.

⁷³ "[...] die Zwangsvorstellung einen Ersatz oder ein Surrogat der unverträglichen sexuellen Vorstellung darstellt und sie im Bewußtsein abgelöst hat." (in.: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 67.)

⁷⁴ "[...] das Ich die unerträgliche Vorstellung mitsamt ihrem Affekt verwirft [...]" (in.: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 72.)

de ideias fóbicas e obsessivas, 'a representação incompatível fica excluída da lembrança [...].'" (ANDERSSON, 2000, p. 176), de modo que somente na obra em questão "[...] as ideias sexuais adquiriram uma posição mais central nas tentativas de Freud para elucidar as condições etiológicas dos distúrbios [...].'" (ANDERSSON, 2000, p. 177), apesar de os exemplos de Freud não serem exatamente claros sobre a natureza específica das ideias descartadas pelo eu (ANDERSSON, 2000, p. 178). Os exemplos e formulações do texto não questionavam "a 'incompatibilidade' das ideias sexuais, mas considerava a motivação defensiva, quer dizer, o desejo de se livrar dessas ideias, como natural e justificado." (ANDERSSON, 2000, p. 179).

Deste modo, acompanhamos Freud, no escrito, costurar as noções de defesa do eu e de neuropsicoses adquiridas através da vivência traumática. A hereditariedade aparece "[...] somente em termos negativos: no subtítulo do trabalho afirma-se que este se ocupa da histeria adquirida [...]" (ANDERSSON, 2000, p. 181), o que possivelmente aponta para o desenvolvimento e o aprimoramento das teses e resultados do trabalho científico do psicanalista nos anos anteriores. Ainda, a predisposição recebe aqui uma conotação bastante distinta do que até então fora feito, no sentido de não ser hereditária e combinar-se à causação acidental, enquanto definidora da possibilidade específica de lidar com afetos e representações que perturbam o equilíbrio psíquico. A disposição ao adoecimento seria portanto o resultado da somatória da eventualidade e das inclinações psíquicas individuais.

Desde que Freud em 1892-1893 repudiou a teoria extremada da hereditariedade de Charcot, seu papel não foi mais aprofundado ou delimitado em seus escritos [...]. Freud achava que a formação de sintoma na histeria e nas ideias obsessivas [...] era devido a vários mecanismos específicos para cada neurose individual. Quando a defesa das ideias sexuais penosas surge, esses mecanismos passam a operar dando lugar às formas adquiridas das neuroses; porém, nos casos em que não se encontram qualquer traço do processo de defesa, era preciso, segundo Freud, levar a hereditariedade em conta para explicar os sintomas. Isso, no entanto, não implica ressuscitar as doutrinas etiológicas de Charcot [...]. A hereditariedade passa portanto a exercer papel subsidiário, colateral ao processo de defesa (ANDERSSON, 2000, pp. 193-194).

2. - Os 'Estudos sobre histeria'⁷⁵

⁷⁵ Tomar-se-á a "*Comunicação Preliminar*" junto do restante dos escritos contidos nos "*Estudos sobre a Histeria*", já que ambos, apesar da diferença de dois anos entre suas publicações, foram compilados conjuntamente na *Standard Edition*.

Examinemos agora os '*Estudos sobre a Histeria*', publicados em 1895, como escritos em que as questões trabalhadas anteriormente são aprofundadas. À época, encontramos a sexualidade como central à argumentação de Freud (MEZAN, 2013, p. 14), bem como uma linguagem predominantemente psicológica ao tratar do adoecimento neurótico.

Para nós, interessa somente o que foi escrito por Freud, a saber, suas contribuições para a "*Comunicação preliminar*" e para os "*Estudos*" propriamente ditos. Sobre a "*Comunicação*", diz Mezan: "[...] podemos dizer que a Psicanálise consiste na demolição, peça por peça, do conteúdo da *Comunicação Preliminar*. Aquilo que nela é essencial vai ser abandonado paulatinamente: primeiro a teoria dos estados hipnóides, depois o método catártico, e por fim a noção de que a histeria se funda na reminiscência" (MEZAN, 2013, p. 8). Ainda que as coisas sejam de fato assim, temos boas razões para não ignorar o conteúdo do texto. No fechamento destas "*Comunicações*", se aplicarmos a proposta interpretativa de que "o discurso freudiano aparece claramente como pendular, isto é, ora enfatiza um polo da questão, ora o seu oposto" (MONZANI, 2014, p. 294), e que isso tudo se daria como "movimento espiralado" (MONZANI, 2014, p. 295), pode-se dizer que o pêndulo, em seu trajeto centrípeto dentro da espiral, estaria claramente indicado na sentença: "não atingimos mais que a etiologia da histeria, e, na verdade, podemos iluminar unicamente as causas das formas adquiridas, o valor do fator accidental para a neurose" (FREUD, 1892/1992, p. 43)⁷⁶, em que é evidente a contínua ênfase dada ao fator externo da causação patológica.

Quanto ao conjunto dos "*Estudos*", sustentamos a hipótese de que há aqui uma série de elementos que indicam alguns contornos do que virá a ser a teoria da sedução, evidenciados pelo trato dado ao conceito de 'trauma' e aos dois momentos da formação patógena, favorecendo portanto a dimensão accidental da disposição ao adoecimento. É no contexto do debate psicopatológico que Freud realiza tais feitos. Já na "*Comunicação preliminar*" percebe-se o lugar privilegiado em que é posto o trauma, em termos etiológicos, à medida que se insiste na

analogia patogênica entre a histeria corrente e a neurose traumática [...]. No caso da neurose traumática, a causa eficiente da doença não é a ínfima lesão corporal; é, em contrapartida, o afeto de horror, o trauma psíquico [...]. Nesse sentido há de operar toda vivência que suscite os dolorosos afetos do horror, a angústia, a vergonha, a

⁷⁶ "No hemos rozado más que la etiología de la histeria, y en verdad podemos iluminar únicamente las causas de las formas adquiridas, el valor del factor accidental para la neurosis" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II. Trad.:** José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 43.)

dor psíquica; e, evidentemente, da sensibilidade da pessoa afetada [...] dependerá a vivência para que se faça valer como trauma. (FREUD, 1893/1992, p. 31)⁷⁷.

A equiparação da causação dos quadros é bastante evidenciadora do modo como Freud encaixa conceitualmente as coisas. "[...] desde a '*Comunicação Preliminar*' o trauma recebe um valor etiológico decisivo, e uma teoria para explicar este valor." (MEZAN, 2013, p. 25). Nos diz Freud: "o fator acidental comanda a patologia histérica em tal medida que em muito ultrapassa o notório ou admitido. No caso da histeria traumática, é evidente que foi o acidente que provocou a síndrome" (FREUD, 1893/1992, p. 29)⁷⁸. Ademais a isso, o determinismo com que o trauma amarra a sintomatologia dos adoecimentos psíquicos é outro indicativo de sua primazia nestes processos - "os sintomas mais distintos [...] mantêm com o trauma ocasional um elo tão estrito, como naqueles outros fenômenos mais transparentes neste sentido" (FREUD, 1895/1992, p. 30)⁷⁹. Assim, é impossível pensar qualquer formulação freudiana nos entornos de 1895 sem o trauma como conceito central.

Junto desse esforço por compreender as origens de certos padecimentos anímicos, a ideia de que haveria um processo de incubação da doença é nuclear à argumentação dos "*Estudos*", e parece oferecer, ainda que rudimentarmente, um dos alicerces para os dois tempos da vindoura teoria da sedução. O caso de Katharina é bastante elucidador quanto a isto:

[ela] carregava dentro de si duas séries de vivências que recordava, mas não entendia nem valorizava em constatação nenhuma; à vista do casal copulando estabeleceu-se instantaneamente a conexão da impressão nova com essas duas séries de reminiscências; assim, começou a compreender e, ao mesmo tempo, defender-se. Logo seguiu-se um breve período de acabamento, de incubação, e instalaram-se os sintomas da conversão, o vômito como substituto do nojo moral e psíquico (FREUD, 1895/1992, p. 145)⁸⁰.

⁷⁷ "analogía patógena entre la histeria corriente y la neurosis traumática [...]. En el caso de la neurosis traumática, la causa eficiente de la enfermedad no es la ínfima lesión corporal; lo es, en cambio, el afecto de horror, el *trauma psíquico* [...]. En calidad de tal obrará toda vivencia que suscite los afectos penosos del horror, la angustia, la vergüenza, el dolor psíquico; y desde luego, de la sensibilidad de la persona afectada [...] dependerá que la vivencia se haga valer como trauma" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 31)

⁷⁸ "el factor accidental comanda la patología de la histeria en una medida que rebasa en mucho la notoria o admitida. En el caso de la histeria *traumática* es evidente que fue el accidente el que provocó el síndrome" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p.29.)

⁷⁹ "los síntomas más diferentes [...] mantienen con el trauma ocasionador un nexo tan estricto como aquellos otros fenómenos más transparentes en este sentido" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 30.)

⁸⁰ "Llevaba dentro de sí dos series de vivencias que ella recordaba, pero no entendía ni valorizaba en conclusión ninguna; a la vista de la pareja copulando se estableció al instante la conexión de la impresión nueva con esas dos series de reminiscencias; empezó a comprender y, al mismo tiempo, a defenderse. Luego siguió un breve período de acabado,

No contexto da discussão do caso, entende-se que a incubação deve ocorrer depois que uma lembrança passe a ter eficácia patológica, à medida que a sexualidade seja compreendida pela paciente. Pouco adiante Freud explicita melhor de que modo a incubação se coloca no processo da expressão sintomática - "a conversão, produção dos fenômenos histéricos, não se executa imediatamente após o trauma, mas depois de um intervalo de incubação" (FREUD, 1992, p. 149)⁸¹. Ou seja, entre a vivência potencialmente patógena e o aparecimento das perturbações, existe a necessidade de que o indivíduo entenda do que se trata a sexualidade em sua expressão objetiva, prática, e em seguida os conteúdos são brevemente incubados. Somente desse modo a patologia irrompe em sua forma mais nítida. O caso de Elisabeth von R. traz subsídios ainda mais precisos para se considerar tais questões:

Em muitos desses casos, pôde-se comprovar que o respectivo sintoma já havia aparecido por breve período após o primeiro trauma, para logo retirar-se, até que um trauma seguinte lhe voltou a convocar e estabilizar. [...] num número esmagadoramente grande de exemplos se demonstrou [...] que os primeiros traumas não tinham deixado como consequência sintoma algum, enquanto um trauma posterior de mesma classe provocou um sintoma que, no entanto, não pôde prescindir em sua gênese da cooperação das ocasiões anteriores [...] (FREUD, 1895/1992, p. 186)⁸².

Constata-se assim que o arranjo patológico se dá em dois momentos: inicialmente um primeiro trauma deve ocasionar um não tão proeminente quadro sintomático, que dura pouco tempo e não implica qualquer grande comprometimento ao indivíduo, pela ausência de agência patogênica imediata. Assim seria, pois "a causa do isolamento não é [...] a vontade do eu, senão sua

de incubación, y se instalaron los síntomas de la conversión, el vómito como sustituto del asco moral y psíquico." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 145.)

⁸¹ "la conversión, la producción de los fenómenos histéricos, no se cumple enseguida después del trauma, sino luego de un intervalo de incubación." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 149.)

⁸²"En muchos de esos casos se pudo comprobar que el síntoma respectivo ya había aparecido por breve lapso tras el primer trauma, para retirarse luego, hasta que un siguiente trauma lo volvió a convocar y lo estabilizó [...] en un número abrumadoramente grande de ejemplos se demostró, en cambio, que los primeros traumas no habían dejado como secuela síntoma ninguno, mientras que un trauma posterior de la misma clase provocó un síntoma que, empero, no pudo prescindir para sua génesis de la cooperación de las ocasiones anteriores [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 186.)

ignorância, que ainda não sabe o que fazer com as vivências sexuais" (FREUD, 1895/1992, p. 148)⁸³. Tempos depois dessa vivência primária, quando da ocorrência de outro abalo traumático que por algum fio significativo se vincula àquela primeira experiência, o sintoma irrompe, após breve período de incubação desses processos, no qual supõe-se acontecer a amarração dos traços mnêmicos com os conteúdos que figurarão no sintoma, de tal maneira que isso tudo se dê sob a condição de o indivíduo já ter posse de alguma compreensão sobre os "fatos sexuais", ou seja, da sexualidade em seu sentido comum. Torna-se imperativo, portanto, investigar como esse processo todo se dá, em sua expressão mais íntima e profunda. "Não se deve esperar uma única lembrança traumática, nem como núcleo uma única representação patógena. É preciso, ao contrário, preparar-se para encontrar com séries de traumas parciais e encadeamentos de ligações patógenas de pensamento" (FREUD, 1895/1992, p. 293)⁸⁴, alerta-nos Freud sobre a condição de formação dos materiais patogênicos. Tomados então em sua dimensão complexa, como fenômeno multideterminado, o autor trata de apresentar o desenho da composição desses conteúdos, de forma detalhada:

O material psíquico de uma histeria se configura como um produto multidimensional de pelo menos tripla estratificação [...]. Primeiro, é inequívoco um ordenamento linear cronológico que tem lugar dentro de cada tema singular [...]. Era como se se desenterrasse um arquivo mantido em perfeita ordem [...]: eles formam, de todo modo, uma característica geral de toda análise, e afloram numa ordem cronológica tão infalível quanto a sequência dos dias da semana ou dos meses para pessoa de mente normal; além disso, dificultam o trabalho da análise pela peculiaridade de inverter, em sua reprodução, sua sequência genética: a vivência mais recente e fresca do fascículo aparece primeiro como folha de rosto, e a folha de encerramento é constituída na realidade por aquela impressão que começou a série (FREUD, 1895/1992, p. 293-294)⁸⁵.

⁸³ "la causa del aislamiento no es [...] la voluntad del yo, sino la ignorancia del yo, que aún no sabe qué hacer con unas experiencias sexuales" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 148.)

⁸⁴ "No se debe esperar un único recuerdo traumático y, como su núcleo, una única representación patógena, sino que es preciso estar preparado para encontrarse con series de traumas parciales y encadenamientos de ilaciones patógenas de pensamiento." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 293.)

⁸⁵ "El material psíquico de una histeria así se figura como un producto multidimensional de por lo menos triple estratificación [...]. Primero, es inequívoco un ordenamiento lineal cronológico que tiene lugar dentro de cada tema singular [...]. Era como si exhumara un archivo mantenido en perfecto orden [...]: ellos forman, de cualquier modo, un rasgo general de todo análisis, y afloran cada vez en un orden cronológico tan infalible como lo es el de la secuencia de los días de la semana o de los meses en una persona de mente normal; además, dificultan el trabajo del análisis por la peculiaridad de invertir, en la reproducción, la secuencia de su génesis: la vivencia más fresca y reciente del fascículo aparece primero como hoja de cubierta, y la hoja de cierre está constituida por aquella impresión con que en realidad empezó la serie" (in FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 293-294.)

Por 'tema', entende Freud: "agrupamento de memórias da mesma variedade em uma multiplicidade estratificada em sentido linear" (FREUD, 1991, p. 294)⁸⁶, e segue.

Dito isso, estes temas mostram uma segunda maneira de ordenamento: estão [...] estratificados de maneira concêntrica em torno do núcleo patógeno [...]. São estratos de resistência - esta última crescente em direção ao núcleo - nos quais há zonas de igual alteração de consciência onde se estendem os temas singulares. Os estratos mais periféricos contêm [...] aquelas lembranças [...] facilmente recordáveis, que foram sempre claramente conscientes; quanto mais fundo fica, com maior dificuldade se discernem as lembranças aflorantes, até que, no entorno do núcleo, esbarra-se com aquelas [lembranças] que o paciente desmente mesmo na reprodução [falada]. (FREUD, 1895/1992, p. 294)⁸⁷.

Finalmente, apresenta a terceira possibilidade de ordenamento do material patógeno:

[...] o mais essencial e sobre o qual é mais difícil formular um enunciado universal. É o ordenamento segundo o conteúdo de pensamento, enlace que pelos fios lógicos chegam até o núcleo, o qual em cada caso pode corresponder a um caminho irregular e de múltiplas voltas. Esse ordenamento possui um caráter dinâmico, por oposição ao morfológico das duas estratificações acima mencionadas. (FREUD, 1895/1992, p. 294)⁸⁸.

Para compreender seguramente o que foi exposto, façamos a mesma divisão formal ensejada por Freud, e tomemos cada possibilidade de ordenamento apartada das demais:

1) ordenamento linear-cronológico: ocorre dentro de "temas" singulares, que são como fragmentos menores ou agrupamentos reduzidos dentro da totalidade do material patógeno, os quais por estarem agrupados em torno de um sentido comum partilhado apresentam também

⁸⁶ "[...] agrupamiento de recuerdos de la misma variedad en una multiplicidad estratificada en sentido lineal [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II. Trad.: José L. Etcheverry.** Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 294.)

⁸⁷ "Ahora bien, esos temas muestran una segunda manera de ordenamiento: están estratificados de manera concéntrica en torno del núcleo patógeno [...]. Son estratos de resistencia, creciente esta última hacia el núcleo, y con ello zonas de igual alteración de conciencia dentro de las cuales se extienden los temas singulares. Los estratos más periféricos contienen [...] aquellos recuerdos [...] que se rememoran con facilidad y fueron siempre claramente conscientes; cuanto más hondo se cala, con mayor dificultad se discernen los recuerdos aflorantes, hasta que, en la proximidad del núcleo, se tropieza con aquellos que el paciente desmiente aun en la reproducción." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II. Trad.: José L. Etcheverry.** Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 294.)

⁸⁸ "[...] el más esencial y sobre el cual resulta más difícil formular un enunciado universal. Es el *ordenamiento según el contenido de pensamiento*, el enlace por los hilos lógicos que llegan hasta el núcleo, enlace al cual en cada caso puede corresponderle un camino irregular y de múltiples vueltas. Ese ordenamiento posee un carácter dinámico, por oposición al morfológico de las dos estratificaciones antes mencionadas" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II. Trad.: José L. Etcheverry.** Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 294.)

estratificação cronológica, considerada por Freud semelhante a um arquivo muito bem organizado; característica demarcatória do modo como esse arquivo se revela em análise é a 'inversão', que dispõe na "folha final" dos relatos dos casos o que está no começo do desenvolvimento patológico, as cenas primordiais causadoras do adoecimento;

2) ordenamento estratificado-concêntrica (em torno do núcleo): se dá através de estratificação assinalada pela cota de resistência disposta em cada região. Há então diversos estratos de resistência, que têm sua força defensiva aumentada à medida que se aproxima do núcleo patogênico; consequência disso é o fato de que as frações de consciência conectadas a cada um desses pedaços de material estariam alteradas de acordo com as variações defensivas correspondentes, ou seja, quanto maior a resistência de cada nivelamento menor a disposição à agência consciente completa. Desse modo, somente o que está na periferia do conjunto é de fácil rememoração, enquanto o que se encontra mais fortemente sedimentado próximo ao centro do material demanda considerável esforço por descobrimento;

3) ordenamento por conteúdo: ocorre segundo o conteúdo de cada pensamento. Há nesse processo enlace entre grupos ideativos distintos, o que acontece através de "fios lógicos", indo da periferia ao núcleo do material patógeno sem qualquer ordenação linear ou ordem estrita; é a possibilidade de ordenamento menos regular e com maior possibilidade de nuances. Para Freud é este o ordenamento com caráter mais demarcadamente dinâmico, o que difere das duas possibilidades anteriores, que têm aspecto morfológico.

Ao que tudo indica, tal material seria um grande composto, estratificado gradualmente e disposto ao tom dado pela resistência, onde tudo orbitaria no entorno de um denso compósito nuclear em que o único referencial auxiliador no seu desvelamento é o tempo. A analogia arqueológica harmoniza-se aqui de forma congruente se considerarmos o trabalho feito camada por camada e em sentido histórico-regressivo. Como se vê, a ideia de uma resistência é evocada em nível intrapsíquico:

O fenômeno da resistência está situado exatamente aí. Há dois sentidos, um sentido longitudinal e um sentido radial. A resistência se exerce no sentido radial, quando queremos nos aproximar dos fios que estão no centro do feixe. Ela é a consequência da tentativa de passar dos registros exteriores para o centro. (LACAN, 2009, p. 35).

A noção de defesa está na base de todo o processo e a dimensão psíquica do trauma é levada a consequências bastante avançadas, de modo não feito até então por Freud. A disposição seria aqui uma mera questão de eventualidade, tratando-se de o indivíduo vivenciar ou não experiências

em que lhe sejam impostas impressões de cunho sexual. Como se vê, a predisposição a cada adoecimento específico não é aqui discutida, já que o objeto do texto é a histeria, e sabemos que para essa condição é necessário o mecanismo da conversão como predisponente.

A tese de que "o histérico padece majoritariamente de reminiscências" (FREUD, 1893/1952, p.86)⁸⁹, prevalente à época, seria consequência do que foi exposto até então. Se eram os restos mnêmicos que deviam figurar como centrais à etiologia dos acometimentos psíquicos, as condições nas quais isso ocorre tiveram de ser descritas, e, para tanto, nosso autor assinala três possibilidades nas quais a energia afetiva mobilizada por um acontecimento específico não pode ser apropriadamente descarregada:

a) quando da natureza do trauma, em que a condição mesma de descarga não é viável pelo acontecimento em si - como no caso em que se perde um ente querido, situação em que o luto implicado exige uma solução anímica processual, que impossibilita qualquer resolução imediata (FREUD, 1893/1992, p. 35-36)⁹⁰;

b) quando do contexto em que o fato se dá, tendo em vista que certos lugares com regras de sociabilidade restritivas não permitem o devido alívio do incômodo gerado pelo acontecimento (FREUD, 1893/1992, p. 36)⁹¹;

c) quando da condição do recalque [*verdrängen*], na qual o enfermo quer esquecer ou sufocar de sua alma certos conteúdos (FREUD, 1893/1992, p. 36)⁹². Note-se que esta é a primeira vez que "*verdrängen*" é utilizado no sentido que logo será corrente nos trabalhos do psicanalista. (STRACHEY, 1893/1992, p. 36)⁹³.

Isto dito, fica evidente que para um acontecimento receber o estatuto de 'traumático', algumas condições singulares devem confluir e inibir o funcionamento "normal" do psiquismo, de modo que a causação exógena não é essencialmente adoecedora - tudo se dá na intersecção do mundo externo com o universo anímico interior. Uma característica primordial do processo

⁸⁹ "[...] der Hysterische leide größtenteils an Reminiszenzen." (in.: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 86.)

⁹⁰ "[...] los enfermos no han reaccionado frente a traumas psíquicos porque la naturaleza misma del trauma excluía una reacción (como por ejemplo la pérdida, que se presentó irreparable, de una persona amada) [...]" (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, pp. 35-36.)

⁹¹ "[...] o porque circunstancias sociales la imposibilitaron [...]" (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 36.)

⁹² "[...] o porque se trataba de cosas que el enfermo quería olvidar y por eso adrede las reprimió de su pensar conciente [...]" (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 36.)

⁹³ "Es esta la primera vez que aparece el verbo «reprimir» (*«Verdrängen»*) con el sentido que luego tendría en psicoanálisis." (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 36, n. 9.)

traumático é que tudo aquilo que é apartado do trânsito comum do eu consciente deve ser preservado com o frescor da vivência que o introduziu no registro psíquico, e isso significa então que o que é preservado sob a égide do trauma conserva a força afetiva que estava presente no momento do acidente.

Como percebe-se, a questão aqui é claramente enunciada pelo problema do que é ou não conciliável, ou, ainda, do que é ou não é compatível com o eu, seja por inaptidão própria deste para enfrentar uma turbulência afetiva súbita, ou por qualquer um dos três motivos anteriormente assinalados, também responsáveis por colocá-lo em tal posição de inaptidão: "Que entre o eu e uma representação a ele introduzida se gere a reação de inconciliabilidade"⁹⁴ (FREUD, 1895/1991, p. 138), eis aí a condição para o adoecimento histérico e neurótico em geral. Na referida condição patogênica, o cancelamento da contradição figura como eixo central em se tratando da ação do eu, que age de tal modo com vistas a defender-se.

[...] o momento genuinamente traumático é aquele no qual a contradição se impõe ao eu e este resolve expulsar a representação contraditória. Tal expulsão não a aniquila, senão meramente esforça-a ao inconsciente; e se este processo sobrevém pela primeira vez, estabelece-se um centro nuclear, de cristalização, para que se forme um grupo psíquico divorciado do eu, em torno do qual, doravante, se reunirá tudo o que tenha por premissa aceitar a representação contestada. (FREUD, 1895/1992, p. 139)⁹⁵

Freud é bastante claro quanto à processualidade implicada no apartamento de materiais inconciliáveis: além de serem extirpados da consciência em direção ao inconsciente, são também formações nucleares (aqueles expulsos pela primeira vez), em torno das quais orbitará todo tipo de material psíquico que com esses tiver alguma vinculação em termos de identidade: estamos, assim, diante de um modo específico de organização de materiais apartados e preservados, especificamente, no inconsciente. Apesar de sabermos que isso ocorre, falta ainda uma explicação do porquê das coisas serem assim, e, no contexto da discussão sobre as paralisias históricas, nos esclarece Freud:

⁹⁴ "que entre el yo y una representación que se le introduce se genere la relación de inconciabilidad." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 138)

⁹⁵ "[...] el momento genuinamente traumático es aquel en el cual la contradicción se impone al yo y este resuelve expulsar la representación contradictoria. Tal expulsión no aniquila, sino que meramente la esfuerza a lo inconsciente; y si este proceso sobreviene por primera vez, establece un centro nuclear y de cristalización para que se forme un grupo psíquico divorciado del yo, en torno del cual en lo sucesivo se reunirá todo lo que tenga por premisa aceptar la representación impugnada" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. II.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 139.)

[...] a causa das mesmas residiria no fato de o círculo de representações de uma das extremidades, por exemplo, ser inacessível para novas associações; [...] esta inacessibilidade associativa dever-se-ia ao fato de a representação do membro paralisado permanecer incluída [*einbeziehen*] na recordação do trauma, gravado por um afeto não tramitado. [...] um investimento [*Besetzung*]⁹⁶ assim, de uma representação com afeto não tramitado, implica sempre algum grau de inacessibilidade associativa, de inconciliabilidade com novos investimentos.⁹⁷ (FREUD, 1895/1992, p. 108)

Ou seja: toda representação que não tem seu afeto devidamente tramitado, seja qual for o motivo para tanto, tem um certo grau de inacessibilidade quanto a novos investimentos energéticos por parte de outras representações. De tal maneira, temos então diante de nós a certeza de que, além da incompatibilidade de certos conteúdos com o eu, existe uma segunda incompatibilidade necessária ao trânsito traumático, qual seja, das representações inaceitáveis para com outras representações, não necessariamente traumáticas. Portanto, tudo aquilo que é traumático é duplamente inconciliável – primeiro, em relação ao eu, e, em seguida, quanto a novas associações psíquicas.

Diante disto, é fácil perceber que o adentramento ao terreno das explicações psicológicas se torna patente nos "*Estudos*". O trauma, enquanto acidente, gera problemas psíquicos de ordem dinâmica, representacional e afetiva, em situações específicas de não possibilidade de reação adequada. Os conteúdos inconciliáveis, apartados da consciência, geram reminiscências,

[...] e justamente as lembranças patogênicas estão ausentes da memória dos doentes em seu estado psíquico habitual, ou estão aí presentes apenas de uma maneira em extremo sumária [...]. Resolvi-me a partir da premissa de que também meus pacientes sabiam tudo aquilo que pudesse ter uma significatividade patogênica, e que só era questão de forçá-los a comunicá-lo [...]. Resultava sempre que eu tinha razão; os enfermos ainda não tinham aprendido a deixar repousar sua crítica, tinham rejeitado a lembrança a florante ou a ocorrência porque os consideraram inúteis - uma perturbação entremetida -, e depois que a

⁹⁶ "Aparentemente, a primeira vez que apareceu em uma obra impressa o termo *Besetzung* com o particular sentido que Freud lhe deu para designar um dos conceitos fundamentais de sua teoria psicológica." (STRACHEY, 1992, p. 108) ("Aparentemente, la primera vez que apareció en una obra impresa el término *Besetzung* con el particular sentido que le dio Freud para designar uno de los conceptos fundamentales de su teoría psicológica." In.: FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 108 nota nº 39.)

⁹⁷ "[...] la causa de estas residiría en que el círculo [...] de representaciones de una de las extremidades, por ejemplo, sería inaccesible para nuevas asociaciones; [...] esta inaccesibilidad asociativa se debería a que la representación del miembro paralizado permanece englobada [*einbeziehen*] en el recuerdo del trauma, gravado este por un afecto no tramitado. [...] una investidura [*besetzung*] así de una representación con afecto no tramitado conlleva siempre cierto grado de inaccesibilidad asociativa, de inconciliabilidad con nuevas investiduras". (in FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 108.)

comunicavam via-se em todos os casos que era o correto [tal caminho investigativo]⁹⁸ (FREUD, 1895/1992, p. 127-128).

Como se vê, todo este arranjo explicativo está calcado sob uma certeza que trará problemas a Freud, quando da circunscrição da teoria da sedução, a saber, a de que efetivamente existe uma cena real e material a ser recordada, a ser encontrada no processo analítico, o que implica por sua vez a dúvida sobre o motivo de uma lembrança ser, em termos etiológicos, mais potente do que a vivência mesma. Apesar disto, “o destaque conferido à defesa é, realmente, o início da psicanálise e a conjugação de defesa e resistência num único conceito – de modo que se convertem em critérios retrospectivo e prospectivo para um só fenômeno mental – é uma das duas coisas que se pretende significar quando se fala da psicanálise como uma teoria dinâmica da mente” (WOLLHEIM, 1971, p. 32). A defesa seria portanto um conceito pleno, pois em torno dela foi possível amalgamar toda uma explicação sistemática que é resultado do evidente desenvolvimento das teses de Freud de 1892 e 1893. Ela é a força a ser vencida na tentativa de solução da montagem sintomática, justamente por ser ela própria a força que está na base da irrupção neurótica. É dela que resulta a doença, e é para ela que devem confluír os esforços analíticos, se tem-se por intuito "curar" uma determinada organização psicopatológica.

[...] através do meu trabalho psíquico, tive de superar no paciente uma força que contrariava o devir-consciente (lembrar) das representações patogênicas. Uma inteligência nova pareceu me abrir quando me ocorreu que essa poderia ser a mesma força psíquica que cooperou na gênese do sintoma histérico e naquele momento impediu o devir-consciente da representação patogênica [...]. Daí resultava, como naturalmente, a ideia da defesa. (FREUD, 1895/1992, p. 275-276).⁹⁹

Com o exame precedente, esperamos ter demonstrado que os anos de 1894 e 1895 são um evidente momento de aprofundamento e complexificação das teses que Freud sustentara nos anos

⁹⁸"[...] y justamente los recuerdos patógenos están ausentes de la memoria de los enfermos en su estado psíquico habitual, o están ahí presentes sólo de una manera en extremo sumaria [...]. Me resolví a partir de la premisa de que también mis pacientes sabían todo aquello que pudiera tener una significativdad patógena, y que sólo era cuestión de constreñirlos a comunicarlo [...]. Resultaba siempre que yo tenía razón; los enfermos todavía no habían aprendido a dejar reposar su crítica, habían desestimado el recuerdo aflorante o la ocurrencia porque los consideraron inservibles, una perturbación entremetida, u después que la comunicaron se vio en todos los casos que era lo correcto." (in FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 127-128.)

⁹⁹"[...] mediante mi trabajo psíquico yo tenía que superar en el paciente una fuerza que contrariaba el devenir-consciente (recordar) de las representaciones patógenas. Una inteligencia nueva pareció abrirseme cuando se me ocurrió que esa podría ser la misma fuerza psíquica que cooperó en la génesis del síntoma histérico y en aquel momento impidió el devenir-consciente de la representación patógena [...]. De ello se desprendía, como naturalmente, la idea de la defensa" (in FREUD, S. **Obras Completas, v. II**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, pp. 275-276).

anteriores, no que diz respeito à disposição e à etiologia das neuroses. O trauma passa a ser perscrutado em sua dimensão psíquica como ainda não fora feito pelo autor, de modo que a organização do material patógeno recebe uma detalhada descrição, e a sexualidade finalmente torna-se incontestável no processo de causação neurótica. Para nós, interessa sobretudo que:

a) Em 1894, com a inserção da noção de defesa [*Abwehr*], mecanismo do qual o eu consciente lança mão, passa-se a entender que os indivíduos predispostos ao adoecimento neurótico se protegem de representações e afetos inconciliáveis, devido a seu caráter horrível, assustador ou pela situação mesma em que isto se apresenta ao indivíduo; o recalque [*verdrängen*] é somente mencionado de passagem, mas figurará de forma central nos textos de 1896. Em termos intrapsíquicos e em referência ao núcleo patógeno, em 1895 a ideia de uma resistência [*Widerstand*] é posta. Todas estas noções são centrais para pensar as dimensões em que o acidente traumático é considerado por Freud no contexto em questão;

b) No texto sobre as neuropsicoses, a predisposição é convocada para explicar a especificidade etiológica de cada quadro patológico, de maneira que indivíduos estão incumbidos de lidar com conflitos psíquicos de acordo com o mecanismo defensivo do qual dispuserem, sem que isso tenha qualquer influência hereditária. São estas as possibilidades defensivas: a conversão, a transposição/substituição e a projeção;

c) Vivências sexuais tornam-se traumáticas à medida que os indivíduos se desenvolvem e passam a entender do que se trata a sexualidade em termos práticos. Quando crianças, os futuros doentes são expostos a situações que, mais tarde, serão lembradas enquanto sexuais, momento no qual instala-se a incubação de tais lembranças, que terão agência patógena e em torno das quais grupos representacionais patogênicos serão constituídos e apartados do recordar corrente, consciente. Aqui está claramente posto o arranjo explicativo que desembocará em 1896 na teoria da sedução, em que a certeza da vivência traumática-sexual na infância é a base para que a lembrança patológica irrompa, com mais força que a vivência mesma;

d) A disposição ao adoecimento é, em 1894 e 1895, resultado da combinação de forças externas e acidentais à conformidades predisponentes individuais, de modo que o papel da hereditariedade é evocado somente nos escassos casos em que a teoria das neuroses adquiridas não dá conta de explicar o fenômeno apreciado, o que nos textos da época objetivamente quase não tem espaço.

CAPÍTULO III: A TEORIA DA SEDUÇÃO

"Era necessário devolver seu valor pleno, fundador, senão transcendente, a noções banalizadas [...], desacreditadas e incompreendidas como a sedução"

Jean Laplanche & J. B. Pontalis¹⁰⁰

"Paisagens... Recordações/Porque até o que se vê/Com primeiras impressões/Algures foi o que é,/No ciclo das sensações"

Fernando Pessoa¹⁰¹

Uma vez demonstrada no primeiro capítulo a oscilação de Freud da etiologia hereditária à predileção pelo evento traumático, e no segundo o aprofundamento desta nova perspectiva no que concerne à disposição, agora nosso foco direcionar-se-á aos textos de 1896, com especial atenção à circunscrição da teoria da sedução e à crise teórica que esta implica, à época, no pensamento do autor. Será nosso intuito demonstrar que a opção pela causação exógena na determinação neurótica, necessária para pensar a sedução, não se sustentará do modo exato como é posta nos textos do ano mencionado. Isto terá consequências para o problema da disposição no quadro geral da escolha da neurose. Diante do exame dos textos e do estado da obra psicanalítica, esperamos ter condições de: demonstrar que a teoria da sedução é o momento final de sedimentação e refinamento dos resultados dos trabalhos clínico-teóricos da primeira metade da década de 1890 e que com isso a etiologia calcada estritamente no acidente precisará ser revista; compreender de que modo, mesmo com o conceber da teoria da sedução, Freud precisou reelaborar as respostas para seus problemas de pesquisa, o que demarca em seu pensamento a segunda oscilação da década quanto à orientação endógena/exógena.

¹⁰⁰ In: **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Trad.: Álvaro Cabral. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1988, p. 9.

¹⁰¹ In: **Fernando pessoa: poesias inéditas e poemas dramáticos**. L&PM Editores: Porto Alegre, 2019, p. 108.

1. Da certeza à descrença: o caso da teoria da sedução

Atualmente é extensivamente sabido que setembro de 1897 foi um momento notório para compreender de que modo a psicanálise "veio a ser". Parte do fato se mostra na redação de uma carta endereçada a Fließ, a "carta 69", onde encontramos a célebre afirmativa: "Não acredito mais em minha neurótica [*Neurotika*]" (FREUD, 1897/2016, p. 47)¹⁰². Não acreditar mais em sua neurótica significava para Freud já não mais poder persistir rigorosamente com os postulados teóricos com que operava então, do modo exato como fazia, e tais postulados eram o cerne da teoria da sedução. "Setembro de 1897 pode ser considerada uma data capital na história da psicanálise." (MONZANI, 1989, p. 31), uma vez que

o abandono¹⁰³ dessa teoria das neuroses vai significar um avanço capital na constituição do discurso psicanalítico [...]. Mas, por outro lado, esse episódio vai constituir um dos capítulos mais complicados e espinhosos da história do discurso psicanalítico na medida em que vai implicar uma série de hesitações de Freud no decorrer de sua obra, que talvez só tenha alcançado um ponto de equilíbrio no seu estágio terminal. (MONZANI, 1989, p. 31).

Aqui, limitar-nos-emos a tentar compreender o momento imediato da circunscrição da teoria da sedução, para então, no próximo capítulo, termos condições de entender a passagem desta à teoria da fantasia, sempre com atenção ao nosso objeto maior: examinar as nuances que caracterizam a investigação psicanalítica quanto à disposição às neuroses, em vista das interrogações que o movimento do pêndulo na espiral levanta. Se temos boas razões para pensar que as coisas não transcorreram com tanta tranquilidade (MONZANI, 1989, p. 32) em se tratando da referida "passagem", que é nessa onde têm-se as condições para estabelecimento da psicanálise enquanto disciplina autônoma (MONZANI, 1989, p. 32), que não há abandono puro de um arranjo teórico por outro, e que ainda "após um período de hesitação, Freud voltará a colocar o papel central da sedução sem que com isso, no entanto, volte a minimizar a fantasia" (MONZANI, 1989, p. 48), intentar-se-á aqui realizar uma leitura verossímil à letra freudiana. Esperamos ter condições de demonstrar tal teoria, enquanto arranjo privilegiador da determinação exógena, como a própria condição teórica que implica o retorno a uma explicação endógena, retorno este que tem por fase

¹⁰² Um exame mais atento da carta será realizado na primeira sessão do próximo capítulo.

¹⁰³ É bom lembrar que "a bem dizer, nada foi abandonado, mas sim redefinido, repensado, retificado" (MONZANI, 1989, p. 54).

inicial o advento da teoria da fantasia. Compreender portanto cada um desses momentos e a passagem do primeiro ao segundo é perscrutar uma via privilegiada para avistar o surgimento da psicanálise e, para nós, crucial modulação através da qual o referido saber cria a possibilidade e a necessidade de equilibrar fatores externos e internos em termos etiológicos.

Para tanto é importante levar em conta alguns aspectos da teoria da sedução, tais quais o fato de nela encontrarmos a elaboração de um esquema explicativo da etiologia das neuroses, e não pura constatação clínica da frequência dos fatos de sedução da criança, nem mesmo a simples hipótese de que tais fatos ocupariam, na série de traumatismos, um lugar preponderante. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 26). Isto significa que estamos, com efeito, diante de uma elaboração complexa e importante em Freud, cuja polissemia evidentemente escapa aos contornos que nossa abordagem sugere. Há ainda o fato de que essa "nova explicação era, obviamente, um salto para diante, em complexidade, em sofisticação e no âmbito ou riqueza empírica. Faz a história da neurose penetrar profundamente na vida do indivíduo [...]." (WOLLHEIM, 1971, p. 39), o que indica também que, mesmo com a subsequente revisão operada em relação a seus postulados principais, tal explicação continha em si algo marcante, que não poderia ser simplesmente ignorado. Para Freud, tratava-se de estabelecer sem contestação o vínculo que ele descobriu entre a sexualidade, o traumatismo e a defesa, ou seja, demonstrar que é da própria natureza da sexualidade ter um efeito traumático e, inversamente, que só se pode, em última instância, falar de traumatismo e nele descobrir a origem da neurose, na medida em que interveio a sedução sexual (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 27).

Sabemos que a noção de sexualidade e os conceitos de traumatismo e defesa foram alcançados por Freud ao longo dos anos anteriores a 1896, e a ocorrência factual da sedução torna-se para a teoria etiológica o nódulo que possibilita o amalgamento destes elementos, uma vez que as noções de defesa e de traumatismo estão estreitamente articuladas entre si: a teoria da sedução, ao mostrar como o traumatismo sexual é o único que tem o poder de deflagrar uma 'defesa patológica' (recalcamento), constitui uma tentativa para explicar o fato, descoberto pela clínica (*Estudos sobre a Histeria*), de que o recalcamento se exerce eletivamente sobre a sexualidade (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 27). Assim, as coisas parecem encaixar-se numa ordem explicativa coerente, em que a defesa patológica é evocada pela atividade traumática, proveniente necessariamente da sexualidade. Esta atividade não se dá de forma instantânea ou unívoca, mas sim de forma composta, em pelo menos dois momentos distintos.

Numa primeira cena, a chamada 'cena de sedução', a criança sofre da parte do adulto uma tentativa sexual ('atentado' ou simples avanços), mas sem que isso faça nascer nela excitação sexual. [...]: não se registra aí nem afluxo de excitações externas, nem extravasamento das 'defesas'. Se se deve qualificá-la de sexual, é na medida em que o é, exteriormente, para o adulto. A criança não tem à sua disposição nem as condições somáticas da excitação, nem as representações para integrar o evento; é sexual em si, embora não adquira qualquer significação sexual para o sujeito¹⁰⁴: é 'sexual pré-sexual'. Quanto à segunda cena, que sobrevém após a puberdade, ela ainda é, se assim podemos dizer, menos traumática do que a primeira: não violenta, de aparência anódina, sua eficácia decorre apenas do fato de evocar retroativamente o primeiro evento mediante alguns traços associativos. Logo é a lembrança da primeira cena que deflagra o recrudescimento de excitação sexual, tomando o 'eu' de surpresa e deixando-o desarmado, sem condições de utilizar defesas normalmente voltadas para o exterior e suscitando, assim, a entrada em ação de uma defesa patológica ou 'processo primário póstumo': a lembrança é recalcada. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 28-29).

De acordo com os comentadores franceses, explicar por que a vivência de sedução não era patológica nem sexual em sua primeira ocorrência era uma necessidade à teoria da sedução. Aqui estão em jogo, primeiramente, a ideia de que a sexualidade irrompe somente na puberdade, tanto psíquica quanto corpórea/biologicamente, e, sequencialmente, a noção de "*nachträglich*", nuclear ao modelo dos dois tempos traumáticos. Tal noção evoca a ideia de um trânsito entre o presente e o passado, podendo ocorrer uma manifestação retardada (postergada) do passado, o qual, "fermentado" ao longo do tempo, só mais tarde se faz sentir, criando o 'efeito retardado'; ou, em vez disso, pode ocorrer um retorno ao passado (ou, o que é equivalente, uma presentificação do passado), realizando-se um acréscimo *a posteriori* de novos significados a serem agregados aos antigos eventos (HANNIS, 1996, p. 87). Com isso, Freud preserva a ideia geral de que há um momento específico na vida individual em que irrompe a sexualidade¹⁰⁵, além de indicar que é necessária uma certa ordenação intrapsíquica para que a vivência receba a alcunha de traumática.

Até aqui, o quadro que temos é o seguinte: uma ocorrência "sexual-pré-sexual" se dá na infância, a qual tornar-se-á de fato traumática somente de modo atrasado (*nachträglich*). É inoculada assim no indivíduo uma vivência que só quando de sua rememoração, sob o advento da

¹⁰⁴ É importante frisar que reproduzimos o termo tal qual este encontra-se contido na citação. Sabemos que em Freud não há qualquer conceitualização sobre um *sujeito*, e que, apesar de o autor lançar mão por vezes do termo *Subjekt*, predomina em sua obra uma apreciação sobre o *indivíduo*.

¹⁰⁵ Como demonstrado nos capítulos I e II, a sexualidade é gradativamente considerada por Freud em suas investigações etiológicas. Ele sustentou ser a sexualidade um fenômeno próprio à puberdade em 1896, o que, em 1900, com a publicação de "*A interpretação dos sonhos*", já se mostra de modo diferenciado. Compreender as razões para tanto escapa aos nossos interesses investigativos, e saber que as coisas foram assim para nós é suficiente.

sexualidade, abrirá caminho ao adoecimento neurótico, diante do efeito específico de uma modalidade de defesa que é patológica, e que só é evocada por ser seu objeto de natureza sexual. Deste modo, a ação da defesa patológica, via recalque, "[...] designa um mecanismo que atua exclusivamente sobre ideias de conteúdo sexual acompanhadas de um afeto penoso [...]" (MEZAN, 2013, p. 52). Percebe-se aqui um notável desenvolvimento das teses dos "*Estudos*", especificamente sobre a questão da inoculação e do atraso no efeito traumático. Resta então entender o recordar da cena traumática original para que cada elemento da fórmula da sedução tenha sido demonstrado.

"O trauma, que Breuer propusera estar contido em estreitos limites temporais, é agora dilatado no tempo, de modo que se torna idêntico à 'história' do paciente - como ocorre também no processo de defesa" (WOLLHEIM, 1971, p. 38). Outro elemento importante nesta "reativação" diz respeito ao fato de que o recordar não significa tornar consciente, pois, se assim fosse, o paciente em verdade chegaria sozinho à cena inoculada de sedução, e portanto quadro patológico nenhum desenvolver-se-ia: "o trauma não é patogênico no momento em que ocorre; a ocasião para início da histeria é a reativação, por meio das experiências da puberdade, das recordações deste trauma, as quais não se tornam conscientes, mas conduzem à liberação do afeto penoso e ao recalque¹⁰⁶." (MEZAN, 2013, p. 38). Podemos dizer então, primeiramente, que o ato recordativo é um ato de ampliação do acontecimento longínquo, em termos da história individual, além de desencadeador de afetos penosos até então represados, os quais gerarão arranjos psicopatológicos específicos de acordo com o caminho que tomarem na interioridade psíquica do doente. Este foi possivelmente o ponto mais problemático da amarração etiológica de Freud à época, como mostraremos adiante. Os escritos que tornam à questão do recordar/lembrar [*erinnern*] evidenciam a preocupação do autor com a questão¹⁰⁷. O insucesso em responder à pergunta: "como explicar que uma experiência, em si mesma não patogênica, tenha o poder de desencadear o processo neurótico mediante sua recordação?"¹⁰⁸ (MEZAN, 2013, p. 39) comprometeu fatalmente as certezas do psicanalista, fato

¹⁰⁶ "Repressão" no original. É importante demarcar que toda a linha argumentativa da página em questão é bastante calcada nas ideias e palavras de Mezan, sobretudo no capítulo "*Tentativa e Erro*" de sua *A trama dos conceitos*. Qualquer semelhança terminológica com o texto do comentador se deve a essa proximidade, e não é nosso intuito tomar por nossas as palavras do autor.

¹⁰⁷ Trataremos apenas dos textos de 1898 e 1899 sobre o tema.

¹⁰⁸ Seria indevido não anexar outros elementos da discussão feita por Renato Mezan no subcapítulo "*Às voltas com a quadratura do círculo*" (MEZAN, 2013, p. 42-55) de sua "*A trama dos conceitos*". Atentemo-nos somente a alguns pontos mais centrais da longa discussão feita pelo autor: "a recordação não pode ter, dentro da teoria do *Projeto*, a mesma intensidade que a percepção [...]. Apesar de todo o esforço de Freud para representar mecanicamente os processos de pensamento, a 'compreensão' pertence exclusivamente à dimensão psicológica [...]. O que ocorreu, sem que o próprio Freud percebesse [...] foi que o conceito de psicologia foi modificado: deixou de conotar vicissitudes do investimento neuronal e passou a designar o que podemos saber do 'aparelho psíquico'." (MEZAN, 2013, p. 45-46). O ponto é que "nenhuma modificação na mecânica do sistema nervoso poderia dar conta da contradição que domina a teoria, e que

que demarca suas compreensões vindouras e mais bem arranjadas. De qualquer modo, a solução momentânea encontrada por Freud era a seguinte:

Por uma parte - primeiro tempo -, a sexualidade irrompe literalmente de fora para dentro, penetrando por efração num 'mundo da infância' que se supõe inocente, onde ela se enquista como um evento brutal sem provocar reação de defesa: o evento não é patogênico *per se*. Por outro lado, no segundo tempo, tendo o impulso da puberdade desencadeado o despertar fisiológico da sexualidade, há produção de desprazer e a origem desse desprazer é procurada na lembrança do evento primordial, evento do exterior convertido em evento do interior, 'corpo estranho' internalizado que irrompe agora do próprio íntimo do sujeito. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 30).

Isso posto, temos agora um desenho bastante completo do que foi a teoria da sedução, em sua dimensão exógena - de causação primordialmente externa - e em vista dos mecanismos psíquicos por ela engendrados. Como afirmamos anteriormente, o momento é de aprimoramento teórico. As cartas e os rascunhos do início de 1896 podem ser encarados como refinamentos dos temas tratados ao final de 1895; o problema do recalque e as condições específicas para ocorrência das diferentes formas de neuroses continuaram assim a povoar as comunicações de Freud com Fliess. Os mesmos temas foram tratados em dois artigos, "*Observações adicionais sobre as Psiconeuroses de Defesa*"¹⁰⁹ e "*A hereditariedade e a etiologia das neuroses*", que foram redigidos em fevereiro de 1896 (ANDERSSON, 2000, p. 261). Este ano é fundamental para compreender de que modo Freud pôde edificar a psicanálise. Além dos dois textos publicados e das cartas - com especial atenção ao "*Manuscrito K*" -, temos também a conferência "*A etiologia da histeria*". A "novidade" do momento - a teoria da sedução - fora exposta nestes escritos. Trataremos então do

consiste precisamente na impossibilidade de encontrar um percurso viável para o fluxo de Q encarregado de provocar o acréscimo de desprazer a uma recordação por definição já 'domesticada'. É justamente por isto que Freud recorre à biologia, embora tampouco aqui encontre solução." *MEZAN, p. 50). Como já mencionamos anteriormente, o "*Projeto*" de 1895 não é objeto de profundo exame de nosso estudo. No entanto, a referência feita por Mezan ajuda-nos a compreender qual era o quadro teórico em que Freud tentava incluir a explicação do acontecimento patológico em sua dimensão atrasada, o que prontamente se mostrou infrutífero. Apesar de o trauma ser como que um "ponto de contato" entre teoria da sedução e a hipótese quantitativa, já que esse "satisfaz as condições mecânicas, biológicas e psicológicas requeridas para provocar uma neurose" (MEZAN, 2013, p. 61), o quadro geral de uma teoria exposta através de "processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas" (FREUD, 1915/2003, p. 175) parecia já não dar conta de subsidiar a etiologia vislumbrada por Freud à época.

¹⁰⁹ Aqui referir-nos-emos ao texto como "*Observações adicionais às neuropsicoses de defesa*", pois tal opção de tradução parece mais símile ao título original - "*Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neurosen*" (FREUD, S. 1896/1952, p. 379).

referido "*Manuscrito*" e das "*Observações*" num primeiro bloco, para depois tratar de "*A hereditariedade*" e da conferência.

1.2 - O "*Manuscrito K*" e as "*Observações adicionais*"

Começamos pelo "*Manuscrito K*" - "*As neuroses de defesa*", ou o "conto de fadas natalino" [*Weihnachtsmärchen*], de 1º de janeiro de 1896. A maior parte dele é dedicada à neurose obsessiva, já que era essa a modalidade de adoecimento com "desenrolar mais transparente" para Freud (FREUD, 1896/2016, p. 26). Passaremos aqui somente por pontos cardeais do manuscrito, já que suas ideias fundamentais [*Grundgedanken*] aparecem também no artigo "*Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*"¹¹⁰, de forma mais elaborada e com maior aprofundamento.

Existem quatro tipos e muitas formas dessas neuroses [de defesa]. Posso apenas traçar uma comparação entre histeria, neurose obsessiva e uma forma de paranoia. Elas têm diversas coisas em comum. São aberrações patológicas de estados psíquicos afetivos normais: do conflito [*Konfliktes*] (histeria), da recriminação [*Vorwurfs*] (neurose obsessiva), da ofensa [*Kränkung*] (paranoia), do luto [*Trauer*] (amênia alucinatória aguda). Distinguem-se desses afetos por não levarem a nenhuma resolução, mas a um dano permanente do Eu¹¹¹. Elas surgem das mesmas ocasiões que seus modelos afetivos, se, para o desencadeamento, mais duas condições forem preenchidas: que seja de natureza sexual e que ocorra no período anterior à maturidade sexual (condições da sexualidade e do infantilismo). Sobre as condições da pessoa, não conheço nada de novo; gostaria de dizer que, de maneira geral, a hereditariedade é uma condição a mais, no que ela facilita e intensifica o

¹¹⁰ " [...] die Grundgedanken sind zum Teil in der Arbeit "*Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neurosen*" verwendet worden, die 1896 erschienen ist". (in: **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902**. Imago Pub. Co., London, 1950, p. 156, nota 2).

¹¹¹ A título de nota, sobre esta passagem: "As implicações dessa formulação tornam-se claras se lembrarmos que Freud tinha introduzido no *Projeto*, redigido no outono de 1895, um conceito de eu [aqui, como em todas as outras vezes que aparece 'eu' no excerto, no original consta 'ego'] diferente daquele que encontramos em seus escritos anteriores. No *Projeto*, a organização das funções nervosas que Freud denomina 'eu' desenvolve-se no indivíduo, de fato, como resultado de suas experiências de satisfação e de dor. No seu entender, o 'eu' esforçava-se para obter satisfação e evitar a dor: uma consequência dessa atividade é a instalação do 'processo secundário', que viabiliza uma distinção entre o mundo 'interno' de ideias e memórias e o mundo 'externo' de percepções. Era esta a base de um adequado ajuste e funcionamento psíquicos. Uma alteração permanente do eu implica, portanto, uma incapacidade parcial ou total do eu em garantir o 'processo secundário'" (ANDERSSON, 2000, p. 262). Com isso temos condição de aferir que um dano permanente ao eu significava o comprometimento, para o indivíduo psiquicamente adoecido, da possibilidade de distinção entre mundo externo e mundo interno. Este é um tema sondado por Freud em toda sua obra, desde os trabalhos iniciais, como aqui demonstrado, passando pela década de 1920 com "*A perda da realidade na neurose e na psicose*" (FREUD, 1924/2016), até o detalhado relato da formação do Eu e de desencadeamentos patológicos que qualquer perturbação desse necessariamente provocam, encontrado na primeira parte de seu "*O mal-estar na cultura*" (FREUD, 1930/2015, pp. 41-58).

efeito patológico. Portanto, é aquela condição que possibilita, sobretudo, as gradações do normal ao extremo. Não creio que a hereditariedade determine a escolha da neurose de defesa. (FREUD, 1896/2016, p. 23).

Temos assim um panorama dos assuntos que ocupavam as investigações de Freud e quais eram seus achados teóricos no ano em questão. Em primeiro lugar, é feito um evidente aceno ao texto "*As neuropsicoses de defesa*", em que se fala de características comuns às patologias anímicas, qual seja, a possibilidade de seu agrupamento sob a égide da defesa. O estudo comparativo do desenvolvimento e das condições específicas para surgimento de cada uma delas deveria esclarecer sobre a natureza do processo de adoecimento, além de viabilizar possibilidades de cura e uma maior compreensão do funcionamento psíquico. Apesar dos quadros terem um desdobramento parecido, é na maneira como as representações recalcadas retornam que "revelam-se as diversas diferenças de cada uma das neuroses; outras, no modo de formação do sintoma e na sua evolução. No entanto, o caráter específico de cada uma das neuroses reside no modo como o recalçamento é idealizado" (FREUD, 1896/2016, p. 26). Em termos da disposição via acidente, os fundamentos são os da teoria da sedução, por nós já conhecidos; quanto à disposição constitutiva, a tese é a mesma dos anos anteriores: "a hereditariedade não era decisiva na determinação do tipo de neurose que iria se desenvolver em uma pessoa, podendo, no entanto, determinar a força do afeto patológico" (ANDERSSON, 2000, p. 262).

Existe uma tendência normal à defesa, isto é, uma tendência contrária a direcionar a energia psíquica de tal maneira que produza desprazer. Essa tendência, que está ligada às mais fundamentais relações do mecanismo psíquico (princípio de constância¹¹²), não pode ser empregada contra as percepções, pois estas sabem

¹¹² Como já dito, não nos deteremos pormenorizadamente no "*Projeto*" de 1895. No entanto, parece leviano ignorar um elemento tão importante ao pensamento de Freud à época, e portanto sinalizaremos apenas alguns pontos específicos da discussão. É necessário, em primeiro lugar pontuar que existe uma distinção entre o princípio de constância e a lei da inércia. "A lei geral do movimento a que Freud se refere é pensada em analogia com as duas leis de Newton" (GABBI JR, 2003, p. 23), quais sejam: "sua primeira lei, a lei da inércia, reza que nenhum corpo pode alterar seu estado de movimento por si só. A segunda lei atribui toda alteração do estado de movimento de um corpo à ação de outro corpo [...]. Assim, Q igual a zero indica ausência de mudança de estado. Se Q for diferente de zero e dinâmica, ou passa-se de um estado de movimento para um de repouso, ou, ao contrário, de um de repouso para um de movimento." (GABBI JR, 2003, p. 23), onde "Q é usada para indicar o resultado do processo levando de um estado de movimento para outro, como o próprio processo de passagem de um estado de movimento para outro." (GABBI JR, 2003, p. 23). Temos então, por um lado, a lei da inércia como parâmetro teórico para compreensão do movimento excitatório próprio ao sistema nervoso, de modo que "o sistema nervoso simples (uma ficção teórica) funcionaria segundo o princípio da inércia; como existem estímulos internos, o sistema nervoso humano (o sistema nervoso real e complexo) obedece ao princípio da constância, mas conserva a tendência imposta pelo princípio da inércia (GABBI JR, 2003, p. 30). Os estímulos internos referidos são a fome, a respiração e a sexualidade, e tal princípio versaria portanto sobre a necessidade de reação do organismo à soma de excitação interna, como indicado no "*Manuscrito D*" (GABBI JR,

como conquistar atenção [...]; ela só é levada em conta contra lembranças e representações de pensamento [...]. No entanto, a tendência à defesa se torna nociva quando se volta para representações que, mesmo como recordações, podem ocasionar um novo desprazer, tal como é o caso das representações sexuais. De fato, aqui se realiza a única possibilidade de a lembrança produzir, a posteriori [*nachträglich*], o efeito de uma liberação mais intensa do que de sua vivência correspondente. Para isso, só é preciso uma coisa: que entre a vivência e sua repetição na lembrança se interponha a puberdade, que tanto intensifica o efeito do despertar. Para essa exceção, o mecanismo psíquico parece não estar preparado [...]. (FREUD, 1896/2016, p. 24).

Fica claro que o "modo normal" de funcionamento defensivo ocorre somente contra lembranças de ideias anteriormente vinculadas a sentimentos de desprazer. A modalidade patológica de tal ação dirige-se, ao contrário, a lembranças que podem ainda causar desprazer, possivelmente com maior intensidade do que quando de sua experiência. É importante frisar que aqui o feito memorativo, a lembrança, não é sinônimo de tornar consciente. O que faz lembrar é sempre uma vivência correlata, algo que precipita os elementos recalçados e assim a ação da defesa. Tem-se ainda de considerar que é na relação entre tenra infância e efeito a posteriori "onde se origina o desprazer que vai ser ocasionado através da estimulação sexual prematura, sem o qual um recalçamento¹¹³ não pode ser explicado" (FREUD, 1896/2016, p. 25). Deve haver, portanto, "uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual" (FREUD, 1896/2016, p. 25), e o modelo para tanto é a neurose de angústia, em que "uma quantidade proveniente da vida sexual causa uma perturbação no psíquico, perturbação que igualmente teria encontrado uma utilização no processo sexual" (FREUD, 1896/2016, p. 25). Independentemente de à época faltar uma teoria sobre a sexualidade que desse conta deste problema, a afirmação sobre uma fonte independente de desprazer na sexualidade é verdadeiramente notável.

2003, p. 31). Desse modo, tais princípios operariam em campos distintos do funcionamento neuronal, uma vez que "quanto mais se anda na direção do interior do aparelho [psíquico], menor a quantidade, portanto, menor a diferença entre repouso e movimento. O neurônio Φ está sujeito a uma magnitude tal que nada retém [...]. Assim, ele obedece integralmente ao princípio da inércia. ψ , por sua vez, é atravessado por uma quantidade de magnitude próxima à de sua barreira de contato. Logo, conserva uma certa quantidade de movimento e, por conseguinte, obedece ao novo princípio imposto pela necessidade da vida, denominado de princípio de constância" (GABBI JR, 2003, p. 35). Esperamos com isso ao menos indicar a complexidade em que se encontra amalgamada a temática, além de proporcionar, apesar de superficial, algum lampejo sobre tal noção.

¹¹³ Quanto a esta e às demais passagens não há qualquer dúvida sobre a tradução do vocábulo por "recalçamento", pois por todo o texto é o verbo *verdrängen* e sua forma substantivada *Verdrängung* que são utilizados por Freud. Somente na penúltima frase do manuscrito *unterdrücken* é utilizado, para referir-se ao fato de que não é necessário supor que uma representação seja sempre reprimida quando da ocorrência do ataque primário no quadro histérico. (FREUD, S. In: **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902.** Imago Pub. Co., London, 1950, pp. 156-167).

Para abordar o desenrolar do adoecimento das neuroses de defesa, Freud fala em *Verdrängungsneurosen*¹¹⁴, ou "neuroses de recalçamento". Com a substituição de "*Abwehrneurosen*" por "*Verdrängungsneurosen*", o conceito técnico de defesa não tardará a desaparecer de seus escritos, sendo substituído pelo de recalque em seu pensamento etiológico (ANDERSSON, 2000, p. 265). O desenvolvimento patológico ocorreria de acordo com as fases seguintes:

1. a vivência sexual (ou a série de vivências) traumática, prematura, a ser recalçada,
2. seu recalçamento em uma ocasião anterior, que desperta a lembrança correspondente, ocasião em que há formação de um sintoma primário,
3. um estágio de defesa bem-sucedida, que equivale à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário,
4. a fase em que as representações recalçadas retornam, e, na luta entre elas e o Eu, são formados os novos sintomas da doença propriamente dita,
5. uma fase de nivelamento, de dominação ou de cura deficiente. (FREUD, 1896/2016, p. 26).

Logo, este esquema "mostra claramente que Freud, impressionado por suas novas experiências a respeito da pré-história das perturbações presentes nos distúrbios neuróticos, aprimorou consideravelmente o quadro das condições etiológicas encontradas nas psiconeuroses" (ANDERSSON, 2000, p. 264), de modo que em todas essas neuroses existiria uma mesma sequência de estágios (ANDERSSON, 2000, p. 264). Antes, pensou-se a defesa como emanando do eu; agora, como resultado da operação, na infância, de alguma força ou agente recalgador de natureza desconhecida. Além do mais, não se tratava de um ato consciente da vontade, mas de um processo que poderia ocorrer sem envolver os aspectos conscientes da personalidade (ANDERSSON, 2000, p. 265). Estes pontos também são relevantes, pois modificam certezas centrais às formulações etiológicas de Freud, especificamente sobre a origem e as forças atuantes no processo de recalçamento. É importante lembrar que em 1895 Freud acreditava que apartar conteúdos da dinâmica psíquica tinha início através de um ato volitivo do doente. Optamos agora por fazer o oposto de Freud, que poupa Fließ do artigo "*Observações adicionais*" por esse ser praticamente

¹¹⁴ In: **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fließ, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902**. Imago Pub. Co., London, 1950, p. 159

idêntico ao "*Manuscrito K*"¹¹⁵, e pouparemos os pormenores das discussões do "*Manuscrito*" para examinarmos o artigo, de fevereiro de 1896 (STRACHEY, 1992, p. 160).

Nele, Freud assinala que o ponto de vista comum [*gemeinsame Gesichtspunkt*] às afecções anímicas era seu surgimento a partir do mecanismo psíquico da defesa inconsciente [*unbewußten Abwehr*]¹¹⁶, imediatamente "após a tentativa de recalcar uma representação inconciliável que tinha entrado em penosa oposição com o eu do doente" (FREUD, 1897/1992, p. 163)¹¹⁷, além de equiparar as noções de defesa e recalçamento quanto ao processo psíquico referido¹¹⁸. Na primeira parte do texto, dedicada à etiologia específica da histeria, encontramos que o conteúdo dos traumas da infância precoce [*früher Kindheit*] "deve consistir numa efetiva irritação dos genitais (processos semelhantes ao coito)" (FREUD, 1897/1992, p. 164)¹¹⁹, o que significa pensar a irritação genital como a dimensão objetiva do trauma. Deste modo, a condição específica para o adoecimento histérico é a passividade pré-sexual, o que revela "quão longe estava Freud de supor a existência da sexualidade infantil: qualquer manifestação sexual antes da puberdade só pode se produzir em função de uma passividade prévia, sendo desencadeada sobre o modelo da sexualidade adulta." (MEZAN, 2013, p. 39)¹²⁰. Os abusos, supostamente realizados por babás, governantas e outras

¹¹⁵ "Poupei-o do manuscrito do artigo em alemão por ele ser idêntico a uma parte do que levei a seu conhecimento como conto de fadas natalino" (FREUD, S. in: **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fließ. Tradução de Vera Ribeiro.** IMAGO Editora Ltda. Rio de Janeiro, Brasil. 1986, p. 170).

¹¹⁶ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band.** Imago Pub. Co., London, 1952, p. 379.

¹¹⁷ "a raíz del intento de reprimir una representación inconciliable que había entrado en penosa oposición con el yo del enfermo". (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 163)

¹¹⁸ "[...] dieser psychische Vorgang der 'Abwehr' oder 'Verdrängung' [...]". (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band.** Imago Pub. Co., London, 1952, p. 379).

¹¹⁹ "que estos traumas sexuales correspondan a la niñez temprana {früher Kindheit} (el período de la vida anterior a la pubertad), y su contenido tiene que consistir en una efectiva irritación de los genitales (procesos semejantes al coito)." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 164)

¹²⁰ Somente a título de nota, Freud sugere o método psicanalítico como possibilidade única para lançar luz ao domínio destes "obscuros terrenos", uma vez que é através deste que se faz possível tornar consciente o que até então era inconsciente (FREUD, 1897/1992, p. 165) "[...] que nadie juzgue con demasiada suficiencia en estos oscuros terrenos si antes no se valió del único método capaz de iluminarlos (el psicoanálisis, para hacer conciente lo hasta entonces inconciente)." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III.** Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 165).

pessoas que prestavam serviço às casas (FREUD, 1897/1992, 165)¹²¹, bem como por irmãos mais velhos ou educadores, deveriam ocorrer até, em média, o quarto ano de idade:

Não posso indicar com segurança o limite de idade até ao qual um influxo sexual nocivo entra na etiologia da histeria [...]. Quanto ao limite inferior, chega até onde alcança a lembrança, ou seja, até a tenra idade de um ano e meio, ou dois! (Dois casos). Em alguns dos meus casos, o trauma sexual (ou série de traumas) está contido dentro do terceiro ou quarto ano de vida. (FREUD, 1897/1992, p. 166)¹²².

Compreender o adoecimento histérico por esta via era enxergar algum sentido na sintomatologia resultante, e para tanto o psicanalista se faz necessário, pois como os acontecimentos traumáticos encontram-se apartados da consciência pela ação do recalque, os fatos encontram-se para além do alcance da memória do doente.

Em cada caso, todo um montante de sintomas patológicos, hábitos e fobias só é explicável se se remonta às vivências infantis, e a montagem lógica das exteriorizações neuróticas torna impossível desautorizar essas lembranças que afloram desde a vivência infantil e se conservaram fielmente. Certamente em vão se pretenderia inquirir a um histérico por estes traumas da infância fora da psicanálise; seu rastro nunca se descobre no recordar consciente, mas somente nos sintomas da doença. (FREUD, 1897/1992, p. 166)¹²³.

Assim, a irrupção histérica aconteceria em dois momentos, uma vez que as vivências e excitações que a preparam ou ocasionam, no período da vida pós-puberal, só exercem seu efeito

¹²¹ "Entre las personas culpables de esos abusos de tan serias consecuencias aparecen sobre todo las niñeras, gobernantas y otro personal de servicio [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 165).

¹²² "No puedo indicar con seguridad el límite máximo de edad hasta el cual un influjo sexual nocivo entra en la etiología de la histeria; [...]. En cuanto al límite inferior, llega hasta donde alcanza el recuerdo, vale decir, hasta la tierna edad de un año y medio, o dos! (dos casos). En algunos de mis casos, el trauma sexual (o la serie de traumas) está contenido dentro del tercero o cuarto año de vida." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 166).

¹²³ "En cada caso, toda una suma de síntomas patológicos, hábitos y fobias sólo es explicable si uno se remonta a aquellas vivencias infantiles, y la ensambladura lógica de las exteriorizaciones neuróticas vuelve imposible desautorizar esos recuerdos que afloran desde el vivenciar infantil y se han conservado fielmente. Desde luego que en vano se pretendería inquirir a un histérico por estos traumas de la infancia fuera del psicoanálisis; su huella nunca se descubre en el recordar consciente, sino sólo en los síntomas de la enfermedad". (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 166).

por despertar o rastro mnêmico [*Erinnerungsspurr*]¹²⁴ dos traumas da infância, rastro que não se torna então consciente, mas que conduz ao desprendimento do afeto e ao recalque. Os traumas posteriores podem variar em intensidade e natureza desde uma subjugação sexual efetiva até meras abordagens sexuais (FREUD, 1897/1992, p. 167)¹²⁵. O "trazer à tona" da primeira pela segunda série indica a necessidade etiológica de dois momentos para a instalação efetiva da patologia, o que mostra não ser o simples brotar da sexualidade puberal sinônimo de doença. A puberdade é a condição para a enfermidade, não sua causa objetiva.

É no bojo dessa discussão que Freud esmiúça, pela primeira vez nos textos da época, por que a centralidade do agir recalcador se dá em relação a representações sexuais:

Uma teoria psicológica do recalque teria que explicar também por que só representações de conteúdo sexual podem ser recalçadas [...]. O representar de conteúdo sexual, como é sabido, produz nos genitais processos de excitação semelhantes aos que provoca o vivenciar sexual mesmo. Pode-se supor que esta excitação somática se transforme em psíquica. [...] o efeito em questão é muito mais intenso quando da vivência do que da recordação dela; mas se a vivência sexual cai [*fällt*]¹²⁶ na época da imaturidade sexual, e a recordação dela é despertada durante ou depois da maturidade, a lembrança exerce um efeito excitante incomparavelmente maior do que em seu tempo produziu a vivência, pois a puberdade aumentou de forma incomensurável a capacidade reativa do aparato sexual. (FREUD, 1897/1992, p. 167)¹²⁷.

¹²⁴ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 383.

¹²⁵ "Todas las vivencias y excitaciones que preparan u ocasionan el estallido de la histeria en el período de la vida posterior a la pubertad sólo ejercen su efecto, *comprobadamente*, por despertar la huella mnémica de esos traumas de la infancia, huella que no deviene entonces conciente, sino que conduce al desprendimiento de afecto y a la represión. Armoniza muy bien con este papel de los traumas posteriores el hecho de que no estén sujetos al estricto condicionamiento de los traumas infantiles, sino que puedan variar en intensidad y naturaleza desde un avasallamiento sexual efectivo hasta unos meros acercamientos sexuales [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 167).

¹²⁶ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 384.

¹²⁷ "Una teoría psicológica de la represión tendría que explicar también por qué sólo representaciones de contenido sexual pueden ser reprimidas [...]. El representar de contenido sexual, como es sabido, produce en los genitales unos procesos de excitación semejantes a los que provoca el vivenciar sexual mismo. Cabe suponer que esta excitación somática se traspone en psíquica. [...] el efecto en cuestión es mucho más intenso a raíz de la vivencia que a raíz del recuerdo de ella; pero si la vivencia sexual cae en la época de la inmadurez sexual, y el recuerdo de ella es despertado durante la madurez o luego de esta, el recuerdo ejerce un efecto excitador incomparablemente mayor del que en su tiempo produjo la vivencia, pues entretanto la pubertad ha acrecentado en medida inconmensurable la capacidad de reacción del aparato sexual." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 167).

Aqui, é o efeito retardado, o *nachträglich*, que se tenta explicar: ocorreria algo como uma "proporção inversa entre vivência real e lembrança, que contém a condição psicológica de um recalque" (FREUD, 1992/1952, p. 384)¹²⁸. Eis, portanto, a oportunidade para que o recalque atue em relação a uma determinada formação psíquica.

A vida sexual oferece - pelo atraso da maturidade puberal em relação às funções psíquicas - a única possibilidade que se apresenta para esta inversão da eficiência relativa. Os traumas infantis produzem efeitos retardados [*nachträglich*] como vivências frescas, mas então os produzem inconscientemente. [...] o período de maturação sexual considerado não coincide com a puberdade, é anterior a ela (do oitavo ao décimo ano)¹²⁹. (FREUD, 1897/1992, p. 168).

É característica desses fenômenos a primordialidade do acontecimento inconsciente, sem que qualquer coisa se torne clara, objetiva ou sabida pelo doente, com exceção da apresentação de um arranjo sintomático. Quanto à abordagem da natureza [*Wesen*]¹³⁰ e do mecanismo da neurose obsessiva, Freud considera elementar que o indivíduo tenha praticado agressões sexuais, participado portanto de atividade sexual, e que isso tenha sido prazeroso (FREUD, 1896/1992, p. 169)¹³¹. Existe então uma distinção em relação à etiologia histórica, uma vez que nela a criança era seduzida, e no caso da neurose obsessiva a criança assume o papel de quem exerce a sedução. Para tanto, nosso autor acreditava ser necessário que o futuro neurótico obsessivo fosse anteriormente seduzido, para assim ter condições de seduzir outras crianças, dispondo-as enfim ao adoecimento histórico. Torna-se assim imperativo estabelecer os parâmetros para o adoecimento histórico ou obsessivo:

¹²⁸ "Ein solches umgekehrtes Verhältnis zwischen realem Erlebnis und Erinnerung scheint aber die psychologische Bedingung einer Verdrängung zu enthalten." (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 384).

¹²⁹ "La vida sexual ofrece - por el retardo de la madurez puberal respecto de las funciones psíquicas - la única posibilidad que se presenta para esa inversión de la eficiencia relativa. *Los traumas infantiles producen efectos retardados {nachträglich} como vivencias frescas, pero entonces los producen inconscientemente.* [...] el período de maduración sexual que entra en cuenta no coincide con la pubertad, sino que es anterior a ella (del octavo al décimo año)." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 167).

¹³⁰ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 385.

¹³¹ "agresiones ejecutadas con placer y de una participación, que se sintió placentera, en actos sexuales; vale decir, se trata de una actividad sexual". (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 169).

[...] só tenho uma impressão: a decisão de que, com base nos traumas da infância, se gere uma histeria ou uma neurose obsessiva parece entramada com as constelações temporais do desenvolvimento da libido [...]. A natureza da neurose obsessiva admite ser expressa em uma fórmula simples: as representações obsessivas são sempre recriminações [*Vorwürfe*]¹³² transformadas [*verwandelte*]¹³³, que retornam do recalque e são sempre referidas a uma ação da infância, uma ação sexual realizada com prazer. (FREUD, 1896/1992, p. 169-170)¹³⁴

¹³⁵.

O desenvolvimento libidinal, como se vê, era somente uma impressão à época. A certeza era que as representações obsessivas tomavam a expressão que lhes era própria por conta do prazer sentido pela criança quando esta praticava o ato da sedução. A "trajetória" da neurose obsessiva seria constituída então: de um primeiro período de imoralidade infantil, em que vivências de sedução sexual possibilitariam a ação do recalque; de um período subsequente de ações sexualmente agressivas, praticadas contra outras crianças, as quais mais tarde serão lembradas em forma de auto recriminação.

Põe fim a este período o ingresso [...] na maturação sexual. Agora, à lembrança daquelas ações prazerosas se junta uma recriminação, e o nexos com a vivência inicial de passividade possibilita [...] recalcar essa recriminação e substituí-la por um sintoma defensivo primário. Escrúpulos da consciência moral, vergonha, desconfiança de si mesmo, são esses sintomas, com os quais começa o terceiro período, da saúde aparente [...]. (FREUD, 1896/1992, p. 170)¹³⁶

¹³² In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 386.

¹³³ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 386.

¹³⁴ "[...] sólo tengo una impresión: la decisión de que sobre la base de los traumas de la infancia se genere una histeria o una neurosis obsesiva parece entramada con las constelaciones *temporales* del desarrollo de la libido (...). La naturaleza de la neurosis obsesiva admite ser expresada en una fórmula simple: las *representaciones obsesivas* son siempre *reproches* mudados, que retornan de la *represión* {desalojo} y están referidos siempre a una acción de la *infancia*, una acción *sexual* realizada con placer." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 169-170)

¹³⁵ Na nota de número 17, Strachey indica que esta concepção quanto ao adoecimento neurótico obsessivo será revista no texto do "Homem dos ratos", de 1909. (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 170). Para nossos interesses investigativos é suficiente saber que este sobre a qual falamos, portanto, foi um modelo etiológico primário formulado por Freud para enfrentamento da etiologia neurótico-obsessiva.

¹³⁶ "Pone término a este período el ingreso [...] en la maduración sexual. Ahora, al recuerdo de aquellas acciones placenteras se anuda un reproche, y el nexos con la vivencia inicial de pasividad posibilita [...] reprimir ese reproche y sustituirlo por un *síntoma defensivo primario*. Escrúpulos de la conciencia moral, vergüenza, desconfianza de sí mismo,

Saúde aparente porque o que se alcançou não passa do estabelecimento de uma defesa superficial, antecessora do retorno das lembranças recalçadas¹³⁷, que ocorre por conta do fracasso da defesa (FREUD, 1896/1952, p. 387)¹³⁸. A ideia do retorno do recalçado parece uma forma sofisticada do sofrimento por reminiscências dos "*Estudos sobre a Histeria*". No caso da neurose obsessiva, e no ano de 1896, as reminiscências têm de ser recordadas, de modo que lembranças reanimadas e recriminações formadas a partir delas nunca entram inalteradas na consciência; o que se torna consciente como representação e afeto obsessivos, substituindo a lembrança patogênica no viver consciente, são formações de compromisso entre as representações recalçadas e as recalçadoras. (FREUD, 1896/1992, p. 170)¹³⁹. Como demonstrado, o jogo dinâmico entre instâncias - entre o que é consciente e o que não é - é todo determinado pela ação da defesa/recalque, e o sintoma é o produto desse processo, algo como um "acordo" entre campos representacionais, condição aparentemente necessária para a coexistência destes lugares distintos do acontecer psíquico. "Toda vez que uma obsessão neurótica aparece no psíquico, é do recalque que ela emana" (FREUD, 1896/1952, p. 388)¹⁴⁰.

Juntamente com estes sintomas de compromisso [*Kompromißsymptomen*]¹⁴¹, que significam o retorno do recalçado e, com ele, um fracasso da defesa originariamente alcançada, a neurose obsessiva forma uma série de outros sintomas de origem completamente diversa. É que o eu procura defender-se daqueles derivados [*Abkömmlinge*]¹⁴² da lembrança inicialmente recalçada, e nesta

son esos síntomas, con los cuales empieza el tercer período, de la salud aparente [...]" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 170).

¹³⁷ "[...] Wiederkehr der verdrängten Erinnerungen [...]" (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 387).

¹³⁸ "[...] durch das Mißglücken der Abwehr [...]" (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 387).

¹³⁹ "[...] los recuerdos reanimados y los reproches formados desde ellos nunca ingresan inalterados en la conciencia; lo que deviene consciente como representación y afecto obsesivos, sustituyendo al recuerdo patógeno en el vivir consciente, son unas *formaciones de compromiso* entre las representaciones reprimidas y las represoras". (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 170).

¹⁴⁰ "Wo immer neurotischer Zwang im Psychischen auftritt, rührt er von Verdrängung her." (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 388).

¹⁴¹ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 389.

¹⁴² In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 389.

luta defensiva cria sintomas que se poderiam agrupar sob o título de defesa secundária. (FREUD, 1896/1992, p. 172)¹⁴³.

Todo sintoma neurótico obsessivo é, portanto, uma medida protetora. Mais ainda, cabe ao "eu" [*das Ich*]¹⁴⁴ travar a batalha contra o que resta do primeiro processo de recalque, e desta luta como que brotaria outro aspecto da defesa, uma "*sekundäre Abwehr*" ou defesa secundária, a qual consistiria num violento desvio a outros pensamentos, de conteúdo o mais contrário possível.

Isto dito, tem-se então proposta uma etiologia surpreendente: "em todos os casos, o evento traumático original é uma experiência sexual nos primeiros anos da infância, isto é, antes da puberdade, à qual foi dado o nome de 'cena primordial' ou 'cena sexual'. A natureza da cena primordial determina a escolha da neurose." (WOLLHEIM, 1971, p. 38). Como vimos, tudo depende de a vivência ocorrer de forma ativa ou passiva, ou seja, da criança seduzir ou ser seduzida. Esperamos com a exposição ter demonstrado a profundidade com que é abordada a etiologia das sintomatologias provenientes da ação do recalque. A paranoia, referida por Freud como psicose de defesa [*Abwehrpsychose*]¹⁴⁵, também é contemplada pela explicação, já que tudo se dá sob o ângulo da predisposição accidental ao adoecimento. A disposição aqui é tomada enquanto fenômeno contingente, e a constituição individual deve lançar mão do modo como age o recalque.

1.3 - O artigo em francês e a conferência

Tomemos agora o artigo "*A hereditariedade e a etiologia das neuroses*", enviado para publicação na mesma data das "*Observações adicionais*", dia 05 de fevereiro de 1896 (STRACHEY, 1992, p. 141)¹⁴⁶. No artigo para a revista francesa encontramos um apanhado completo das ideias etiológicas do início de 1896 (ANDERSSON, 2000, p. 268) e por isso abordaremos exclusivamente as causas distintas consideradas no adoecimento neurótico, que versam sobre os pormenores do

¹⁴³ "Junto a estos síntomas de compromiso, que significan el retorno de lo reprimido y, con él, un fracaso de la defensa originariamente lograda, la neurosis obsesiva forma una serie de otros síntomas de origen por entero diverso. Y es que el yo procura defenderse de aquellos retoños del recuerdo inicialmente reprimido, y en esta lucha defensiva crea unos síntomas que se podrían agrupar bajo el título de *defensa secundaria*." (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José

L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 172)

¹⁴⁴ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 389.

¹⁴⁵ In: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 392.

¹⁴⁶ "Este artículo y el que sigue [...] fueron enviados a sus respectivos editores el mismo día, 5 de febrero de 1896 (...)" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 141)

evento externo em vista do que há de específico na determinação dos quadros psicopatológicos, em termos da natureza do acidente.¹⁴⁷

O eixo central do argumento apresentado no texto concentra-se nas "causas específicas" das grandes neuroses, sendo grandes neuroses "estados nervosos funcionais análogos à histeria" (FREUD, 1896/1952, p. 410)¹⁴⁸. De acordo com Freud, os pesquisadores anteriores a ele falharam em estudar as causas específicas das neuroses por conta da influência exagerada exercida pela perspectiva etiológica hereditária. Mesmo se estas causas não fossem consideradas tão importantes quanto a hereditariedade, seria de grande interesse terapêutico conhecê-las, já que a predisposição via herança interpõe obstáculos insuperáveis ao trabalho do terapeuta (ANDERSSON, 2000, p. 269). Nos diz o autor:

Seguramente a nossa opinião sobre o papel etiológico da hereditariedade nas doenças nervosas deve ser o resultado de um exame estatístico imparcial e não de uma *petitio principii*. Enquanto este exame não tiver sido feito deve-se acreditar que a existência das neuropatias adquiridas é tão possível quanto a de neuropatias hereditárias (FREUD, 1896/1952, p. 408)¹⁴⁹

Todo o argumento em favor da etiologia específica é acompanhado de uma crítica contundente à predisposição herdada, pois "sem a existência deste fator etiológico especial [específico], a hereditariedade não teria podido nada; ter-se-ia prestado à produção de outra neuropatia se a etiologia específica em questão tivesse sido substituída por uma influência distinta (FREUD, 1896/1952, p. 410)¹⁵⁰. A etiologia específica de caráter não hereditário é assim o fator

¹⁴⁷ Somente a título de nota, é neste artigo que o termo psicanálise é publicizado pela primeira vez. (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 151). É curioso notar que isto seja feito em francês, poucas linhas antes de a teoria da sedução ser tão detalhadamente circunscrita. (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 416-417)

¹⁴⁸ "grandes névroses (états nerveux fonctionnels analogues à l'hystérie)" (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 410)

¹⁴⁹ "Assurément notre opinion sur le rôle étiologique de l'hérédité dans les maladies nerveuses doit être le résultat d'un examen impartial statistique et non pas d'une *petitio principii*. Tant que cet examen n'aura pas été fait on devrait croire l'existence des névropathies acquises aussi possible que celle des névropathies héréditaires." (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 408)

¹⁵⁰ "Comme il n'y a rien de fortuit en pathogénie nerveuse pas plus qu'ailleurs, il faut bien concéder que ce n'est pas l'hérédité qui préside au choix de la névropathie qui se développera chez le membre d'une famille prédisposé, mais qu'il y a lieu de soupçonner l'existence d'autres influences étiologiques, d'une nature moins compréhensible, qui mériteraient alors le nom *étiologie spécifique* de telle ou telle affection nerveuse. Sans l'existence de ce facteur étiologique spécial l'hérédité n'aurait pu rien faire; elle se serait prêtée à la production d'une autre névropathie si l'étiologie spécifique en question avait été remplacée par une influence quelqu'autre." (in: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 410)

regente da escolha neuropática. Existia para o psicanalista "um grande interesse prático no conhecimento desta etiologia, a qual dará acesso ao nosso trabalho terapêutico, enquanto a predisposição hereditária, estabelecida de antemão para o doente desde o seu nascimento, opõe um obstáculo inabordável aos nossos esforços" (FREUD, 1896/1992, p. 145)¹⁵¹. Como se vê, a predisposição hereditária pouco contribui para a solução de sintomas.

Assim, distinguem-se então três "grandezas" na equação etiológica do texto: as condições, que são o critério de possibilidade mais universal e indispensáveis ao adoecimento, ou seja, o traço hereditário, mas que isoladamente nada pode provocar; as causas concorrentes, que incluem todos os tipos de agentes banais que, por si próprios, não poderiam causar neurose, mas que conseguem diminuir o poder do indivíduo para resistir ao efeito global das condições e das causas específicas (ANDERSSON, 2000, p. 270) e as causas específicas, estas sim de maior importância, já que são o que há de próprio a cada quadro e o que possibilita a distinção entre um e outro. Desta maneira poderia haver ocorrência de efeito patológico em pessoas com uma intensa predisposição hereditária mesmo se as causas específicas fossem relativamente insignificantes e vice-versa. Existiam também casos em que "um grau apreciável" de predisposição hereditária não era detectado, mas em que causas específicas de força incomum tinham ocorrido (ANDERSSON, 2000, p. 269). As causas específicas da histeria e da neurose obsessiva são encontradas devido ao emprego de um novo método (FREUD, 1896/1952, p. 416)¹⁵², através do qual se

perseguem os sintomas histéricos até sua origem, que é sempre encontrada em certo acontecimento da vida sexual do sujeito [...]. Remontando-me para trás, no passado do enfermo, passo a passo e dirigido sempre pelo encadeamento dos sintomas, das lembranças e dos pensamentos despertados, cheguei por fim ao ponto de partida do processo patológico e não pude deixar de ver que em todos os casos submetidos à análise havia no fundo a mesma coisa, a ação de um agente ao qual é preciso aceitar como causa específica. (FREUD, 1896/1992, P. 151)¹⁵³

¹⁵¹ "un gran interés práctico el conocimiento de esta etiología, que dará acceso a nuestro trabajo terapéutico, mientras que la predisposición hereditaria, fijada de antemano para el enfermo desde su nacimiento, opone un obstáculo inabordable a nuestros esfuerzos" (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 145)

¹⁵² "Je dois mes résultats à l'emploi d'une nouvelle méthode de psychoanalyse" (in.: **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co., London, 1952, p. 411-416)

¹⁵³ "[...] uno persigue los síntomas histéricos hasta su origen, que todas las veces halla en cierto acontecimiento de la vida sexual del sujeto [...]. Remontándome hacia atrás en el pasado del enfermo, paso a paso y dirigido siempre por el encadenamiento de los síntomas, de los recuerdos y de los pensamientos despertado, he llegado por fin al punto de partida del proceso patológico y no pude menos que ver que en todos los casos sometidos al análisis había en el fondo la misma cosa, la acción de un agente al que es preciso aceptar como causa específica" (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 151)

Eis, portanto, o método psicanalítico de Sigmund Freud, tornado público no ano de 1896. Por meio do retorno na história pessoal do doente, através de seus sintomas, lembranças e outros produtos do acontecer psíquico, torna-se possível encontrar as causas específicas de cada quadro neurótico. A novidade do texto estaria então na demarcação das causas distintas implicadas no processo de adoecimento anímico. Já no artigo referente à conferência pronunciada por Freud diante da *Sociedade de Psiquiatria e Neurologia* vienense, no dia 2 maio (STRACHEY, 1992, p. 188)¹⁵⁴, somente a certeza da realidade das vivências infantis diz algo de significativo à nossa investigação, já que, para Freud, se os pacientes as tivessem inventado, por que procurariam negá-las com tanta veemência? Isto deve indicar portanto que as cenas de sedução ocorreram verdadeiramente (MEZAN, 2013, p. 53).

Antes da aplicação da análise, os doentes nada sabem destas cenas; costumam indignar-se se alguém lhes anuncia o afloramento delas, e só em virtude da mais intensa compulsão do tratamento podem ser levados a embarcar na sua reprodução; padecem das mais violentas sensações, que os envergonham e procuram ocultar, enquanto evocam à consciência estas vivências infantis, e mesmo depois de voltarem a percorrê-las de tão convincente modo tentam negar-lhes a crença, insistindo que em relação a elas não lhes sobreveio um sentimento mnêmico [...]. (FREUD, 1896/1992, p. 203)¹⁵⁵

Isto posto, fica evidente que a teoria da sedução valida a da defesa: esta se exerce somente no caso da ideia intolerável estar associada à cena traumática. No entanto, apesar de todo o desenvolvimento argumentativo de Freud, persiste a pergunta: por que a recordação de uma experiência sexual produziria efeitos patológicos tão intensos, quando a própria experiência não levou a nenhuma consequência? (MEZAN, 2013, p. 54), e justamente "no momento em que tudo parece encaixar-se no devido lugar, o edifício inteiro vem abaixo" (MEZAN, 2013, p. 57).

¹⁵⁴ "[...] una conferencia pronunciada por Freud ante la *Verein für Psychiatrie und Neurologie* (Sociedad de Psiquiatria y Neurología) el día 2 de mayo." (in.: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 188)

¹⁵⁵ "Antes de la aplicación del análisis, los enfermos nada saben de estas escenas; suelen indignarse si uno les anuncia el afloramiento de ellas, y sólo en virtud de la más intensa compulsión del tratamiento pueden ser movidos a embarcarse en su reproducción, padecen las más violentas sensaciones, que los avergüenzan y procuran ocultar, mientras evocan a la conciencia estas vivencias infantiles, y aun después que tornaron a recorrerlas de tan convincente modo intenta denegarles creencia, insistiendo en que respecto de ellas no les sobrevino un sentimiento mnémico [...]." (in.: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 203)

2. A insuficiência da 'sedução'

É consensual, dentro dos estudos em teoria freudiana e em filosofia da psicanálise, que a teoria da sedução não é algo que permanece linearmente, sem alterações ou profundas revisões enquanto postulado conceitual. Em 1924, Freud insere uma nota bastante valiosa no texto "*Observações adicionais*", onde encontramos a afirmação de que o modo como os problemas etiológicos eram abordados estava

[...] sob o domínio de um equívoco que depois admiti e retifiquei repetidas vezes. Naquele tempo eu ainda não sabia distinguir entre as fantasias dos analisados acerca de sua infância e lembranças reais. Em consequência disto, atribuí ao fator etiológico da sedução uma substantividade e uma validade universal que não possuí. Superado este erro, abriu-se o panorama das exteriorizações espontâneas da sexualidade infantil. (FREUD, 1924/1992, p. 169)¹⁵⁶.

Com isto, "[...] a cena de sedução pelo adulto, que se impusera até então a Freud como o próprio tipo de traumatismo psíquico, não é um evento real, mas uma fantasia que é apenas o produto e a máscara das manifestações espontâneas da atividade sexual infantil" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 25). Assim, um primeiro ponto a se considerar na insustentabilidade da teoria da sedução é a crença na materialidade objetiva e irrevogável de um abuso por parte de um indivíduo em relação a outro. Havia também insuficiências teóricas em outros pontos do arranjo:

O período pré-puberdade fora considerado anteriormente por ele [por Freud] como assexual, mas agora a observação de seus pacientes levou-o a desenvolver experiências descritas, paradoxalmente, como "medo pré-sexual" e "prazer pré-sexual" [...]. Como não existia uma teoria sexual satisfatória, [...], a origem dos afetos desprazerosos que causavam recalque (*Verdrängung*)¹⁵⁷ não podia ser esclarecida. (ANDERSSON, 2000, p. 263).

¹⁵⁶ " [...] bajo el imperio de un error que después he admitido y rectificado repetidas veces. Por aquel tiempo yo aún no sabía distinguir entre las fantasías de los analizadas acerca de su infancia y unos recuerdos reales. A consecuencia de ello, atribuí al factor etiológico de la seducción una sustantividad y una validez universal que no posee. Superado este error, se abrió el panorama de las exteriorizaciones espontâneas de la sexualidad infantil." (in.: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 169, nota 15).

¹⁵⁷ "Repressão"

no

original.

Para o comentador sueco, o desenvolvimento de uma teoria sobre a sexualidade só se sucederia em 1905, com os "*Três Ensaios*". Uma consequência da falta desse aporte teórico era visto também no sentido de que talvez a mais impressionante característica da explicação fosse algo negativo. "Apesar de todas as suas referências ao período infantil, apesar de todas as suas referências à sexualidade, uma coisa que Freud omitiu totalmente foi a sexualidade infantil" (WOLLHEIM, 1971, p. 39), sendo inclusive possível expressar este ponto ao se dizer que Freud tentou bloquear a estrada para a sexualidade infantil mediante o recurso a uma hipótese deveras escandalosa sobre a vida de família da burguesia vienense (WOLLHEIM, 1971, p. 40).

Havia ainda o eco destas incertezas todas na dimensão clínica do trabalho de Freud, especificamente sobre a "impossibilidade de levar até ao fim suas análises, quer dizer, até ao evento patogênico inicial; mesmo nas psicoses mais profundas - aquelas em que o inconsciente parece mais acessível - a palavra do enigma não é liberada." (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 36). Ademais a isso, o que verdadeiramente importa é o fato de que "não existe no inconsciente nenhum indício de realidade, de modo que é impossível distinguir a verdade da ficção investida de afeto." (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 36).

Por fim, a incongruência do arranjo teórico somada ao aspecto infrutífero do método terapêutico resultava na impossibilidade de que a primeira experiência sexual da criança tivesse sido acompanhada de prazer, tanto porque a sedução pressupõe uma violência por parte do adulto que a realiza quanto pelo pressuposto de que, inexistindo a sexualidade infantil, a criança não pudesse viver com prazer a irritação dos seus órgãos genitais (MEZAN, 2013, p. 58). Assim, novamente a dúvida sobre "como poderia ser uma recordação mais investida de energia do que a experiência da qual se origina?" (MEZAN, 2013, p. 61), se impõe, e

A teoria da defesa [...] em nada auxilia a solução da questão, já que, em primeiro lugar, era preciso que o eu¹⁵⁸ estivesse formado e que uma 'ideia' incompatível se apresentasse, para que o conflito defensivo pudesse ocorrer; e, em segundo lugar, a defesa deveria fracassar, pois caso contrário a neurose, posteriormente, não poderia se produzir. Assim, tornava-se necessário explicar de onde se originava tal ideia intolerável - ao que a teoria da sedução respondia: ela consiste na recordação do trauma sexual - e ao mesmo tempo dar conta da formação do eu, do mecanismo da defesa e dos motivos do seu fracasso." (MEZAN, 2013, p. 61)¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Nesta e em todas as demais vezes em que aparece o termo "eu", no original encontra-se "ego".

¹⁵⁹ Como referido em notas anteriores, Mezan realiza uma investigação bastante calcada ao "*Projeto*", e neste sentido, cabe mencionar que "a hipótese biológica não é passível de explicação nos termos mecânicos que deveriam validá-la.

Fica patente então que a explicação via atraso já não serviria como hipótese explicativa, pois o aumento da tensão sexual não pode dar conta do prazer envolvido em tais recordações. "Então, das duas uma: ou o trauma geraria prazer, o que é absurdo, ou a recordação do trauma, através de vias extremamente complicadas, também acabaria por gerar prazer, o que é igualmente absurdo." (MEZAN, 2013, p. 63). Em vista disto, é nosso intuito simplesmente apontar alguns pontos mais críticos e visíveis em que a teoria da sedução não dá conta de sua tarefa maior - explicar a etiologia neurótica e como se origina um método terapêutico eficaz. Inexiste aqui evidentemente a finalidade de exigir de Freud o que somente o tempo, a investigação e o trabalho rigoroso lhe trouxeram. Atentemo-nos, de forma também breve, a umas poucas, porém expressivas marcas deixadas pela teoria da sedução, algumas das quais prontamente integradas ou solucionadas com os textos de 1898 a 1900, e outras que só o passar dos anos pôde diluir no pensamento do psicanalista.

3. O que fica da 'sedução'

É importante pontuar que "a sedução foi pensada, relegada e retomada. Mas seguramente não foi retomada em sua forma original" (MONZANI, 1989, p. 52). Neste contexto, Freud intenta estabelecer uma relação intrínseca entre o recalque e a sexualidade, daí a decomposição do 'traumatismo' em dois tempos: o traumatismo psíquico só é concebível como oriundo de algo já existente, "a reminiscência da primeira cena" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 31-32). Se a sedução recupera terreno, é porque a busca do evento originário redundou num impasse (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988, p. 37), no qual a perspectiva constitutiva é reabilitada. Assim, o que se alcança é a "descrição de uma sexualidade infantil espontânea, de desenvolvimento essencialmente endógeno." (LAPLANCHE E PONTALIS, 1988, p. 38), o que privilegia a compreensão do desenvolvimento sexual infantil em sua dimensão interna.

Contudo, seria inteiramente errôneo menosprezar os méritos específicos da chamada 'teoria da sedução'. Em primeiro lugar, ela insistiu em que os sintomas devem ser atribuídos a eventos pretéritos [...]. Em segundo lugar, a teoria forneceu uma resposta à questão que sempre intrigara Freud: por que é que as ideias com um conteúdo sexual são consideradas 'incompatíveis' e acabam recalçadas¹⁶⁰? Por

Mas tampouco se sustenta em termos psicofisiológicos." (MEZAN, 2013, p. 62), o que ajuda a dimensionar mais um âmbito em que a etiologia de Freud à época se mostrava insuficiente.

¹⁶⁰ "Reprimidas" no original.

que é que a sexualidade não seria desfrutada, simplesmente, pelo menos na medida em que a maturidade da pessoa o permitia? E a resposta dada é em termos de uma discrepância na excitação entre o evento original, que pouco significa para a criança, e a recordação, para a qual o adolescente não está preparado e à qual reage, portanto, de um modo anormal ou patológico. (WOLLHEIM, 1971, p. 40-41).

Logo, tem-se condições de entender a teoria da sedução como um marco teórico que opera em duplo sentido: em um primeiro, em termos de superação, como condição mesma da guinada a outro arranjo explicativo, em se tratando daquilo que nela havia de insuficiente e precisaria ser repensado; no segundo, em relação àquilo que nela há de perspicaz, de duradouro, e que, apesar de suas novas conformações, merece ser preservado em modelos vindouros do pensamento de Freud. "Mais tarde, quando a hipótese da sedução tiver sido abandonada, a noção de 'cena' permanecerá no pensamento freudiano: o sonho tem por lugar uma outra 'cena', a fantasia é o cenário do desejo [...]." (MEZAN, 2013, p. 48, nota 70) e se lembrarmos da "hipótese filogenética" do artigo encontrado de 1915, há ainda a cena primeva, em que a espécie é predisposta ao adoecimento neurótico.

[...] a teoria da sedução era o ponto a partir do qual, com a introdução dos fatores externos, se podia escapar aos pressupostos da psiquiatria clássica, isto é, o determinismo organicista. Isso quer dizer que duas coisas foram perdidas com o relegar da sedução: 1) a noção de *cena primária* (da qual a sedução é apenas um dos casos), isto é, de um acontecimento concreto, enraizado na realidade [...]; 2) daí, por consequência, perde-se também a possibilidade de religar a gênese dos sintomas a uma interação em que tanto os fatores internos (que Freud nunca irá negar) quanto os fatores externos são igualmente importantes. E conferir um papel privilegiado à fantasia não fez outra coisa que produzir esse desequilíbrio. Por isso mesmo a noção de sedução, ou melhor, generalizando, a noção de cena primária, é fundamental. Sem ela, a teoria não encontra seu ponto de equilíbrio. (MONZANI, 1989, p. 49. Grifos do autor.).

Como aponta Monzani, somente mais tarde Freud colocará as coisas em seus devidos lugares (MONZANI, 1989, p. 49). O próprio passo seguinte em direção à fantasia não pode ser feito de forma completamente independente dessa ideia de cena que tem em si a faceta real, material da vivência, já que mesmo nela há a necessidade de um "grão de realidade":

[...] fantasias, cenas, sintomas, não nascem nem se constituem como uma pura expressão das pulsões. [...] se durante longo tempo, exatamente por relegar a

teoria da sedução, a origem da fantasia fica obscura, mais tarde Freud retoma uma concepção dela que, em essência, é a mesma que sustentava no período anterior e que supõe, em última análise, a realidade da cena primária. (MONZANI, 1989, p. 50).

Portanto, há fortes indícios de que Freud não abandonou totalmente o esquema da sedução. “O que é mais sugestivo é que, com o decorrer do tempo, Freud vai progressivamente alargando o papel da sedução” (MONZANI, 1989, p. 50-51). A ocorrência de uma cena primordial, dada na história filogenética, é indicativo de que esta ideia nunca sumiu verdadeiramente do pensamento científico do autor, e é fato que a teoria da sedução não foi retomada na sua forma original (MONZANI, 1989, p. 52), já que a descoberta da sexualidade infantil, da fantasia e de outras ocorrências psíquicas mudam completamente a condição de possibilidade teórica para inserção dela. A cena "real" passa a ser mais entendida como podendo efetuar-se também "num gesto, numa carícia, num pequeno atrito entre o corpo da mãe e o corpo da criança" (MONZANI, 1989, p. 52), no caso da experiência individual.

Com o exame dos textos de 1896, esperamos ter demonstrado que:

- a) Apesar de se tratar de um único ano da produção científica de Freud, falamos de um período fundamental para compreender as nuances através das quais se consolida seu pensamento científico, especificamente em torno do problema da disposição ao adoecimento. Suas teses anteriores sobre a etiologia exógena e portanto sobre a disposição via acidente encontram-se aqui amalgamadas: a etiologia histórica encontra-se sob a égide da passividade, e a obsessiva sob a da atividade.
- b) A sexualidade é proeminente e *sina qua non* para o adoecimento anímico - o trauma deve ocorrer e ser reavivado, pois esta irrompe em um momento biológico mais ou menos determinado na vida do indivíduo. As ideias de cunho sexual geram excitação nos órgãos genitais tal qual uma vivência de tal natureza, e a lembrança dessa ocorrência deve ter mais intensidade que o viver mesmo;
- c) A ideia de defesa é substituída pela de recalque, de modo que as ideias de cunho sexual são seu alvo privilegiado. Aos elementos predisponentes que agem quando da apresentação de conteúdo inconciliável soma-se o evento traumático, determinante quanto ao desenvolvimento patógeno;
- d) As reminiscências das quais sofriam os histéricos são repensadas enquanto lembranças evocadas por vivências correlatas ao momento da aquisição mnêmica, sem que o eu consciente tome nota de qualquer parte deste processo. No entanto, mesmo com os avanços e o desenvolvimento das teses

cunhadas por Freud desde 1892-1893, "o edifício todo vem abaixo", e a insuficiência do atraso implícito ao acontecimento traumático em dois momentos, bem como a infrutífera insistência no desvelamento da cena real de sedução combinam-se enquanto pontos determinantes à necessidade de criação de um arranjo etiológico outro, o qual, para Freud, significou um retorno à tese endógena, sem que com isso uma ressurreição do hereditarismo de Charcot fosse realizada. Pela segunda vez na década, Freud oscila quanto à disposição: em 1892-1893, do hereditário ao acidental. Agora, em 1896, do puramente traumático à constituição não exclusivamente herdada.

CAPÍTULO IV: OS SONHOS E A FANTASIA

“A natureza deu-nos um espírito curioso e consciente de sua perícia e beleza; criou-nos para a contemplação desses grandes espetáculos.”

*Sêneca*¹⁶¹

“Dessa forma, dependo de meus próprios sonhos como de um material abundante e cômodo que provém de uma pessoa mais ou menos normal [...]”

*Sigmund Freud*¹⁶²

Nos capítulos anteriores demonstramos as variações no pensamento de Freud quanto ao problema da disposição à neurose, especificamente através do exame de textos centrais da primeira metade de 1890. Em 1896, a “teoria da sedução” ganha espaço em suas elaborações teóricas, e em 1897 a “carta 69” não deixa espaço para dúvidas quanto à realidade da cena primordial em que se daria o abuso sexual: “não acredito mais em minha neurótica”. A partir deste ano, portanto, nosso autor viu-se obrigado a retomar postulados explicativos que tivessem em conta a determinação endógena para o adoecimento psíquico, sem no entanto reavivar o “hereditarismo” de Charcot. No presente capítulo discorreremos sobre o modo através do qual a ascensão de uma “teoria da fantasia” realiza tal feito, primeiramente, ao destacar a noção de uma dinâmica psíquica que tem seus contornos e força própria para determinar a condição patológica anímica, implicada pelo modo como as fantasias modificam as lembranças. Em seguida, apresentaremos alguns elementos dos textos de Freud à época que já apontavam para um crescente interesse por parte do autor quanto a lançar mão de recursos argumentativos que acenam para acontecimentos do passado primitivo e arcaico da espécie, que ora auxiliam-no em suas explicações e ora corroboram seus resultados, para enfim fecharmos nosso “arco investigativo” mediante o retorno a 1915, a partir do qual examinaremos o modo como os problemas enfrentados pelo psicanalista na última década do século XIX ainda alicerçavam certezas e inquietações no ano referido, com especial atenção aos

¹⁶¹ In: **Da tranquilidade da alma**. Trad.: Lúcia Sá Rebello: Porto Alegre, L&PM Editores, 2009, p. 24.

¹⁶² In: **A interpretação dos sonhos**. Trad.: Renato Zwick: Porto Alegre, L&PM Editores, 2013, p. 126.

capítulos finais das “*Conferências introdutórias*”. Isto feito, esperamos sustentar nossa hipótese inicial, qual seja, que o nascimento da psicanálise, tomado enquanto “passagem” da teoria da sedução à da fantasia, é também o momento no qual emerge o campo de inteligibilidade para se falar em uma “hipótese filogenética”.

1. Os novos rumos teóricos

Atentemo-nos ao excerto seguinte, encontrado no texto “*Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*”, de 1906, no qual encontramos um valioso comentário de Freud sobre a segunda metade da década de 1890:

O material ainda limitado de então tinha-me proporcionado [...] um número desproporcionalmente grande de casos em que a sedução por adultos ou outras crianças mais velhas desempenhava o papel principal na história infantil. Superestimei a frequência destes acontecimentos [...], tanto mais que, àquela altura, não sabia distinguir com certeza entre as ilusões mnêmicas dos histéricos acerca da sua infância e os vestígios dos fatos reais. Desde então, aprendi, em vez disso, a resolver muitas fantasias de sedução, considerando-as como tentativas de defender-se da memória da própria prática sexual (masturbação infantil). Ao obter-se este esclarecimento, caiu por terra a insistência no elemento traumático; ficou em pé a seguinte intelecção: a prática sexual infantil (seja espontânea ou provocada) marca a direção para onde seguirá a vida sexual após a maturidade. Este esclarecimento, que corrigia aliás o mais importante dos meus erros iniciais, não podia deixar de alterar também a concepção do mecanismo dos sintomas histéricos. Já não apareciam mais como rebentos diretos das lembranças reprimidas de vivências sexuais infantis, mas sim, entre os sintomas e as impressões infantis, se intercalavam as fantasias (invenções de lembranças) dos doentes, quase sempre produzidas nos anos da puberdade. Estas eram construídas, por um lado, a partir das memórias infantis, ultrapassando-as, e, por outro, eram transmitidas diretamente aos sintomas. Só ao introduzir-se o elemento das fantasias histéricas se fizeram transparentes a montagem da neurose e seu vínculo com a vida dos enfermos; e se obteve também uma analogia realmente surpreendente entre estas fantasias inconscientes dos histéricos e as invenções que na paranoia se tornavam conscientes na qualidade de delírio [...]. Ao cair por terra a suposta frequência da sedução na infância, o mesmo se deu com a exagerada insistência nos influxos acidentais que afetavam a sexualidade. Mesmo sem desconhecer os fatores constitucionais e hereditários, eu havia pretendido atribuir a eles o papel principal na causação da doença. Até havia esperado resolver o problema da escolha de neurose (a decisão sobre a forma de psicose que contrairia o enfermo) pelas particularidades das vivências sexuais infantis. E, embora com reservas, acreditava então que a conduta passiva frente a essas cenas proporcionava a disposição específica à histeria, enquanto que a conduta ativa dava por resultado a da neurose obsessiva. Mais tarde, tive que renunciar totalmente a esta concepção [...]. À medida que as influências acidentais da experiência cederam, os fatores de

constituição e herança reafirmaram sua primazia. Mas com uma diferença quanto à concepção dominante em minha doutrina: a constituição sexual substituiu a disposição neuropática geral. (FREUD, 1906/1992, pp. 266-267)¹⁶³

A passagem em questão traz, além de um comentário muito esclarecedor de Freud sobre o que se deu em seu próprio trabalho teórico nos entornos de 1900, um interessante balanço sobre uma significativa crise em seu pensamento, à época sobre a qual fala. No excerto, percebe-se a tomada de consciência pela qual o autor passa quanto à problemática da realidade no relato de seus pacientes, de modo que compreender que o fato da sedução não era mais que efeito de fantasias, construídas com base em vivências sexuais infantis, o permitiu perceber que é da lembrança do ato autoerótico que tais fantasias tentam defender o indivíduo adoecido. Tais fantasias, então tomadas em lugar do trauma na nova conformação etiológica sobre o adoecimento neurótico, seriam elementares para essa que é a expressão máxima da patologia - o sintoma. Interessa-nos sobremaneira o modo como o conceito de “fantasia” é evocado. Configuraria um trabalho à parte traçar a genealogia exata do conceito, e atentar-nos-emos aqui, por isto, exclusivamente a pontos específicos de textos em que Freud adianta sua apresentação ou dá indícios do que seria a fantasia. Já em 1895, nos *“Estudos sobre a histeria”*, encontramos que: "Se se perscrutar criticamente a

¹⁶³ “El material todavía limitado de entonces me había aportado [...] un número desproporcionadamente grande de casos en que la seducción por adultos u otros niños mayores desempeñaba el papel principal en la historia infantil. Sobreestimé la frecuencia de estos sucesos [...], tanto más cuanto que a la sazón yo no sabía distinguir con certeza entre los espejismos mnémicos de los histéricos acerca de su infancia y las huellas de los hechos reales; desde entonces he aprendido, en cambio, a resolver muchas fantasías de seducción considerándolas como unos intentos por defenderse del recuerdo de la propia práctica sexual (masturbación infantil). Al obtenerse este esclarecimiento, cayó por tierra la insistencia en el elemento traumático; quedó en pie la siguiente intelección: La práctica sexual infantil (sea espontánea o provocada) marca la dirección que seguirá la vida sexual tras la madurez. Este esclarecimiento, que corregía por cierto el más importante de mis errores iniciales, no podía menos que alterar también la concepción del mecanismo de los síntomas histéricos. Ya no aparecían más como retoños directos de los recuerdos reprimidos de vivencias sexuales infantiles, sino que entre los síntomas y las impresiones infantiles se intercalaban las fantasías (invenciones de recuerdos) de los enfermos, casi siempre producidas en los años de la pubertad. Estas se construían, por un lado, a partir de los recuerdos infantiles, rebasándolos, y por el otro se trasponían directamente en los síntomas. Sólo al introducirse el elemento de las fantasías histéricas se hicieron transparentes la ensambladura de la neurosis y su vínculo con la vida de los enfermos; y se obtuvo también una analogía realmente sorprendente entre estas fantasías inconcientes de los histéricos y las invenciones que en la paranoia devenían concientes en calidad de delirio [...]. Al caer por tierra la supuesta frecuencia de la seducción en la niñez, corrió la misma suerte la exagerada insistencia en los influjos accidentales que afectaban la sexualidad. Aun sin desconocer los factores constitucionales y hereditarios, yo había pretendido atribuir a aquellos el papel principal en la causación de la enfermedad. Hasta había esperado resolver el problema de la elección de neurosis (la decisión acerca de la forma de psiconeurosis que contraería el enfermo) por las particularidades de las vivencias sexuales infantiles. Y, si bien con reservas, creía entonces que la conducta pasiva frente a esas escenas proporcionaba la disposición específica a la histeria, mientras que la conducta activa daba por resultado la de la neurosis obsesiva. Más tarde debí renunciar totalmente a esta concepción [...]. Al ceder terreno los influjos accidentales del vivenciar, los factores de la constitución y de la herencia reafirmaron su primacía. Pero con una diferencia respecto de la concepción dominante en mi doctrina, la constitución sexual reemplazó a la disposición neuropática general” (in.: FREUD, S. **Obras Completas, v. VII**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 266-267)

exposição que se recebeu do doente sem grande trabalho nem resistência, descobrir-se-ão nela, infalivelmente, lacunas e falhas. Aqui é visível que o nexa se quebrou e o doente o completa como pode [...] com um expediente insatisfatório” (FREUD, 1895/1991, p. 298)¹⁶⁴. Tomada a indicação do excerto, Freud parecia ter apenas uma percepção incipiente sobre como, em vista da mecânica psíquica, a complementação dos relatos de seus pacientes se dava. No entanto, ainda assim é importante frisar que se a fantasia é alçada a um dos conceitos mais fundamentais da psicanálise, isto é certamente efeito de anos de elaboração teórica. É em maio de 1897, nas cartas enviadas a Fließ, que encontramos os primeiros indicativos mais sólidos das elucubrações do psicanalista quanto à questão. Nos referimos aos “*Manuscritos*” “L”, “M” e “N”.

No primeiro destes, anexo à carta de 02/05/1897, intitulado “*A arquitetura da histeria*”, encontramos que “as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações” (FREUD, 1897/1986, p. 241), quais sejam, recordações de cenas sexuais mais primitivas [*Urszenen*]. Um dos objetivos das fantasias seria portanto aperfeiçoar as lembranças, e estas seriam fabricadas “por meio de coisas ouvidas e das usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa” (FREUD, 1897/1986, p. 241). Já aqui está presente a ideia de que a fantasia não pode ser pensada em absoluto sem “um grão de realidade”, além de haver um claro aceno à vinculação da fantasia com as vivências familiares passadas¹⁶⁵. Outra afirmação extremamente importante do rascunho é que seria possível “acompanhar a trajetória, a época e o material da formação das fantasias, que então se assemelham estreitamente à formação dos sonhos” (FREUD, 1897/1986, p. 243). Em meio a estas reflexões admite Freud, na carta de 16/05/1897, que estava sempre voltando às neuroses e ao aparelho Ψ (psíquico), o que se dá concomitantemente à “obscura expectativa de que logo surgirá alguma coisa de essencial” (FREUD, 1897/1986, p. 244). Em 25/05/1897, perante um “surto de ideias”, o autor então apresenta o “*Rascunho M*”, em que explicita ao amigo berlinense o modo como se formam as fantasias:

¹⁶⁴ “Si se escruta con ojo crítico la exposición que se ha recibido del enfermo sin gran trabajo ni resistencia, se descubrirán en ella, infaliblemente, lagunas y fallas. Aquí es visible que el nexa se ha roto y el enfermo lo completa como puede [...] con un expediente insatisfactorio.” (in.: FREUD, S. **Obras Completas**, v. II. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 298)

¹⁶⁵ Este ponto é particularmente curioso se lembrarmos que Freud era crítico das teses que afirmavam existir uma família neuropática. É difícil dizer exatamente o que significa esta alusão, mas faz pensar sobre de que modo a hipótese filogenética, por exemplo, oferece uma saída contemplativa da transmissão de caracteres via gerações familiares sem que seja necessário recorrer à ideia da degenerescência familiar.

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. E isso porque o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da lembrança por fragmentação, na qual precisamente as relações cronológicas é que são negligenciadas. (As correções cronológicas parecem depender especificamente da atividade do sistema da consciência). Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa. Assim, a conexão original torna-se impossível de rastrear [...]. Quando, nessas circunstâncias, a intensidade de uma dessas fantasias aumenta a tal ponto que ela é obrigada a forçar sua entrada na consciência, a fantasia é submetida ao recalçamento e um sintoma é gerado, através de um processo que rechaçará¹⁶⁶ a fantasia para as lembranças que a constituíram. Todos os sintomas de angústia (fobias) são assim derivados das fantasias. (FREUD, 1897/1986, p. 248)

Isto dito, as fantasias eram para Freud a combinação de elementos percebidos pelos sentidos, que de algum modo encobriam lembranças de onde emergiriam a expressão psicopatológica de cada quadro. Teriam comportamento análogo a de um composto químico, e contariam essencialmente com a desorganização de relações cronológicas da vida daquele que adocece. Seria então sua entrada no sistema consciente, diante de um processo de intensificação, que provocaria recalçamento e subsequente formação sintomática. As cenas destas recordações estariam “dispostas em ordem crescente de resistência; as mais levemente recalçadas vêm à tona primeiro, mas só de maneira incompleta por causa de sua associação com as que foram intensamente recalçadas” (FREUD, 1897/1986, p. 247), descrição que em muito se assemelha ao desenho do grupo patógeno apresentado nos “*Estudos*” sinalizado anteriormente. Desta maneira, o trabalho analítico desceria em volteios, primeiro, até as cenas ou suas imediações; depois, de um sintoma até um ponto um pouco mais profundo, e depois, de um sintoma até um ponto ainda mais profundo. “Visto que a maioria das cenas combina-se nuns poucos sintomas, nossa trajetória faz voltas repetidas pelos pensamentos que estão por trás dos mesmos sintomas” (FREUD, 1897/1986,

¹⁶⁶ Para esclarecimento do termo usado, reproduzimos a nota da tradutora Vera Ribeiro: “*Rückdrangung*, vocábulo não encontrado nos dicionários, foi uma palavra formada por Freud por analogia com *Verdrängung*, mas implicando um movimento retroativo. Assim, também poderia ser interpretada como implicação de que o sintoma é gerado por meio de uma regressão ou retrogradação em que a fantasia se dissolve em seus elementos constitutivos.” (in.: **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.)

p.247). Haveria, além de um recalçamento entre pré-consciente e inconsciente, um recalçamento “normal”, que ocorreria dentro deste último sistema (FREUD, 1897/1986, p. 249).

Por fim, o “*Rascunho N*” traz valiosas informações sobre os impulsos [*Impulse*]¹⁶⁷:

Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também um elemento integrante das neuroses. Eles vêm à luz, conscientemente, como ideias obsessivas. Na paranóia, o pior aspecto dos delírios de perseguição (desconfiança patológica dos governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos hostis contra os pais. Esses impulsos são recalçados nos períodos em que desperta a compaixão pelos pais — nas épocas de doença ou morte deles. Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto recriminar-se pela morte deles (a chamada melancolia) ou punir-se histericamente, por meio da ideia de retaliação, com os mesmos estados de doença que eles tiveram. (FREUD, 1897/1986, p.251)

Somam-se assim os impulsos às fantasias, no quadro nosográfico epistolar que o psicanalista partilha com o amigo alemão. Para fecharmos tal quadro, presente nesses importantíssimos rascunhos, resta somente mencionar que a primeira motivação para a formação de sintomas é, cronologicamente, a libido. “Portanto, os sintomas, tal como os sonhos, são a realização de um desejo. Em fases posteriores, a defesa contra a libido também se aloja no lcs. A realização de desejos precisa satisfazer os requisitos dessa defesa inconsciente.” (FREUD, 1897/1986, p. 252). Fantasias que encobrem lembranças de cunho sexual da infância, impulsos hostis que impõem ao psiquismo a necessidade de serem manejados, e por fim uma dinâmica libidinal que implica reações defensivas: eis as reflexões que nosso autor partilha com seu mais íntimo colaborador científico na segunda metade da década de 1890, poucos meses antes de externar, em setembro do mesmo ano, a insatisfação com “sua neurótica”.

De fato, através do desenvolvimento da noção de fantasia, um conceito extremamente complexo é construído, onde “o desejo e a realidade estão presentes. A sedução é condição da fantasia que, por sua vez, a condiciona.” (MONZANI, 1989, p. 54). Com a carta 66, de 7/7/1897 (FREUD, 1897/1986, pp. 255-257), tem início a autoanálise de Freud (MEZAN, 2013, p. 60)¹⁶⁸, e em

¹⁶⁷ In: **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902**. Imago Pub. Co., London, 1950, p. 221

¹⁶⁸ “[...] a autoanálise, que efetuo, por assim dizer, mediante a publicação do livro sobre os sonhos, que na realidade foi tão embaraçosa para mim que adiei por mais de um ano a publicação do manuscrito pronto.” (FREUD, 1900/2013, p. 503). De acordo com nosso autor, “*A interpretação dos sonhos*” seria a publicação dos resultados de sua autoanálise.

setembro vem à tona a carta 69, de 21/09/1897. "Toda a carta, sem dúvida, se encaminha nessa dupla linha: o fracasso da teoria da sedução e [...] o que Freud daí conclui." (MONZANI, 1989, p. 43). Ainda de acordo com Monzani, haveria na redação desta uma "volta ao velho determinismo organicista da psiquiatria clássica" (MONZANI, 1989, p. 46), com a distinção de que a disposição neurótica geral é pelo psicanalista traduzida como constituição sexual. Quanto aos fracassos daquele momento, quatro são enumerados pelo remetente da carta: primeiro, a falta de resultados plenos, com os quais Freud contava, e a inexistência de uma possibilidade de explicar os resultados parciais de outra maneira que não a habitual (FREUD, 1897/2016, p. 47); a universalidade da perversão paterna, incluída a do próprio pai do psicanalista (FREUD, 1897/2016, p. 48); "a constatação segura de que não há signo de realidade [*Realitätszeichen*] no inconsciente, de forma que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção investida com o afeto. (Assim, restaria a solução de que a fantasia sexual se apodera regularmente do tema dos pais)." (FREUD, 1897/2016, p. 48); e por fim, que nem na psicose mais profunda a lembrança inconsciente viria à tona, de modo que nem em delírios muito confusos o segredo das vivências juvenis poderia ser revelado. "Se vemos, então, que o inconsciente jamais supera a resistência do consciente, diminui também a expectativa de que no tratamento [*Kur*] possa acontecer o inverso, até a completa domesticação [*Bändigung*] do inconsciente pelo consciente" (FREUD, 1897/2016, p. 48). Todas as razões dadas pelo autor são suficientes para entender que a crise que enfrentava tinha profundidade teórica, e por isso demandava a inserção de novos conceitos e arranjos explicativos. Especialmente importante para nosso estudo é a impressão de que pareceria novamente discutível que "somente as vivências posteriores deem ensejo a fantasias que remontam à infância, e, com isso, o fator da disposição hereditária recupera um âmbito de poder do qual eu havia me proposto a removê-lo [*zu verdrängen*] - no interesse do esclarecimento da neurose." (FREUD, 1897/2016, p. 48).

Em suma, diz Monzani, a partir de ano de 1897, seja em consequência da descoberta de que a sedução é uma fantasia, seja em consequência da autoanálise que põe a claro a sexualidade infantil e sua incompatibilidade com a sedução, "Freud abandona a teoria da sedução, minimiza mas não nega o fato da sedução e aceita o papel preponderante da fantasia na explicação da etiologia dos sintomas. Tudo isso é discutível." (MONZANI, 19889, p. 45). De fato, a importância conceitual da recordação da cena traumática fica cada vez menos patente nos escritos. O trabalho imperioso da fantasia leva ao borramento da certeza sobre a materialidade da cena específica, plasticamente nítida, e tudo que restaria seria desvelar os sentidos implicados por esse trabalho de infiltração, de contaminação, próprio ao modo como Freud entendia que as fantasias se apossavam das

lembranças. Os textos de 1898 e 1899 enfatizam a necessidade de compreender como fantasia, sintoma psiconeurótico e funcionamento psíquico se entrelaçam.

1.2 - As publicações de 1898 e 1899

Em 1898 Freud publica “*A sexualidade na etiologia das neuroses*”, onde a retomada da tese da etiologia sexual psiconeurótica com raízes na infância (FREUD, 1898/1992, p. 261)¹⁶⁹ serve de ponto de partida para entendermos de que modo o autor passa a compreender o irromper psicopatológico à época. O lugar das causas sexuais é reafirmado como apoio à ação terapêutica, em contraponto à herança, que, apesar de ser sem dúvida um fator substantivo toda vez que está presente (pois permite que ocorra um grande efeito patológico onde normalmente se produziria um muito leve), é inacessível ao médico e não pode ser modificada (FREUD, 1898/1992, p. 264)¹⁷⁰. Para nossos interesses, o ponto central do texto emana do questionamento de Freud quanto à ideia de que a doença anímica surge simplesmente da conjugação entre disposição neuropática e causas ocasionadoras, por existir entre ambas algo de enorme valor: a infância. Seria nela onde o futuro doente adquiriria os “germes” da vindoura afecção. A causa eficiente das psiconeuroses estaria portanto nas impressões que afetam a vida sexual da criança, de modo que seria completamente equivocado ignorá-las. “Até onde alcança minha experiência”, diz Freud, as crianças “são capazes de todas as operações sexuais psíquicas, e de muitas somáticas. Assim como não é verdade que os genitais externos e ambas as glândulas sexuais constituem todo o aparelho sexual do ser humano, tampouco sua vida sexual começa só com a puberdade.” (FREUD, 1898/1992, pp. 272)¹⁷¹. A causa eficiente do adoecimento continua sendo, tal como em 1896, o que se dá em termos sexuais e infantis. A diferença, extremamente crítica, é que a sexualidade já existe psiquicamente de forma plena na infância, não sendo redutível à genitalidade orgânica.

¹⁶⁹ “[...] hay una etiología sexual en todos los casos de neurosis, [...], y en las psiconeurosis son factores de naturaleza infantil [...]” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 261).

¹⁷⁰ “Las causas sexuales son también las que más asidero ofrecen al médico para su acción terapéutica. La herencia es sin duda un factor sustantivo toda vez que está presente; permite que sobrevenga un gran efecto patológico donde de ordinario se produciría uno muy leve. Pero la herencia es inasequible al influjo médico [...] y nada se puede modificar en ello.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 264).

¹⁷¹ “Hasta donde alcanza mi experiencia, ellos son capaces de todas las operaciones sexuales psíquicas, y de muchas somáticas. Así como no es cierto que los genitales exteriores y ambas glándulas genésicas constituyen todo el aparato sexual del ser humano, tampoco su vida sexual empieza sólo con la pubertad [...]” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 272).

Isto posto, Freud torna ao “*nachträglich*”/efeito atrasado para explicar por que o efeito patogênico não se apresenta integralmente quando o futuro doente é ainda uma criança, o que faz de maneira distinta de 1896: tal efeito tiraria das marcas psíquicas das vivências sexuais precoces aforça para a irrupção neurótica, pois “entre vivenciar estas impressões e a sua reprodução (ou melhor, o reforço dos impulsos libidinosos que parte daquelas), não só o aparelho sexual somático mas também o aparelho psíquico experimentou uma substantiva transformação” (FREUD, 1898/1992, p. 273)¹⁷², e, por isso, à ingerência dessas experiências sexuais pregressas segue-se agora uma reação psíquica anormal: geram-se formações psicopatológicas (FREUD, 1898/1992, p. 273)¹⁷³. Os principais fatores então de que dependeriam a etiologia psiconeurótica seriam: do efeito retardado [*Nachträglichkeit*], do estado infantil do aparato sexual [*infantilen Zustand des Geschlechtsapparates*] e do instrumento anímico [*Seeleninstrumentes*] (FREUD, 1898/1952, p. 511)¹⁷⁴. Como se vê, alguns aportes teóricos são preservados por Freud em 1898, com ligeiras, porém fundamentais modificações: a infância é então embebida na sexualidade psíquica, e a introdução dos impulsos - psiquicamente representáveis e reforçados por memórias sexuais da infância - combinam-se às variações sofridas pelo aparato psíquico na formação das neuroses. É aqui que nosso autor externa pela primeira vez numa publicação que “o sonho pertence à mesma série de formações psicopatológicas que a ideia fixa histérica, a representação obsessiva e a ideia delirante” (FREUD, 1898/1992, p. 273)¹⁷⁵, convicção demarcadora de seu trabalho investigativo à época e vindouro.

O outro texto de 1898, “*Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento*”, é onde Freud traz para primeiro plano a observação de que, quando uma recordação é recalcada, frequentemente “emerge na consciência, com incomum vivacidade, a imagem de algo insignificante ou irrelevante, que não é a lembrança recalcada mesma, mas algo intimamente ligado a ela.” (STRACHEY, 1992, p.

¹⁷² “En el intervalo entre vivenciar estas impresiones y su reproducción (o, más bien, el reforzarse los impulsos libidinosos que de aquellas parte), no sólo el aparato sexual somático sino también el aparato psíquico ha experimentado una sustantiva plasmación.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 273).

¹⁷³ “[...] y por eso a la injerencia de esas vivencias sexuales tempranas sigue ahora una reacción psíquica anormal: se generan formaciones psicopatológicas. (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 273).

¹⁷⁴ “[...] die Hauptmomente [...], auf welche sich die Theorie der Psychoneurosen stützt: die Nachträglichkeit, den infantilen Zustand des Geschlechtsapparates und des Seeleninstrumentes.” (in: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co, London, 1952, p. 511.).

¹⁷⁵ “[...] el sueño pertenece a la misma serie de formaciones psicopatológicas que la idea fija histérica, la representación obsesiva y la idea delirante.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 273).

282)¹⁷⁶. Para tanto a ideia de representações intermediárias entre o recalcado e o tema que emerge no lugar deste é introduzida, e interessa-nos sobremaneira o vínculo do esquecimento ao sintoma psiconeurótico: ao comentar uma de suas vivências, em que não consegue se recordar de nomes próprios e em seu lugar pensa em sílabas de palavras que o levam ao motivo do recalçamento, diz-nos Freud:

[...] o exemplo aqui elucidado ganha muitíssimo em interesse quando se descobre que é possível considerá-lo diretamente como modelo dos processos patológicos a que devem sua gênese os sintomas psíquicos das psicose - histeria, representar obsessivo e paranoia-. Aqui como nestes há os mesmos elementos e idêntico jogo de forças. Da mesma forma, e por meio de associações de semelhante superficialidade, uma ilação de pensamento recalçada se apodera na neurose de uma impressão recente inofensiva, e a atrai para baixo, junto a ela, ao recalçamento. (FREUD, 1898/1992, p. 286).¹⁷⁷¹⁷⁸

Assim, o mesmo mecanismo que governa a troca de sílabas, que o faz por meio da "substituição por representações intermediárias ou de compromisso, governa também a formação dos pensamentos obsessivos e das miragens paranoicas" (FREUD, 1898/1992, p. 286)¹⁷⁹, já que nas duas situações existe um material inconsciente velado, e que, apesar de oculto, se apresenta através da vinculação com percepções e representações oriundas de vivências recentes, as quais são tomadas por indiferentes, de maneira que a censura imposta a conteúdos recalcados seja driblada. Este é possivelmente um dos melhores exemplos que o psicanalista oferece para demonstrar a ação normal ou não patológica do recalçamento, através da interpretação de um caso cotidiano de

¹⁷⁶ Freud pone en primer plano aquí la observación de que, cuando un recuerdo ha sido reprimido, a menudo emerge en la conciencia, con inusual vivez, la imagen de algo nimio o irrelevante que nos es el recuerdo reprimido mismo pero está estrechamente conectado con él. (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 282).

¹⁷⁷ “[...] el ejemplo aquí elucidado gana muchísimo en interés cuando uno se entera de que es posible considerarlo directamente como un modelo de los procesos patológicos a que deben su génesis los síntomas psíquicos de las psicosis - histeria, representar obsesivo y paranoia-. Aquí como allí hay, los mismos elementos, e idêntico juego de fuerzas entre estos. De igual manera, y por medio de unas asociaciones de parecida superficialidad, una ilación de pensamiento reprimida se apodera en la neurosis de una impresión reciente inofensiva, y la atrae hacia abajo, junto a ella, a la represión.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 286).

¹⁷⁸ Nossa opção por manter os termos “recalçada” e “recalçamento” é pautada no texto original de Freud, onde encontramos variações verbais e substantivadas de “*verdrängen*”. (in: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co, London, 1952, pp. 525-527).

¹⁷⁹ “sustitución por representaciones intermedias o de compromiso, gobierna también la formación de los pensamientos obsesivos y de los espejismos paranoicos del recuerdo.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. III**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 286).

esquecimento. Sintomas, sonhos e lapsos do dia a dia estariam agrupados sob a égide da ação recaladora, a qual seria, enfim, “verificável não só em neuróticos, mas também, de uma maneira qualitativamente semelhante, em seres humanos normais. É preciso afirmá-lo com total universalidade [...]” (FREUD, 1898/1992, p. 287)¹⁸⁰, e o que nortearia a ação do recalamento seria, primordialmente, se o lembrar particular de que se fala desprende desprazer ou não (FREUD, 1898/1992, p. 287)¹⁸¹. Isto dito, Freud arremata tais colocações relembando-nos da completa desolação do doente diante de seu sintoma - “metade do segredo da amnésia histérica se descobre dizendo que os histéricos não sabem o que é o que não querem saber; [...] uma certa resistência compensa a devolução de cada uma dessas lembranças perdidas” (FREUD, 1898/1992, p. 287)¹⁸², asseveração esta que nos remete à construção sintomática enquanto efeito evidentemente inconsciente, uma vez pontuada a completa ignorância do indivíduo em meio ao processo patológico. A natureza dos atos de lembrar e esquecer seria, assim, tendenciosa (FREUD, 1898/1952, p. 526)¹⁸³, e junto da sexualidade, a morte seria outro tema que daria motivo ao recalque.

Para finalizarmos o bloco de publicações antecessoras de “*A interpretação dos sonhos*”, resta-nos “*Sobre lembranças encobridoras*”, de 1899. Na publicação, afirma nosso autor ser a analogia entre amnésia patológica e amnésia normal de nossos anos de infância “uma indicação valiosa a respeito das íntimas relações entre o conteúdo psíquico da neurose e nossa vida infantil” (FREUD, 1899/2020, p. 4), pois justamente nos componentes esquecidos é que estaria guardado tudo o que retorna as impressões da criança merecedoras de atenção (FREUD, 1899/2020, p. 6). Ao abordar psicanaliticamente as impressões de seus pacientes sobre suas próprias infâncias, Freud constatou que estas encontravam-se modificadas, configuradas exatamente do modo como o psiquismo dos indivíduos poderia retê-las: protegidas de recordações sexuais autoeróticas, que denunciasses o interesse precoce do enfermo por tais questões. A razão disto estaria calcada na noção segundo a

¹⁸⁰ “empero es comprobable no sólo en neuróticos, sino también, de una manera cualitativamente semejante, en seres humanos normales. Cabe aseverarlo con total universalidad [...]” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 287).

¹⁸¹ “[...] depende además del favor o desfavor de un factor psíquico particular, que se mostraría renuente a reproducir algo que desprendiera displacer o pudiera llevar, en ulterior consecuencia, a un desprendimiento de displacer.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 287).

¹⁸² “La mitad del secreto de la amnesia histérica se descubre diciendo que los histéricos no saben qué es lo que no quieren saber; [...] una cierta resistencia contrarresta la devolución de cada uno de esos recuerdos perdidos [...]” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. III. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1992, p. 287).

¹⁸³ “[...] der tendenziösen Natur unseres Erinnerns und Vergessens [...]” (in: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Erster Band**. Imago Pub. Co, London, 1952, p. 526).

qual duas forças psíquicas participariam do surgimento destas lembranças, “uma delas com o propósito de recordar a importância dessa experiência, enquanto a outra - uma resistência - opõe-se a que ela seja destacada. As duas forças que atuam em oposição não cancelam uma a outra” (FREUD, 1899/2020, p. 6) e o resultado dessa confluência seria uma “ação de compromisso” [*Kompromißwirkung*]¹⁸⁴, na qual a resistência sai vitoriosa, e “no lugar da recordação original e legítima produz-se uma outra, que deslocou-se na associação em relação à primeira por uma única peça.” (FREUD, 1899/2020, p. 7). No processo de “encobrimento” destas lembranças cruciais e infantis, Freud identifica a presença de um conflito, que geraria recalque e substituição por formação de compromisso, mecanismos que estão presentes em todos os sintomas psiconeuróticos. Compreender tal encobrimento significava compreender de que modo o sintoma se formava.

“Eu definiria este tipo de lembrança”, diz Freud, “cujo valor deve-se ao fato de ocupar na memória o lugar de impressões e pensamentos de épocas posteriores, [...] como uma lembrança encobridora.” (FREUD, 1899/2020, p. 14), uma vez que ela “não adquire um valor para a memória em função do seu próprio conteúdo, mas da relação que mantém com um outro conteúdo reprimido.” (FREUD, 1899/2020, p. 18). Para nosso autor, o principal sobre tal modalidade de lembranças seria:

[...] na maior parte das cenas infantis que possuem legitimidade e relevância a pessoa vê a si mesma na lembrança como uma criança, e sabe que aquela criança é ela própria; mas ela vê essa criança como a veria um observador que está fora da cena [...]. Ou seja, fica claro que esta recordação não pode ser a repetição fiel da impressão que foi recebida naquela época. A pessoa estava dentro da situação e não prestava atenção em si mesma, e sim no mundo exterior. Onde quer que uma pessoa apareça dentro de uma lembrança como um objeto em meio a outros objetos, essa contraposição entre o Eu da ação e o Eu da lembrança pode ser admitida como prova de que a impressão original passou por uma revisão. É como se um vestígio da lembrança infantil recebesse numa época posterior (na qual ela foi despertada) uma retradução em termos plásticos e visuais. Mas uma reprodução da impressão original jamais nos chegou à consciência. [...] essas falsificações da lembrança são tendenciosas [...], servem às finalidades do recalque e da substituição de impressões inconvenientes e desagradáveis. É necessário, portanto, que estas lembranças falsificadas tenham surgido durante um período de vida no qual estes conflitos e impulsos orientados para o recalque já estivessem presentes na vida anímica, ou seja, muito tempo depois do período lembrado por elas no seu conteúdo [...]. Talvez seja questionável se de fato possuímos

¹⁸⁴ Como sinaliza o tradutor André Carone, tal menção é distinta do resto do texto, em que o que se encontra é “*Kompromißbildung*”, ou seja, formação de compromisso. (CARONE, 2020, p. 22, n. 7).

lembranças *da* infância, ou se na verdade não possuímos somente lembranças *sobre* a infância. Nossas lembranças infantis não nos mostram os primeiros anos de vida como eles aconteceram, e sim como eles surgem em um período posterior, no qual as lembranças foram despertadas. Neste período do seu despertar as lembranças infantis não *apareceram*, como se costuma dizer, e sim foram *formadas*, e uma série de motivos muito afastados das intenções da fidelidade histórica influenciou a formação e também a seleção das lembranças.” (FREUD, 1899/2020, pp.19-20).

Como se vê, a ideia de que a fantasia promovia plasmações era radicalizada a ponto de ser incerto se alguma vez uma recordação verossímil chega a nós como representante de vivências da infância. A similaridade constatada pelo psicanalista quanto à mecânica psíquica presente na formação sintomática, no esquecimento e no encobrimento de lembranças permitiu um vislumbre mais profundo sobre o funcionamento anímico como um todo, onde a determinação endógena fora considerada em duas frentes: uma impulsional, reafirmadora energeticamente de elementos mnêmicos, e outra “fantasística”, recurso plástico necessário ao acontecer psíquico tonalizado pelo recalque e pela fuga do desprazer, estes então grandes maestros da orquestra anímica. “Nossa memória absolutamente não conhece garantias” (FREUD, 1900/2013, p. 542), dirá Freud em “*A interpretação dos sonhos*”, texto do qual nos ocuparemos para demonstrar como o sonho é amarrado ao novo arranjo teórico pensado pelo psicanalista.

2. A interpretação dos sonhos^{185 186}

Com os textos e rascunhos de 1897 a 1899, tomamos conhecimento da inserção dos sonhos ao conjunto dos produtos psíquicos que realizam um desejo inconsciente, junto aos sintomas e esquecimentos. Agora, interessa-nos compreender de modo mais profundo como Freud realiza essa costura. Tão importante quanto a constatação de que o procedimento da interpretação dos sonhos é idêntico ao empregado na resolução dos sintomas histéricos, uma vez que a fantasia os preconiza (FREUD, 1900/2013, p. 626), pensar o sonho é também considerar os mecanismos determinantes

¹⁸⁵ Para mantermos a desejada verossimilhança metodológica quanto à cronologia dos textos, tomaremos a redação da obra tal como feita em 1899. Somente um excerto inserido por Freud em 1919 será mencionado mais à frente.

¹⁸⁶ Aqui, diferentemente dos capítulos anteriores, não configuram um problema as versões utilizadas pelo tradutor Renato Zwick ao texto da “*Die Traumdeutung*” quanto aos termos recalcar e reprimir, pois, como observa Luiz Hanns, em certas ocasiões “Freud utiliza ambas as palavras [*Verdrängung* e *Unterdrückung*] de forma pouco diferenciada [...]” (HANNS, 1996, p. 365). Para fins de maior rigor terminológico, foi cotejado o texto original, contido em: FREUD, S. **Gesammelte Werke: Chronologisch geordnet, Zweiter und Dritter Band**. Imago Pub. Co., London, 1961, pp. 5-626.

no processo sintomático. Tanto em um quanto no outro estão em ação: condensação, deslocamento, formação de compromisso, associações superficiais, encobrimento das contradições e eventualmente regressão. “Considerando a completa identidade entre as peculiaridades do trabalho do sonho e da atividade psíquica que termina nos sintomas psiconeuróticos, nos julgaremos autorizados a transferir para o sonho as conclusões a que a histeria nos obriga.” (FREUD, 1900/2013, p. 626), diz o psicanalista. O sonho é necessariamente uma realização de desejo “pelo simples motivo de que é uma função do inconsciente, o qual não possui outro objetivo a não ser a realização de desejos, e que só dispõe das forças representadas pelos impulsos de desejo” (MEZAN, 2013, p. 91), o que indica portanto ser a essência do sistema inconsciente realizar desejos, e a certeza de que o sintoma também é incontornavelmente um desejo inconsciente realizado torna-se uma consequência lógica. Há, no entanto, uma ligeira distinção entre sonho e sintoma: “o sonho realiza apenas o desejo inconsciente, porque jamais chegará a se expressar na vida real; o sintoma, imerso na realidade da vida, deve representar também o pensamento repressor.” (MEZAN, 2013, p. 91).

Apesar disto, o quadro geral da aproximação dos fenômenos anímicos é mais repleto de semelhanças do que de diferenças, e no texto sobre os sonhos, a obra mestra da psicanálise (MONZANI, 1989, p. 59), a infância é chave fulcral para solucionar a fração manifesta destes. A sexualidade infantil, vez e outra mencionada no escrito, não totaliza o comentário do psicanalista sobre a importância da infância para as formações psíquicas inconscientes. “Não é raro”, diz Freud, que “em brincadeiras de movimento, em si inocentes, também tenham sido despertadas sensações sexuais. [...] esses sonhos de voar, cair, sentir vertigens etc. repetem as ‘correrias’ da infância, cujos sentimentos de prazer agora se transformaram em medo” (FREUD, 1900/2013, p. 419). Quando o autor se refere à patologia, as coisas são mais objetivas, como por exemplo ao lembrar o leitor sobre impressões do segundo ano de vida, às vezes já do primeiro, “que deixam uma marca permanente na vida emocional das pessoas que depois adoecem e - embora distorcidas e exageradas pela memória de várias formas - podem constituir a primeira e mais profunda fundamentação para um sintoma histérico” (FREUD, 1900/2013, p. 476), impressões estas que posteriormente surgirão na ou farão parte da fantasia (FREUD, 1900/2013, p. 509). Unânime é o fato de que nossas lembranças, incluindo as mais profundamente gravadas em nosso psiquismo, são sobretudo inconscientes. Haveria a possibilidade de torná-las conscientes, porém não há dúvida de que exercem todos os seus efeitos em estado oposto. “O que chamamos de nosso caráter se baseia nas marcas mnêmicas de nossas impressões, e justamente as impressões que tiveram um efeito mais forte sobre nós, as

de nossa primeira infância, são aquelas que quase nunca se tornam conscientes” (FREUD, 1900/2013, pp. 567-568).

Se agora enfatizarmos o papel que as experiências infantis ou as fantasias nelas baseadas representam nos pensamentos oníricos, da frequência com que fragmentos delas reaparecem no conteúdo onírico e de como os próprios desejos oníricos muitas vezes se derivam delas,

então também não recusaremos ao sonho a possibilidade de que a transformação de pensamentos em imagens visuais possa ser igualmente consequência da *atração* que a lembrança figurada visualmente, aspirando por reanimação, exerce sobre o pensamento separado da consciência e que luta por se expressar. Segundo essa concepção, o sonho poderia ser descrito como *o substituto da cena infantil, modificado pela transferência para algo recente*. A cena infantil não é capaz de impor sua renovação; ela precisa se contentar com o retorno sob a forma de sonho. (FREUD, 1900/2013, p. 574. Grifos do autor.)

Como isto, a lembrança referente à infância é um fator indispensável a qualquer produto psíquico que tenha por ponto de partida a atividade inconsciente. Não é o atraso do efeito que importa¹⁸⁷, mas sim o que a fantasia faz com o que é recordado das vivências individuais mais primordiais. “Se as cenas infantis estiverem reforçadas por fantasias construídas com seus elementos, o somatório atingirá um valor maior ainda, facilitando a expressão dos conteúdos reprimidos” (MEZAN, 2013, p. 88). Aqui, a elaboração secundária torna-se um dos trabalhos do

¹⁸⁷ Esta é um ponto que causa divergência entre os comentadores. Com Mezan, por exemplo, lemos que: “Freud já não necessita da hipótese aberrante do retardamento da puberdade para dar conta do desprazer ligado às recordações sexuais infantis, nem da teoria da sedução, abandonada em virtude de suas próprias contradições internas. Pelo contrário, podemos discernir aqui o primeiro esboço da teoria das pulsões, cujos representantes psíquicos, no caso das pulsões sexuais, seriam evidentemente as recordações sexuais infantis e as fantasias construídas sobre elas” (MEZAN, 2013, p. 97). Com Laplanche e Pontalis, por outro lado, temos que: “A descoberta da sexualidade infantil não tornou caduco, no espírito de Freud, o esquema fundamental que estava subjacente na teoria da sedução: o mesmo processo de uma eficácia ‘só depois’ (posterior) é constantemente invocado; reencontramos os dois eventos (neste caso, a cena e o sonho) separados na série temporal, permanecendo o primeiro incompreendido e como que excluído no interior do sujeito, para ser em seguida retomado na elaboração do segundo tempo. Que o conjunto esteja defasado nos primeiros anos da infância nada muda no essencial do modelo teórico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 47). Por nosso turno, parece-nos evidente que o modelo da sedução não é de todo abandonado, pois, com a leitura dos textos de 1915, em especial das “*Conferências introdutórias*”, vê-se que uma certa noção de sedução, especialmente quando são abordadas as três modalidades principais das fantasias originárias na conferência de número XXIII, é ainda mantida. Por outro lado, concordamos com Mezan quanto ao fato de que, específica e objetivamente no texto de “*A interpretação dos sonhos*”, o arranjo explicativo tem outros contornos, bastante distintos da sedução de 1896. Assim, o que parece certo é que, imediatamente à superação da teoria da sedução, com o texto sobre os sonhos de 1900, a explicação empreendida por Freud é bastante diferente do molde anterior; no entanto, com o passar dos anos, de fato a sedução volta a cobrar lugar de destaque nos resultados de suas pesquisas.

sonho que reclama destacada atenção, pois é ela que dá preferência a materiais psíquicos já formados nos pensamentos latentes, os quais são a base para a produção onírica. Freud entende ser esta a modalidade de formação de sonhos mais familiar à atividade anímica, pois participa também da feitura dos sonhos diurnos, análogos da fantasia quando o aparelho psíquico encontra-se em vigília. Tanto a fantasia quanto o sonho diurno têm a função de construir fachadas, como complementação à atividade do psiquismo. O estudo das psiconeuroses dá ocasião à descoberta de que as fantasias e os sonhos diurnos são os estágios preliminares mais imediatos dos sintomas histéricos. Tais sintomas não dependem das lembranças mesmas, mas das fantasias construídas com base nelas: “tomamos conhecimento dessas formações graças ao surgimento frequente de fantasias diurnas conscientes; porém, assim como há fantasias conscientes, também há um número abundante de fantasias inconscientes que precisam permanecer como tais devido ao seu conteúdo e por provirem de material recalcado” (FREUD, 1900/2103, p. 517).

No vasto campo de estudo que Freud abrange em suas pesquisas, das formações imaginárias às estruturas psicopatológicas, “um mesmo conteúdo, uma mesma organização pode ser encontrada, quer seja consciente ou inconsciente, resultante do agir ou representada” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 65), e eis aí a possibilidade de que Freud tenha percebido na fantasia “o ponto privilegiado onde poderia ser apreendido com extrema fidelidade o processo de passagem de um sistema para o outro” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 66), ou seja, da inconsciência para a consciência. A fantasia consciente seria então passível de recalçamento, tornando-se assim potencialmente patógena (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 66), e a compreensão do sonho diurno favoreceria o entendimento do funcionamento da vigília de forma espelhada em referência ao onírico, uma vez que a elaboração secundária vai utilizar os roteiros completamente montados que são as fantasias ou sonhos diurnos¹⁸⁸, cujo espetáculo o sujeito pôde oferecer-se ao longo do dia que precedeu o sonho (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 68). Nos diz Freud sobre as fantasias:

Como os sonhos, elas são realizações de desejo; como os sonhos, se baseiam em boa medida nas impressões de experiências infantis; como os sonhos, gozam de certa redução da censura para suas criações. Quando pesquisamos sua estrutura, compreendemos como o motivo de desejo que toma parte na sua produção misturou, reordenou e juntou num novo todo o material do qual são construídas. Quanto às lembranças infantis a que remontam, encontram-se mais ou menos na mesma relação de muitos palácios barrocos de Roma com as ruínas antigas cujas

¹⁸⁸ No original, “devaneios diurnos”.

pedras lavradas e colunas forneceram o material para o prédio de formas modernas. (FREUD, 1900/2013, p. 518)

Existiriam ainda sonhos que consistem apenas na repetição de uma fantasia diurna que talvez tenha permanecido inconsciente, de modo que não é o sonho que forma a fantasia, e sim a atividade inconsciente da fantasia que tem a maior participação na formação dos pensamentos oníricos (FREUD, 1900/2013, p. 619). Como se vê, a fantasia é pensada como unidade conceitual fundamental para o discurso freudiano, pois ela atravessa todas as suas certezas quanto a como se arranja a dinâmica inconsciente e como os produtos desses processos são determinados. “A existência de fantasias inconscientes indicava que o sistema inconsciente se pautava por normas de ideação diferentes das que governam o pensamento consciente” (MEZAN, 2013, p. 73), de modo que, sob qualquer ângulo que Freud focalizasse a questão, o recalçamento¹⁸⁹ apareceria como elemento central; “mas seu objeto - o sexual - e seu efeito - a produção de um inconsciente - apareciam de tal forma imbricados, que a solução de um aspecto do problema fatalmente traria indicações sobre o caminho para resolver o outro” (MEZAN, 2013, p. 73). Não discorreremos com profundidade sobre a formação do inconsciente e sobre o que nele habita, uma vez que não está entre os intuitos principais de nossa investigação fazê-lo. No entanto, saber que este “não é só sede de desejos, mas também de pensamentos e representações” (MEZAN, 2013, p. 79) ajuda-nos a compreender de que modo o amalgamento necessário a sua construção se dá, além de jogar alguma luz também sobre a formação dos sintomas.

É evidente que em muitos aspectos o pensamento de Freud toma uma forma distinta dos anos anteriores a 1900, especialmente em relação à primeira metade de 1890. Ao retorno a uma endogenia em que a sexualidade seria o fator constitutivo primordial soma-se a dissolução do efeito traumático atrasado no acontecer da fantasia - “de símbolo mnêmico do trauma, o sintoma torna-se, então, encenação de fantasias” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 44) -, como apontado em nossa argumentação até o presente momento. Tomemos agora um breve conjunto de apreciações adicionais sobre o funcionamento psíquico na formação dos sintomas, alcançadas pelo autor mediante análise dos fenômenos oníricos. Falemos do exemplo em que o histérico se admira por sentir medo de uma ninharia ou quando o homem obsessivo se espanta com o fato de uma repreensão tão desagradável brotar de uma insignificância. Diz Freud: “ambos se enganam, pois

¹⁸⁹ No texto de Mezan encontra-se o termo “repressão”.

tomam o conteúdo de representações - a ninharia ou a insignificância - pelo essencial, e se defendem sem sucesso porque transformam esse conteúdo de representações no ponto de partida de seu trabalho de pensamento” (FREUD, 1900/2013, p. 486). O que está em jogo aqui, tal como nos sonhos, é que os conteúdos representacionais sofreram deslocamento e substituições, ou seja, sua apresentação ao doente ou ao sonhador encontra-se psicologicamente distorcida. Os afetos ficam imóveis, e eis o que Monzani considera a essência da descoberta psicanalítica - a independência do afeto e da representação (MONZANI, 1989, p. 90). Com isto, o psicanalista postula que as associações mais superficiais serviriam como substitutos para associações reprimidas mais profundas, o que o autoriza a concluir que as coisas aparentemente mais inocentes e mais arbitrárias que o paciente lhe relata se encontram em relação com seu estado patológico (FREUD, 1900/2013, p. 559).

Concebido ainda em sua dimensão conflitante, ou seja, enquanto signo de um acirramento entre o funcionamento de sistemas díspares, o sintoma neurótico deve ser então entendido como compromisso para esse combate bilateral, ainda que de forma provisória (FREUD, 1900/2013, p. 609). Esta afirmação é feita na esteira da certeza de que o sintoma realiza um desejo inconsciente, com o complemento de que ele não seria apenas a expressão deste desejo inconsciente realizado: “a ele ainda precisa se somar um desejo do pré-consciente que se realiza por meio do mesmo sintoma, de maneira que o sintoma é determinado *pelo menos* duplamente, uma vez por cada um dos sistemas que se encontram em conflito” (FREUD, 1900/2013, p. 597). Precondição, portanto, para formação de um sintoma psiconeurótico, é que duas realizações opostas de desejo, cada uma oriunda de um sistema psíquico diverso, encontrem a possibilidade de coincidir na mesma expressão.

Para enfim encaminharmos nossa argumentação para seu momento final, qual seja, o retorno às questões sobre o passado da espécie e sua relação com o adoecimento psíquico, atentemo-nos a elementos textualmente já assinalados por Freud na redação de “*A interpretação dos sonhos*”, onde a presença desta problemática já se faz presente. O primeiro ponto a ser considerado diz respeito à criação do que Freud chama de uma ficção, concernente ao desenvolvimento do aparelho psíquico¹⁹⁰, desde uma forma primitiva ao modo como hoje ele se

¹⁹⁰ Digno de nota é lembrar que, no importantíssimo texto “*Além do princípio do prazer*”, Freud inicia, já no capítulo IV, um crucial movimento argumentativo através do qual sugere ao leitor que o acompanhe em sua especulação, em direção a elucubrações sobre como organismos muito primitivos se organizavam, reagiam ao meio e de que modo isso comporta uma tese sobre o desenvolvimento do aparelho psíquico rumo a seus atributos atuais. Como se vê, este é um exercício muito próprio às formulações de nosso autor, o qual recorrentemente perfila suas teses com descobertas

conforma. Não é de se duvidar, diz o psicanalista, “que esse aparelho alcançou sua perfeição atual apenas pelo caminho de um longo desenvolvimento” (FREUD, 1900/2013, p. 593), daí a necessidade de se teorizar acerca de suas formas prévias, anteriores, para assim se tentar identificar sob influência de que forças ele foi determinado. Nesta ficção sobre um aparelho primitivo, é destacado pelo autor o esforço quanto a evitar acúmulos de excitação e por conseguinte de desprazer, o que remonta ao modelo de um aparelho reflexo, onde qualquer estimulação é prontamente respondida com uma reação. Aqui, a motilidade seria o caminho para modificação interna deste sistema, via descarga, e isso, com o passar do tempo, teria possibilitado a existência de uma corrente que visa novamente o resultado de satisfação anteriormente obtido, onde seria alcançado prazer em detrimento de desprazer - a essa corrente chama-se hoje em dia desejo (FREUD, 1900/2013, p. 626). Esse tipo de afastamento fácil e normal de processos psíquicos referentes àquilo que antes foi desagradável seria o modelo para o processo de recalçamento, de modo que o funcionamento psíquico primordial não saberia fazer outra coisa a não ser desejar. Somente um segundo sistema disporia de lembranças, o que implica a certeza de que este só pode investir uma representação quando é capaz de inibir a geração de desprazer que parte dela, não sendo necessária a inibição completa do desprazer (FREUD, 1900/2013, p. 629).

Como se vê, algo como uma história do desenvolvimento psíquico é evocada por Freud para explicar a relação entre os sistemas anímicos, o que lança luz também sobre o mecanismo do recalçamento. O psiquismo é, sob esta ótica, sobretudo produto do tempo - falar em processo primário e secundário é, literalmente, aludir àquilo que é antecessor e àquilo que é sucessor cronologicamente. Em consequência da chegada retardada dos processos secundários, “o cerne de nosso ser, constituído de moções de desejo inconscientes, permanece inapreensível e não passível de inibição para o pré-consciente, cujo papel é limitado de uma vez por todas a indicar os caminhos mais adequados às moções de desejo provindas do inconsciente” (FREUD, 1900/2013, p. 631). O sonho, por sua vez, ao realizar desejos via caminhos mais curtos e regressivos,

[...] conservou com isso apenas uma amostra do modo de trabalho primário do aparelho psíquico, abandonado devido à sua ineficácia. Aquilo que outrora dominava durante a vigília, quando a vida psíquica ainda era jovem e inepta, parece ter sido banido para a vida noturna, mais ou menos assim como encontramos no quarto das crianças as armas primitivas abandonadas da humanidade adulta, o arco

e a flecha. *O sonhar é uma parcela de vida psíquica infantil superada.* Esses modos de trabalho do aparelho psíquico, normalmente reprimidos na vigília, voltarão a se impor nas psicoses, revelando então sua incapacidade para satisfazer nossas necessidades em relação ao mundo externo. (FREUD, 1900/2013, P. 595. Grifo do autor.)

Característico do funcionamento infantil do aparelho psíquico seria o compartilhamento de características com esse funcionamento arcaico, exclusivamente evitador de desprazer, que reapareceria então na formação onírica e no sintoma. No entanto, realizar desejos infantis deixa de gerar afetos prazerosos à medida que o indivíduo se desenvolve psiquicamente, e passa, ao contrário, a gerar afetos desprazerosos, de modo que é *justamente* essa transformação do afeto que constitui a essência daquilo que chamamos de recalçamento (FREUD, 1900/2013, p. 632).

As lembranças a partir das quais o desejo inconsciente provoca a geração de afeto nunca foram acessíveis ao Pcs [pré-consciente]; por isso, sua geração de afeto também não pode ser inibida. Precisamente devido a essa geração de afeto, tais representações também não são acessíveis agora a partir dos pensamentos pré-conscientes, aos quais transferiram sua força de desejo. Entra em ação, antes, o princípio de desprazer, e leva o Pcs a se afastar desses pensamentos de transferência. Estes são deixados a si mesmos, 'recalcados', e assim a existência de um patrimônio mnêmico infantil, subtraído desde o início ao Pcs, se torna pré-condição do recalçamento. (FREUD, 1900/2013, p. 632)

Desse modo, apenas moções de desejo oriundas da infância poderiam experimentar o recalçamento em sua dimensão transformadora do afeto, o que fornece as forças impulsoras para toda formação psiconeurótica sintomática (FREUD, 1900/2013, p. 634). O sonho, fenômeno não patológico, não pressupõe perturbações do equilíbrio anímico nem deixa qualquer debilidade em termos de eficiência. Com isto, o mecanismo de que a neurose se serve não foi criado por uma perturbação patológica, mas por uma possibilidade que já se encontra pronta na construção normal do aparelho psíquico: "o reprimido também continua existindo no homem normal e permanece capaz de produções psíquicas" (FREUD, 1900/2013, p. 635).

À parte do recurso que ficcionaliza o aparelho primitivo, como via para elucidar os motivos da relação entre sistemas e do emergir do recalçamento, parece-nos acertado dizer que a hipótese da existência de fantasias inconscientes teria colocado Freud no caminho que conduziu às suas

grandes descobertas (MEZAN, 2013, p. 68)¹⁹¹, o que implica, dentre muitas coisas, “a busca cronológica, o retrocesso no tempo em direção aos elementos originários, reais e verificáveis” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 45), que é ponto crucial à prática investigativa empreendida por Freud. Haveria para o autor, por exemplo, um sentido sexual justificado quando crianças neuróticas não querem ver sangue nem carne crua, quando vomitam ao ver ovos e macarrão ou quando o medo natural que o homem sente de cobras sofre uma extraordinária intensificação no neurótico, e, “em todos os casos em que a neurose se serve de tais disfarces, percorre os caminhos que outrora, em antigos períodos da cultura, toda a humanidade trilhou, e de cuja existência, debaixo de um ligeiro encobrimento, ainda dão testemunho atualmente o uso da língua, a superstição e os costumes” (FREUD, 1900/2013, p. 371). Ainda, em 1919 acrescenta o autor à sua obra mestra:

[...] o sonhar é em seu todo uma regressão às condições mais remotas do sonhador, uma revivificação de sua infância [...]. Por trás dessa infância individual nos é prometido um acesso à infância filogenética, ao desenvolvimento do gênero humano [...], e somos levados a esperar que por meio da análise dos sonhos cheguemos à herança arcaica do homem, aquilo que nele é psiquicamente inato. Parece que o sonho e a neurose conservaram mais antiguidades psíquicas do que fomos capazes de supor, de modo que a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e mais obscuras dos primórdios da humanidade. (FREUD, 1900, 1919/2013, p. 577)

Isto dito, é evidente que Freud já em 1900 tinha em conta, em suas aspirações teóricas, pensar o passado da humanidade como elemento central ao acontecer anímico, sobretudo patológico. Somente com as passagens acima citadas temos alguns exemplos disto: dedução do desenvolvimento de um aparelho psíquico, pautada na ideia de organismos extremamente

¹⁹¹ Apesar de não constituir ponto central à nossa pesquisa, parece-nos adequado fazer referência, ainda que breve, ao pano de fundo de onde a citação é retirada: “O conceito de fantasia alude a um dos eixos mais importantes do pensamento freudiano: a oposição entre ‘realidade psíquica’ e ‘realidade material’. Por ‘realidade psíquica’, contudo, não se deve entender o mundo interior da psicologia introspectiva; o termo ‘realidade’ deve ser tomado no seu sentido forte, como algo dotado de organização, estabilidade e eficácia, e cujas modalidades de operação a psicanálise se esforça por descobrir” (MEZAN, 2013, p. 72). Em “*A interpretação dos sonhos*”, encontramos a seguinte citação: “Não sei dizer se cabe reconhecer realidade aos desejos inconscientes. Naturalmente, cabe negá-la a todos os pensamentos intermediários e de transição” (FREUD, 1900/2013, p. 647). Com a afirmação de Mezan e com a leitura dos textos de 1897-1900, de fato fica claro que para Freud a fantasia implica uma realidade com eficácia distinta da material, qual seja, a psíquica. No entanto, a citação do autor faz pensar que talvez a noção de realidade para o autor tenha implicações mais profundas, tais quais a cota de realidade necessária à constituição do que é psiquicamente material, ou ainda o acirramento entre estas duas realidades não necessariamente contrapostas. Não é nosso intuito aprofundar a questão, somente apontar que constitui um problema interessantíssimo na obra do criador da psicanálise.

primitivos, em que a tendência a evitar o desprazer tenha gerado a capacidade de desejar; sonho enquanto possibilidade regressiva ao patrimônio infantil preservado inconscientemente via recalque; e neurose como repetição de caminhos trilhados em momentos antigos da cultura humana. Com o acréscimo de 1919, Freud simplesmente fecha o raciocínio já explicitado em 1900, ao colocar o sonho na série de formações psíquicas capazes de referenciar o passado primevo da espécie. Em referência aos anos anteriores a 1900, é gigantesco o passo teórico que Freud dá - de uma etiologia traumática, pautada somente na causação resultante de acontecimentos externos impostos ao aparelho psíquico, Freud passa a uma revisão do que era constitutivo à época, em termos psicopatológicos: não é somente a herança familiar que exerce força sobre a predisposição, mas também, e mais primordialmente, a sexualidade e as experiências sexuais da infância. As fantasias, responsáveis pela formação sintomática, são pautadas nas duas pré-histórias constitutivas do indivíduo - a individual, infantil, e a filogenética, arcaica. O psicanalista abre então, em sua teoria, espaço para a constituição sexual e suas implicações, ao mesmo tempo que para a necessidade de pensar o passado longínquo dos seres humanos como fonte para essa constituição.

3. De volta a 1915

Na primeira parte do primeiro capítulo nos ocupamos do texto *“Neuroses de transferência: uma síntese”*, de modo a elucidar a hipótese filogenética nele apresentada. Agora, centrar-se-á atenção às *“Conferências introdutórias”*, para enfim apresentarmos de que modo passado filogenético e adoecimento psíquico se relacionam em uma importante obra de Freud, publicada nos entornos de 1915. É com base na nota 203, encontrada no segundo capítulo da obra *“O movimento de um pensamento”*, que optamos pelas aqui pelas *“Conferências”*. Diz Monzani, em referência ao *“Projeto”*:

Ele [o *“Projeto”*] é e será sempre um documento de inestimável valor para a compreensão da obra teórica de Freud e deve ser utilizado. Mas tenho a impressão de que só pode funcionar como *prova* de uma tese quando não existirem declarações ou princípios contrários em nível da obra assumida. Por mais importante que seja esse texto, ele deve continuar sendo o que é: uma obra inacabada, abortada e não assumida. (MONZANI, 1989, p. 140. Grifo do autor.)

O texto *“Neuroses de transferência”*, também inacabado e abortado, faz parte do projeto metapsicológico de Freud, o qual, apesar de incompleto, continua sendo crucial às compreensões mais profundas da obra do psicanalista. Não assumido talvez seja uma característica do escrito, uma

vez que este só foi encontrado postumamente. Seja como for, a escolha pelas “*Conferências*” se dá na esteira do que Monzani sugere - que se tome enfim a obra assumida, para que não seja o décimo segundo artigo metapsicológico a única prova, em nossa pesquisa, do que se dá com a interface entre passado e adoecimento. Desta maneira, a presente investigação não se apoia somente numa obra não publicada, de modo que o caráter de prova desta se encontra em um texto da envergadura das “*Conferências*”.

Para abordar a etiologia histórica no trabalho referido, Freud evoca as noções de regressão e fixação da libido, de modo que seria tal patologia configurada pela fixação libidinal em objetos sexuais primários e incestuosos, em que não se faz presente uma regressão a uma etapa anterior da organização sexual (como à fase oral ou anal por exemplo). Por regressão, faz-se referência ao conceito que versa sobre o mecanismo de retorno a pontos marcantes no desenrolar libidinal na vida de um indivíduo, pontos estes anteriores ao estágio atual do desenvolvimento psíquico daquele de que se fala. Os pontos a que a regressão volta são sempre pontos fixados, justamente pelo processo de fixação. O fato de a fixação ocorrer é, primeiramente, demonstrativo de uma evolução progressiva da libido, em que o retorno a certas modalidades de obtenção de prazer elucida a marca inconsciente do escoamento energético por vias já conhecidas. Os dois fenômenos descritos pelos conceitos são portanto processos interdependentes, onde a fixação cria os pontos que orientam a regressão. É ainda pela compreensão destes processos que fica clara a “genealogia” do desejo pensada por Freud quando é feita referência ao desenvolvimento de organismos muito primitivos: no caminho da descoberta de meios para diminuir a agitação interna, esses organismos tendem a repetir tais ações bem sucedidas; em termos psíquicos, o modelo é muito parecido: cada um desses novos aprendizados sobre o escoamento do excesso dá margem para o emergir de novos desejos, estes sempre sedentos pelas vias de mitigação do sofrimento antes percorridas - assim, o que ocorre é que, se o desejo é regido pelo processo primário, que só conhece o imediato ímpeto da diminuição da excitação interna, e toda formação inconsciente (sonho, esquecimento, sintoma) é pautada pelo desejo, então todo produto inconsciente carrega o sinais da ocorrência tanto da fixação da regressão.

Na neurose obsessiva a regressão libidinal ao estado prévio sádico-anal é o que se mostra decisivo na formação de sintomas do quadro em questão. O ser humano só contrai uma neurose “quando se exclui a possibilidade de satisfazer sua libido, ou seja, por uma frustração [libidinal]; e

seus sintomas são justamente o substituto da satisfação frustrada” (FREUD, 1991/1916, p. 314)¹⁹². Ainda, “na etiologia das neuroses a fixação libidinal é o fator interno, predisponente, e a frustração é o fator externo, acidental” (FREUD, 1991/1916, p. 315)¹⁹³. Como se vê, um novo par é inserido pelo autor em sua etiologia, preconizado então pela frustração, enquanto predisponente externo, pois concerne à falta de acesso a um objeto ou forma específica de satisfação, com conseqüente acarretamento de uma fixação libidinal, a qual diz respeito à predisposição interna à patologia. Freud parece adaptar aqui o velho par interno/externo da década de 1890 às suas novas descobertas, de tal modo que o fracasso na obtenção de uma fruição objetiva, determinada, através do que aqui se nomeia frustração, é o acidente externo que predispõe o indivíduo à sorte de seu desenvolvimento libidinal, de contornos internamente predispostos. Esse lançar à sorte da frustração é o que tem por conseqüência uma regressão.

O problema exógeno *versus* endógeno é resolvido via complementaridade, pois com a noção de séries complementares, as coisas se dão do seguinte modo: se falta um elemento, o outro o compensa, e ambos têm portanto peso e importância na determinação do adoecimento. Falar em séries complementares é pensar que os fatores determinantes para o adoecimento se conjugam, de modo que cada equação etiológica produza um efeito diverso de acordo com a intensidade da frustração e com a rigidez das fixações libidinais (WINOGRAD, 2007, p. 309). Em vez de uma tendência (externa, interna) se sobrepor, as séries de fenômenos coadunam-se uma à outra, e a complementaridade é justamente o arremate, a completude das condições básicas para que a irrupção patológica ocorra através da formação de um sintoma. No caso de faltar uma forte fixação da libido (agente da predisposição interna), a impossibilidade de acesso a satisfação via objetos (agente de predisposição externo) deve impor ao aparelho psíquico um forte conflito; se faltarem razões acidentais ao surgimento da doença, é a dinâmica libidinal que imporá o conflito. Deste modo, a dimensão conflitante se mostra como necessidade a essas novas formulações: “Em tais pessoas [neuróticos] encontramos por regra os indícios de uma luta entre moções de desejo, ou como costumamos dizer, de um conflito psíquico” (FREUD, 1991/1916, p. 318)¹⁹⁴.

¹⁹² “cuando se les quita la posibilidad de satisfacer su libido, vale decir, por una frustración [libidinal] [...]; y sus síntomas son justamente el sustituto de la satisfacción frustrada.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 314)

¹⁹³ En la etiología de las neurosis la fijación libidinal es el factor interno, predisponente, y la frustración es el factor externo, accidental.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 315).

¹⁹⁴ “En tales personas hallamos por regla general los indicios de una lucha entre mociones de deseo, o como solemos decir, de un *conflicto* psíquico.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 318).

O conflito, gerado pela frustração, faz com que a libido perca sua satisfação e se veja obrigada a buscar outros objetos e caminhos. Isto tem por condição que estes outros caminhos e objetos despertem irritação em uma parte da personalidade, de modo que se produza um veto que em princípio impossibilite a nova modalidade de satisfação. Daqui parte então o caminho para a formação de sintomas [...]. No entanto, as aspirações libidinosas rejeitadas conseguem impor-se ao criar certos desvios, não sem se verem obrigadas a contornar o veto através de certas desfigurações [...]. Os desvios são os caminhos da formação de sintoma; os sintomas são a satisfação nova ou substitutiva que se tornou necessária pela frustração. (FREUD, 1991/1916, p. 318)¹⁹⁵

Em vista disto, a função substitutiva do sintoma é vinculada ao necessário desvio libidinal provocado pela impossibilidade de uma satisfação específica. “Para que a frustração externa tenha efeitos patogênicos”, diz Freud, “é preciso que se lhe acrescente a frustração interior. A primeira elimina uma possibilidade de satisfação, e a segunda gostaria de excluir outra em torno da qual o conflito surge” (FREUD, 1991/1916, p. 319)¹⁹⁶, e é aqui que nosso autor enfim acena à época pré-histórica, ao mencionar que em tal momento histórico do desenvolvimento humano as limitações internas aos indivíduos teriam surgido de impedimentos externos (FREUD, 1991/1916, p. 319)¹⁹⁷. São então evocadas as forças pulsionais não sexuais, quais sejam, as pulsões de auto conservação ou do eu para elucidar o novo quadro etiológico, já que haveria no necessário conflito adoecedor um choque entre o eu e a libido sexual. Diz Freud sobre o desenvolvimento das frustrações externas e internas:

[...] ambos são no fundo herdados; são repetições abreviadas da evolução que a humanidade toda percorreu desde suas épocas originárias e por prolongados períodos. No desenvolvimento libidinal, creio eu, vê-se facilmente esta origem filogenética [...]. Nos animais vemos, por assim dizer, todas as variedades de perversão cristalizadas na sua organização sexual. Agora, no homem, o ponto de

¹⁹⁵ “El conflicto es engendrado por la frustración; ella hace que la libido pierda su satisfacción y se vea obligada a buscar otros objetos y caminos. Aquel tiene por condición que estos otros caminos y objetos despierten enojo en una parte de la personalidad, de modo que se produzca un veto que en principio imposibilite la nueva modalidad de satisfacción. Desde aquí parte el camino hacia la formación de síntoma [...]. No obstante, las aspiraciones libidinosas rechazadas logran imponerse dando ciertos rodeos, no sin verse obligadas a sortear el veto a través de ciertas desfiguraciones [...]. Los rodeos son los caminos de la formación de síntoma; los síntomas son la satisfacción nueva o sustitutiva que se hizo necesaria por la frustración.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 318).

¹⁹⁶ “Para que la frustración *exterior* tenga efectos patógenos es preciso que se le sume la frustración *interior* [...]. La primera elimina una posibilidad de satisfacción, y la segunda querría excluir otra en torno de la cual estalla el conflicto. (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 319).

¹⁹⁷ “En efecto, apunta a la probabilidad de que en épocas prehistóricas del desarrollo humano las coartaciones internas surgieran de impedimentos externos”. (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 319).

vista filogenético está velado, em parte pela circunstância de que algo no fundo herdado é, porém, readquirido no desenvolvimento individual, provavelmente porque ainda persiste, e influencia cada indivíduo à mesma situação que em sua época impôs a aquisição [...]. Por outro lado, é indubitável que influências recentes podem perturbar e modificar de fora, em cada indivíduo, o curso desse desenvolvimento traçado. (FREUD, 1991/1916, p. 322)¹⁹⁸

Haveria portanto uma carga filogenética que se apresenta ainda atualmente, já que vivências podem reavivar o que existe de preservado da experiência arcaica da espécie. É importante frisar que Freud se mantém na fórmula do esquema filogenético do texto “*As neuroses de transferência*”, não retornando em momento algum à hereditariedade da qual abriu mão nos textos iniciais, como demonstrado anteriormente. É na infância que as primeiras orientações pulsionais se apresentam no indivíduo, de modo que aquilo que é vivido acidentalmente também remete a outros conjuntos pulsionais. Para Freud, as disposições constitucionais são, certamente, a seqüela deixada pelas vivências dos nossos antepassados; também elas foram adquiridas uma vez: sem tal aquisição não haveria herança alguma. E indaga-se: pode conceber-se que esse processo de aquisição que passa à herança tenha terminado justamente na geração que nós consideramos? “As vivências infantis são muitas vezes subestimadas por comparação com as dos antepassados e com as da vida adulta; isto não é lícito; pelo contrário, é preciso valorizá-las particularmente” (FREUD, 1991/1916, p. 329)¹⁹⁹. É justamente pelo fato de ocorrerem em períodos nos quais o desenvolvimento não está concluído que a elas é conferida eficácia traumática. A etiologia pensada à época pelo psicanalista formava o seguinte quadro: somam-se constituição sexual (vivenciar pré-histórico) e vivenciar infantil para formar a predisposição por fixação libidinal; esta, somada ao vivenciar acidental (traumático e do adulto) resultam em neurose. Deste modo, fica claro que Freud passa a uma etiologia “complementarista”, menos excludente de um fator em detrimento de outro e mais calcada numa confluência entre fatores, onde o que a vida individual infantil não oferece como

¹⁹⁸ “[...] ambos son en el fondo heredados, unas repeticiones abreviadas de la evolución que la humanidad toda ha recorrido desde sus épocas originarias y por lapsos prolongadísimos. En el desarrollo libidinal, creo yo, se ve sin más este origen *filogenético* [...]. En los animales vemos, por así decir, todas las variedades de perversión cristalizadas en su organización sexual. Ahora bien, en el hombre el punto de vista filogenético está velado en parte por la circunstancia de que algo en el fondo heredado es, empero, vuelto a adquirir en el desarrollo individual, probablemente porque todavía persiste, e influye sobre cada individuo, la misma situación que en su época impuso la adquisición [...]. Por otra parte, es indudable que influencias recientes pueden perturbar y modificar desde fuera, en cada individuo, el curso de ese desarrollo prefigurado.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. XVI. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 322).

¹⁹⁹ “¿Y puede concebirse que ese proceso de adquisición que pasa a la herencia haya terminado justamente en la generación que nosotros consideramos? Suele restarse toda importancia a las vivencias infantiles por comparación a las de los antepasados y a las de la vida adulta; esto no es lícito; al contrario, es preciso valorarlas particularmente.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. XVI. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 329).

vivência, a criança completa com os eventos da espécie, ou seja, corrige o seu vivenciar individual com as marcas da espécie.

Para tanto, não é infrutífero para o autor o exercício de busca da constituição do que hoje é herdado, e para tanto a certeza do vivenciar arcaico enquanto base para as doenças atuais é a sustentação do novo arranjo explicativo. “[...] entre a intensidade e a importância patogênica das vivências infantis e das mais tardias existe uma relação de complementaridade” (FREUD, 1991/1916, p. 332)²⁰⁰ de modo que é impossível falar sobre as condições de causação da neurose tomando em conta somente um dos fatores da série externo-interno. “O neurótico ficou preso a algum ponto de seu passado” (FREUD, 1991/1916, p. 333)²⁰¹, já que o que foi uma vez satisfação está destinado a provocar resistência e repugnância, por conta do efeito recalador.

Aqui, as fantasias são pensadas como “as sagas que os povos criam sobre sua história esquecida” (FREUD, 1991/1916, p. 335)²⁰², já que muitas cenas referentes à infância nem sempre são verdadeiras: tais formações continuam a importar sobremaneira à formação neurótica, e, apesar de não constituírem vivências efetivamente vividas para o indivíduo doente, tal fato não tem a menor importância, uma vez que “elas [as fantasias] possuem realidade psíquica, por oposição a uma realidade material, e pouco a pouco aprendemos a compreender que no mundo das neuroses a realidade psíquica é a decisiva” (FREUD, 1991/1916, p. 336)²⁰³. No entanto, neste ponto as coisas tornam à necessidade investigativa de Freud por encontrar o “grão de realidade da fantasia”, o ponto nodal e crucial à sustentação da psicanálise não exclusivamente na fantasia, mas também na realidade material, seu solo seguro - a questão que se impõe é a de fundamentar epistemologicamente a nascente ciência, e isto Freud fará atentando-se ao início da vivência humana, ou seja, em um antecedente que toda a humanidade atual compartilha. Para tanto as fantasias originárias [*Urphantasien*], são expostas: o medo da castração, a cena de coito paterna e a sedução. Para cada uma delas nosso autor identifica alguma vivência atual correlata que poderia reavivar a corrente herdada: para o primeiro caso, as recorrentes ameaças de corte do pênis do garoto mal educado; para o segundo, observação de coito direto dos pais ou entre animais (neste

²⁰⁰ “[...] entre la intensidad e importancia patógena de las vivencias infantiles y la de las más tardías hay una relación de complementariedad.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 332).

²⁰¹ “[...] el neurótico quedó adherido a algún punto de su pasado.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 333).

²⁰² son como las sagas que los pueblos crean acerca de su historia olvidada” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 335).

²⁰³ “Ellas poseen realidad *psíquica*, por oposición a una realidad *material*, y poco a poco aprendemos a comprender que en el mundo de las neurosis la realidad *psíquica* es la decisiva.” (in: FREUD, S. **Obras Completas, v. XVI**. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 336).

caso haveria efeito posterior); e para o terceiro, crianças maiores/parentes que não necessariamente cometem assédio, mas tocam o corpo da criança como no momento de limpá-las/banhá-las. No entanto, há também o caso em que a criança não vive nada disso, e à fantasia cabe o papel de tocar algum destes “patrimônios indispensáveis à neurose”.

O resultado é o mesmo, e até hoje não conseguimos fazer qualquer diferença, em termos das consequências desses acontecimentos infantis, pelo fato de neles corresponder maior participação à fantasia ou à realidade [...]. De onde vêm a necessidade de criar tais fantasias e o material com que se constroem? Não há dúvida de que a sua fonte está nas pulsões, mas resta explicar o fato de que, em todos os casos, se criam as mesmas fantasias com idêntico conteúdo. Eu tenho uma resposta pronta para isso, e eu sei que parece ousada. Eu acho que estas fantasias primordiais [...] são um patrimônio filogenético. Nelas, o indivíduo ultrapassa sua vivência própria em direção à vivência da pré-história, nos pontos em que o primeiro foi demasiado rudimentar. Parece-me muito possível que tudo o que hoje não é contado na análise como fantasia [...] foi uma vez realidade nos tempos originários da família humana, e que a criança que fantasia não fez mais do que preencher as lacunas da verdade individual com uma verdade pré-histórica. Repetidas vezes temos suspeitado que a psicologia das neuroses tem conservado para nós, das antiguidades da evolução humana, mais do que todas as outras fontes. (FREUD, 1991/1916, p. 338)²⁰⁴

São então estas fantasias originárias, baseadas em cenas originárias [*Urszenen*], que nosso autor tenta estabelecer a realidade primeira, a base material para esta herança psíquica tão rica e crucial para a formação patológica. Tal modalidade de fantasia seria um evidente expoente da necessidade de relacionar o que fundamenta a fantasia como um aquém, com algo que transcende simultaneamente a vivência individual e o imaginado. “Na noção de fantasia originária confluem o que se pode chamar do desejo de Freud de descobrir o alicerce do evento e a exigência de basear a estrutura da própria fantasia em alguma outra coisa que não o evento” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, pp. 50-51). Ainda, se tomarmos a fantasia enquanto cenário do desejo, com Mezan, e concordarmos que existem cenários típicos, fica mais plausível aceitar a tese de que existam de fato

²⁰⁴ “El resultado es el mismo, y hasta hoy no hemos logrado registrar diferencia alguna, en cuanto a las consecuencias de esos sucesos infantiles, por el hecho de que en ellos corresponda mayor participación a la fantasía o a la realidad [...]. ¿De dónde vienen la necesidad de crear tales fantasías y el material con que se construyen? No cabe duda de que su fuente está en las pulsiones pero queda por explicar el hecho de que en todos los casos se creen las mismas fantasías con idéntico contenido. Tengo pronta una respuesta para esto, y sé que les parecerá atrevida. Opino que estas *fantasías primordiales* [...] son un patrimonio filogenético. En ellas, el individuo rebasa su vivenciar propio hacia el vivenciar de la prehistoria, en los puntos en que el primero ha sido demasiado rudimentario. Me parece muy posible que todo lo que hoy no es contado en el análisis como fantasía [...] fue una vez realidad en los tiempos originarios de la familia humana, y que el niño fantaseador no ha hecho más que llenar las lagunas de la verdad individual con una verdad prehistórica. Una y otra vez hemos dado en sospechar que la psicología de las neurosis ha conservado para nosotros de las antigüedades de la evolución humana más que todas las otras fuentes.” (in: FREUD, S. **Obras Completas**, v. XVI. Trad.: José L. Etcheverry. Amorrortu editores: Buenos Aires, 1991, p. 338).

fantasias originárias, as quais “organizam a vida fantasmática do sujeito independentemente de suas experiências pessoais. Pertencem ao rol das fantasias originárias a cena de sedução, a cena do coito parental, a castração etc. Sua universalidade se explica, segundo Freud, por sua origem filogenética” (MEZAN, 2013, p. 72).

Para concluir a presente argumentação num diálogo mais próximo com nosso principal interlocutor da obra freudiana, a saber, Luiz Roberto Monzani, retomemos algumas afirmações já feitas e outras adicionais, de forma a tecer um comentário final sobre o até então exposto. De fato, é bastante evidente a variação tanto do peso quanto da significação conferidas aos termos em períodos distintos da obra, fórmula que se aplica muito bem aos conceitos aqui trabalhados, sobretudo no que concerne à predisposição e à etiologia neurótica, aqui abordados com maior profundidade. Freud realmente não nega o papel da hereditariedade em absoluto na etiologia referida, mas o diminui drasticamente, já que o esquema filogenético depende muito mais de novas experiências reatualizadoras do que da simples passagem de cargas genéticas. Ainda, é também bastante coerente e acertada a perspectiva de que depois da sedução a sexualidade e a hereditariedade se entrelaçam, a ponto de em algum momento a sexualidade ser erigida ao tema central das investigações do psicanalista. No artigo “*A fantasia freudiana*”, Monzani alude a insistência de Freud “nesse lamarckismo já bastante ultrapassado” como necessidade teórica, já que “só este, na verdade, poderia resolver o problema com o qual Freud se defronta” (MONZANI, 1991, p. 101), qual seja, arranjar a causação das doenças nervosas em vista da complementaridade. Para o comentador, somente no texto “*O homem dos lobos*” haverá algum sucesso explicativo mais grave, através da exposição dos esquemas congênitos - “o esquema, tal como as categorias kantianas, só se atualiza através da experiência, mas, ao contrário destas últimas, já possui um conteúdo virtual, uma espécie de matriz, de guia, que embora necessite da experiência, a informa e a preenche” (MONZANI, 1991, p. 102). Tais formações tratariam de “esquemas virtuais que só se cristalizariam, só se concretizariam através das determinações empíricas que serviriam então para catalisar as fantasias sem, no entanto, fazer destas um produto já pronto e acabado que o sujeito carregaria consigo desde seu nascimento” (MONZANI, 1991, p. 103), de modo que Freud seria obrigado a construir uma fantasia para dar uma base real ao conceito de fantasia, o que soa ao nosso interlocutor como uma característica do procedimento freudiano - o método de fantasiar cientificamente. “O que se acostumou denominar o positivismo, o mecanicismo de Freud, na verdade nada mais é que a transformação, o metabolismo especulativo operado por ele na base dos conceitos advindos desse campo” (MONZANI, 1991, p. 104).

Comentadas então as partes mais fundamentais das últimas conferências apresentadas por Freud no período de inverno da Universidade de Viena, esperamos ter demonstrado, no presente capítulo, os seguintes pontos:

- a) Em 1897, com o reconhecimento da crise teórica implicada pela teoria da sedução, Freud vê-se obrigado a rever o arranjo etiológico então vigente para pensar de forma mais verossímil à realidade clínica o tratamento psicanalítico então empreendido por ele próprio. Rever a teoria da sedução não significou abandoná-la, mas sim deixá-la em dormência, até que em um momento teórico mais oportuno a pudesse revitalizar;
- b) As cartas e os rascunhos de 1897 são importantes fontes para entender qual o futuro da teoria psicanalítica, principalmente no que concerne ao retorno a uma endogenia explicativa para a irrupção neurótica, não em direção à hereditariedade de Charcot mas à formação das fantasias e à influência dos impulsos, sendo estes então os dois fatores principais à época para a formação patológica.
- c) Com os textos sobre o esquecimento de 1898 e 1899 vemos Freud avançar quanto à noção de fantasia rumo à certeza da realidade das formações inconscientes, as quais se impõe mesmo ao indivíduo normal, não doente, o que indica primeiramente a eficácia inconsciente na vida cotidiana, através de lapsos de memória ou encobrimento de lembranças via ação da fantasia. Esta, junto com os referidos lapsos, é posta na esteira da produção inconsciente, junto aos sintomas e aos sonhos, o que abre então a possibilidade de que um estudo pormenorizado sobre os sonhos esclarecesse sobre o mais crucial tema a uma terapêutica rigorosa: a etiologia neurótica.
- d) No tratado sobre os sonhos ficam claras as relações entre recalçamento, formação substitutiva, formação sintomática e inconsciente. A fantasia, enquanto palco do desejo, preconiza os produtos inconscientes, sejam eles oníricos ou patológicos, pois faz-se presente em ambas as modalidades anímicas. Em “*A interpretação dos sonhos*” Freud passa a dar pistas mais concretas sobre a relação que à época já enxergava quanto ao passado da espécie e as formações inconscientes.
- e) Ao retornarmos para 1915, vemos de que modo a antiga oposição externo *versus* interno, deveras latente na passagem da sedução à fantasia é mitigada por uma postura de complementação da qual lança mão nosso autor: com o conceito de séries complementares, na falta do fator constitutivo advém o acidental e vice-versa. Ainda, vemos também a complementaridade aplicada à questão da presença arcaica na irrupção psicopatológica atual: se falta às fantasias provocadas pela vivência atual eficácia patológica, o arcabouço do que é preservado através das pulsões é

evocado para completar o que falta em vivências referentes ao que seria originário em termo do adoecimento neurótico. Em lugar de endógeno e exógeno fala-se em fixação libidinal e frustração da satisfação, de modo que o conflito preconiza o adoecer, à maneira como se deram as coisas para nossos antepassados.

CONCLUSÃO

Freud é, sem dúvidas, um pensador elementar à composição filosófica e científica do século XX. Sua obra, de extenso alcance cultural, deve ser lida com extrema atenção, pois cada texto é testemunho do embate do investigador Freud com seus problemas de pesquisa. Seus escritos iniciais são cruciais para compreender de modo mais verossímil as nuances e avanços de seu pensamento, além de lançarem luz sobre os textos encontrados depois de sua morte, os quais muitas vezes são obscurecidos pela falta de encaixe imediato ao restante da obra. O manuscrito *“Neuroses de transferência”* é um destes textos misteriosos, que dizem muito em poucas palavras. No entanto, torna-se evidente, em vista de pesquisas sobre o escrito póstumo, que o fato de este não ter sido publicado não tira sua tese central - a hipótese filogenética - do *corpus* teórico freudiano. Primeiro porque em outra obra, da mesma época e publicada - as *“Conferências introdutórias à psicanálise”* - encontramos reflexões profundas e precisas sobre a relação entre filogênese e adoecimento neurótico; e, mais ainda e principalmente, porque os trabalhos da década de 1890, inauguradores da psicanálise, já apresentam reflexões sobre a origem da causação patológica, problema que enseja a criação da hipótese mencionada.

No primeiro capítulo da presente investigação a hipótese filogenética é exposta tal qual se encontra no texto póstumo de 1915, de modo a elucidá-la à maneira como é ali apresentada por Freud. Isto feito, nossa atenção é direcionada aos textos encontrados no entorno de 1890, demonstrativos da influência exercida pelo mestre francês, Charcot, no pensamento etiológico do psicanalista - Freud pensava a hereditariedade como causa primeira do adoecimento histórico. Com os trabalhos de 1892 e 1893, Freud aprofunda sua compreensão sobre as neuroses, e rompe então com o hereditarismo do antigo mestre, ao passo que visa construir uma explicação causal para o adoecimento anímico que contasse com o acidente traumático enquanto conceito chave. No segundo capítulo avançamos para o ano de 1894, fundamental para a tese da causação exógena, já que nele toda a psicopatologia considerada pelo autor orbita em torno da noção de *“neuropsicoses de defesa”*. Em 1895 Freud prossegue com a certeza sobre a influência externa no adoecimento, com vistas à construção de uma terapêutica para tanto. No entanto, como demonstrado no terceiro capítulo, todo o arranjo teórico construído pelo criador da psicanálise entre 1888 e 1895 é duramente abalado, em 1896, com a insustentabilidade dos dois momentos do trauma e a não resolução dos problemas clínicos. Freud não abandona completamente, mas deixa a teoria da sedução em suspensão, para retomá-la em condições mais favoráveis. O quarto capítulo apresenta por fim o

surgimento da teoria da fantasia junto à interpretação dos sonhos, para então retornarmos a 1915 a fim de demonstrar o vínculo entre estes dois momentos demarcados na obra do autor, a saber, do surgimento da psicanálise com sua sustentação metapsicológica.

Dizer que a neurose é um fato gerado por acidentes traumáticos implica à teoria a causalidade exógena; por outro lado, falar da constituição interna como a fonte do adoecer é considerar o vetor endógeno - Freud, de 1888 a 1900, vai de uma endogenia hereditarista à exogenia da impressão, para enfim voltar a uma endogenia que sobrepuja o hereditário para considerar a sexualidade. Esse movimento deixa marcas teóricas indeléveis em suas reflexões, a ponto de ser necessário criar, para a fantasia, o seu fundamento, sua sustentação na realidade. “Se Freud, no início da psicanálise, deixa de lado a teoria da sedução, não pode, contudo, aceitar o desligamento entre realidade psíquica e material. A investigação psicanalítica não deixa de buscar o evento originário real que fundamenta a fantasia” (SORIA, 2005, p. 99), e é na esteira dessa preocupação que o autor encontra uma saída bastante interessante ao dualismo natureza *versus* criação / genético *versus* ambiente: com o conceito de séries complementares, Freud equilibra, equaliza o lugar e a força de ambos os fatores em seu entendimento etiológico, o que o leva a uma reformulação curiosíssima sobre o passado da espécie. Recuar na história coletiva do ser humano não é somente indicar a realidade do molde, das fantasias originárias, mas também unificar a experiênciado adoecimento neste ponto específico, uma vez que a humanidade partilharia desta origem comum. Se “Freud parece nos colocar numa terceira posição, entre Hume e Kant” (MONZANI, 1991, p. 103), como quer Monzani, temos apenas mais um indicativo de que a hipótese filogenética, e todo o restante da obra do psicanalista, que exige a criação desta, são pontos fulcrais à concepção mesma do saber freudiano, ainda que, para encontrar a ocorrência primeira das impressões que geram as fantasias mais primordiais, Freud tenha de fantasiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Obras de Freud

Edições de referência para o presente estudo:

FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887 - 1904.** Trad.: Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986. (C.F.)

FREUD, S. **Aus den Anfängen der Psychoanalyse : Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902.** Londres: Imago Publishing Co. Ltd., 1950. (B.F.)

FREUD, S. **Gesammelte Werke**, 17 Volumes, Londres: Imago Publishing Co. Ltd., 1952. (G.W.)

FREUD, S. **Obras Completas**, 24 volumes. Trad.: José L. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992. (A.E.)

FREUD, S. **Obras Incompletas**, 10 volumes. Trad.: Maria Rita Salzamo Moraes, Belo Horizonte: Autêntica Editora (O.I.). (Ainda em publicação).

FREUD, S. **Standard Edition**, 23 Volumes. Trad.: James Strachey, Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1966. (S.E.)

Textos do autor:

FREUD, S. **Histeria** (*Hysterie*), S.E., I; A.E., I. (1888)

_____. **Tratamiento psíquico (tratamiento del alma)** (*Psychische Behandlung (Seelenbehandlung)*), A.E. I; G.W. V. (1891)

_____. **Hipnosis**, A.E. I. (1891)

_____. **Un caso de curación por hipnosis** (*Ein Fall von hypnotischer Heilung*), A.E. I; G.W. I. (1892-1893)

_____. **Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, 'Leçons du mardi de la Salpêtrière'**, A.E., I. (1892-1893)

- _____. **Bosquejos de la ‘Comunicación preliminar’ de 1893.** A.E. I. (1892)
- _____. **Manuscrito A** (*Manuskript A - Probleme*), A.E., I; B. F. (1892)
- _____. **Manuscrito B - La etiología de las neurosis** (*Manuskript B - Die Ätiologie der Neurosen*), A.E., I; B. F. (1893)
- _____. **Algunas consideraciones con miras a un estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas** (*Quelques Considérations pour une Étude Comparative des Paralysies Motrices Organiques et Hystériques*), A.E., I; G.W., I. (1893)
- _____. **Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos** (*Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene*), A.E. III; G.W., I. (1893)
- _____. **Las neuropsicosis de defensa** (*Die Abwehr-Neuropsychosen*), A.E. III; G.W. I. (1894)
- _____. **Obsessions et Phobies. Leur Mechanisme Psychique et leur Etiologie**, G.W. I. (1894)
- _____. **Manuscrito D - Sobre la etiología y la teoría de las grandes neurosis** (*Manuskript D - Zur Ätiologie und Theorie der Grossen Neurosen*), A.E., I; B. F. (1894)
- _____. **Manuscrito E - ¿Cómo se genera la angustia?** (*Manuskript E - Wie die Angst entsteht*), A.E. I; B. F. (1894)
- BREUER, J.; FREUD, S. **Estudios sobre la histeria** (*Studien über Hysterie*), A.E. I; G.W. I. (1895)
- _____. **A proposito de las críticas a la neurosis de angustia** (*Zur Kritik der ‘Angsneurosen’*), A.E. III; G.W. I. (1895)
- _____. **Manuscrito G - Melancolía** (*Manuskript G - Melancholie*), A.E., I; B.F. (1895)
- _____. **Manuscrito H - Paranoia** (*Manuskript H - Paranoia*), A.E., I; B. F; O.I. (1895)

_____. **Projeto de uma psicologia científica.** Trad.: Osmyr Faria Gabbi Jr, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003. (1895)

_____. **Manuscrito K - As neuroses de defesa** (*Manuskript K - Die Abwehrneurosen*), O.I.; B. F. (1896)

_____. **L'Hérédité et L'Étiologie des Névroses**, G.W. I. (1896)

_____. **Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa** (*Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*), A.E. III; G.W., I. (1896)

_____. **La etiología de la histeria** (*Zur Ätiologie der Hysterie*), A.E. III; G.W. I. (1896)

_____. **Manuscrito L** (*Manuskript L*), C.F.; B.F. (1897)

_____. **Manuscrito M** (*Manuskript M*), C.F.; B.F. (1897)

_____. **Manuscrito N** (*Manuskript N*), C.F.; B.F. (1897)

_____. **Carta 139 [69]**, O.I. (1897)

_____. **La sexualidad en la etiología de las neurosis** (*Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen*), A.E. III; G.W. I. (1898)

_____. **Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria** (*Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit*), A.E. III; G.W. I. (1898)

_____. **Sobre lembranças encobridoras.** Trad.: André Carone, São Paulo, 2020. (1899)

_____. **A interpretação dos sonhos.** Trad.: Renato Zwick, Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. (1900)

_____. **Sobre tipos neuróticos de adoecimento**, O.I. (1912)

_____. **Neuroses de transferência: uma síntese.** Trad.: Abram Eksterman, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. (1915)

_____. **Conferencias de introducción al psicoanálisis, A.E. XVI.** (1915-1916)

2) Obras Auxiliares:

ANDERSSON, O. **Estudos sobre a pré-história da psicanálise.** Trad.: Luis Carlos Uchôa Junqueira. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2000.

ANZIEU, D. **A auto-análise de Freud.** Trad.: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana.** Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

BOCCA, F. V.; PEREZ, D. O. **Por uma história sem finalidade: de Kant e Freud a Darwin e o darwinismo,** in: *Freud: filosofia e psicanálise.* São Carlos: EDUFSCar, 2019.

CORRÊA, F. S. **História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva.** Tese de doutorado - UNICAMP. Campinas: 2013.

FERRETTI, M. G. **Ontogênese e filogênese em Freud: uma visão de conjunto.** Tese de doutorado - UNICAMP. Campinas: 2014.

FOUCAULT. **História da Loucura na Era Clássica.** Trad.: José Teixeira Coelho Netto. Editora Perspectiva: São Paulo, 1978.

GARCIA-ROZA, L. A. "Introdução à metapsicologia freudiana", v. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

GAY, P. **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan.** Trad.: Isa Mara Lando; Paulo Cesar Souza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

GÓRGIAS. In: **Revista ETHICA,** Rio de Janeiro, v. 16, n.2, pp. 201-212, 2009.

GRUBRICH-SIMITIS, I. **Metapsicologia e Metabiologia**, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LACAN, J. J. **Os escritos técnicos de Freud**. Trad.: Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1986.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Trad.: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia**. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

MONZANI, L. R. **A “fantasia” freudiana**, in: *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____. **O que é a filosofia da psicanálise?**, in: *Philosophos*. Goiânia: jul/dez 2008.

_____; SORIA, A. C. S. **Freud: Filosofia e Psicanálise** (orgs.), São Carlos: EDUFSCar, 2019.

_____. **Freud: o movimento de um pensamento**, Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**, São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2013.

PESSOA, F. **Poesias inéditas e poemas dramáticos**. L&PM Editores: Porto Alegre, 2019.

SILVEIRA, L. **Esquema filogenético e campo transcendental: sobre as concepções de fantasia em Freud e em Lacan**, in: *Freud: filosofia e psicanálise*. São Carlos: EDUFSCar, 2019.

_____. **Freud e o peso do gelo**, in: *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, São Paulo, v. 22, 2017.

SENECA. **Da tranquilidade da alma**. Trad.: Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

SORIA, A. C. S. **Do indivíduo à cultura: Um estudo sobre Freud**, Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

WINOGRAD, M. **Disposição e acaso em Freud: uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento**, in: *Natureza Humana*, v.9, n.2. São Paulo: dez/2007.

WOLLHEIM, R. **As ideias de Freud**. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

3) Dicionários:

Der kleine WAHRIG Wörterbuch der deutschen Sprache. Munique, 1ª edição: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co, 2007.

Diccionario la lengua española - Real Academia Española, versão online. Disponível em: <https://dle.rae.es/>

Duden, versão online. Disponível em: <https://www.duden.de/woerterbuch>

Le Petit Larousse, versão online. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>